A QUEDA ORIGINAL SEGUNDO O ESPIRITISMO

*

OS QUATRO EVANGELHOS e O LIVRO DOS ESPÍRITOS

A QUEDA ORIGINAL SEGUNDO O ESPIRITISMO
J.-E. Guillet

Pesquisa e Coordenação:
Jorge Damas Martins

Tradução:
José Antônio Carvalho

Publicação autorizada segundo o Serviço Reproduction da
Bibliotheque Nationale de France (Client: 82170).

*

OS QUATRO EVANGELHOS E O LIVRO DOS ESPÍRITOS
J.-E. Guillet

Pesquisa e Coordenação:
Jorge Damas Martins

Tradução:
Guillon Ribeiro

CAPA:
Julio Damasceno e Azamor Serrão Neto

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
PROIBIDA A VENDA

A reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, somente será permitida com autorização por escrito do editor.
(Lei nº 9.610 de 19.02.1998)

Impresso no Brasil
Presita en Brazilo

Direitos reservados a:
CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS BEZERRA DE MENEZES
Rua Bambina, 128 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ
CEP: 22.261-050
www.crbbm.org
Tel.: (21) 2266-2901 e 2266-6567

ÍNDICE

LEMBRANDO GUILLET 05

LIVRO 01: *A QUEDA ORIGINAL SEGUNDO O ESPIRITISMO* 11

Prefácio (Original) — A meus irmãos espíritas 13
Introdução 15
CAP. I. Considerações morais 17
CAP. II. Considerações evangélicas 29
CAP. III. Considerações fluídicas 35
CAP. IV. Considerações medianímicas 45
CAP. V. Apêndice 01 — Nossos poetas 77
CAP. VI. Apêndice 02 - Considerações fisiológicas 103
CAP. VII. Apêndice 03 - Considerações psicológicas 109
EPÍLOGO. 121

LIVRO 02: *OS QUATRO EVANGELHOS E O LIVRO DOS ESPÍRITOS.* *123*

REGISTROS HISTÓRICOS 153

LEMBRANDO GUILLET

"Respeitamos todas as crenças, mesmo a incredulidade,
que é uma espécie de crença". – Allan Kardec
(Revista Espírita, Fev. 1858, pág. 91 – ed. FEB)

"A ideia é a mesma; mas, para o vosso entendimento humano,
o espiritualismo conduz ao espiritismo
e o espiritismo tem que conduzir à espiritualidade".
(Os Quatro Evangelhos, de J.B. Roustaing, Vol.4, Item 47)

Espiritualidade é uma experiência interior. Pessoal. Íntima. Tem aversão à exposição pública. À multidão. Prefere sempre o silêncio, a quietude, a delicadeza da sensação na intimidade do coração.

A religiosidade pode até alcançar este patamar superior, da sublimidade reservada, da epifania discreta, intrínseca, profunda; mas no patamar evolutivo em que nos encontramos ela é geralmente mais superficial, exterior, institucional, social, diríamos, no sentido de identidade cultural.

São duas experiências distintas. Nos seus extremos inferiores, revelam-se quase opostas: "O reino de Deus está dentro de vós" (Lc.17:21) ... "O meu reino não é deste mundo" (Jo.18:36). Nos seus extremos superiores, confundem-se numa só voz: "Eu e o Pai somos um" (Jo.10:30). "O Pai que está em mim faz as obras dele" (Jo.14:10).

Entre esses dois extremos, quantas variações e possibilidades...

Quem poderia traduzir igualmente o amor?

Cada qual o sente do seu jeito, e é quase impossível a manifestação de seu sentir com palavras que não sejam as suas, que não venham de seu coração.

Converse com seus amigos e familiares. Experimente pedir-lhes que traduzam seus sentimentos de religiosidade ou espiritualidade SEM SE SERVIR DE TEXTOS ESCRITURÍSTICOS para expressar-se ou trazer referências. Desafie-os a utilizarem apenas as suas próprias palavras...! A falar com naturalidade aquilo que pensam, que sentem, o que experimentam muitas vezes em si sem a oportunidade de trazer à tona, de conversar com alguém, de trocar impressões.

Posso adiantar que não é um exercício fácil. Ao contrário. Sem nos darmos conta, viramos apenas repetidores de verdades e experiências alheias, e perdemos um pouco a prática de explanar, revelar, compartilhar com os que amamos aquilo que se passa nas camadas mais profundas de nossas mentes e corações.

Temos também dificuldade em ouvir.

Quando tratamos desses assuntos, quase sempre esperamos também do outro a utilização dos jargões e expressões típicas do nosso credo, das imagens e ensinos a que estamos habituados e com os quais nos identificamos. Se houver da parte do interlocutor uma manifestação natural, pessoal, sem esse tipo de "embalagem", sua fala pode nos parecer simplória, pobre, destituída de maior interesse ou relevância pelo pecado de ser pessoal e simples.

Ah, amigos, quanta arrogância encontramos nas conversas religiosas, inclusive no meio espírita! Quanta pretensão à sapiência, pela simples repetição do que se compra no varejo de livros. Quanto orgulho sectarista, quanto rigor, quanta dureza de coração, frente ao irmão que pensa ou sente diferente daquilo que elegemos como verdade. Quantas vezes já testemunhamos discursos inflamados sobre pureza doutrinária, sem nem uma palavra sobre pureza de coração! Artigos sanguinolentos, irônicos, maldosos mesmo, dirigidos a confrades ou instituições do mesmo ideal, condenados publicamente pelo "crime" do exercício da liberdade de pensamento... Isso em um movimento que tem por bandeira o "Fora da Caridade não há salvação", onde caridade significa "benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas" ("O Livro dos Espíritos", P. 886). Que contradição!

Para outros tantos a paz está no silêncio. Melhor calar que discutir... acreditam.

Nós preferimos dialogar. Conversar. Trocar ideias. Compartilhar livros. Lê-los juntos. Falar gostosamente sobre eles, dando todo o tempo do mundo para que cada um destaque de suas páginas aquilo que melhor lhe pareceu, pelo simples prazer de falar, de ouvir, de comungar pensamentos e sentimentos com aqueles que amamos e com quem temos prazer de estar.

Esse livro é um manifesto pela liberdade de pensamento.

Um tributo a um dos valores mais genuínos de nossa Doutrina, e que não podemos perder. Não consentiremos que esse tempo raivoso que vivemos, cheio de patrulhas do pensamento, de todos os tipos, nos contamine. Ao contrário. Pelas muitas e muitas bênçãos recebidas, pelo entendimento alcançado a partir das luzes espíritas, não devemos nos furtar de tentar dar o exemplo. De mostrar a todos como é possível preservar a leveza e a fraternidade em qualquer diálogo, mesmo que com opiniões diversas ou divergentes.

As flores de um mesmo jardim não se confrontam, pela constatação da variação de suas cores ou perfumes...

***

Jacques E. Guillet é ainda pouco conhecido no meio espírita brasileiro, embora tenha sido uma figura muito querida, e respeitada, no movimento espírita francês do século XIX.

Uma das de suas obras que aqui trazemos - "Os Quatro Evangelhos e o Livro dos Espíritos" – teve duas edições da Federação Espírita Brasileira, (1a. Ed. em 1938, 2ª. Ed., em 1942), por iniciativa e com tradução do gigante Guillon Ribeiro – mas não sabemos de nenhuma outra publicação deste volume, desde então, o que a fez cair no olvido.

Em seu prefácio dessa obra, "Ligeira Notícia", o inolvidável Guillon Ribeiro destaca sem meias palavras o valor dessa preciosidade que ora resgatamos:

"Sem embargo do título significativo que lhe foi dado, e no qual se acha indicado todo o seu objetivo, ninguém, antes de perlustrar, do princípio ao fim, esta pequena monografia, imaginará que em tão reduzido número de páginas esteja uma obra de alto mérito e grande alcance".

Guillon Ribeiro acrescenta ainda que Guillet conviveu com Kardec, "no antigo tempo", "nas fileiras espíritas".

As informações de que dispomos, a seu respeito provém do seu obituário, registrado na edição de dezembro de 1900 da Revista Espírita, págs. 753 e 754, tendo por autor Pierre Gaetan Leymarie:

"Morreu em Lion o Sr. J.E.GUILLET, muito conhecido no mundo espírita. Excelente esposo, bom pai, ele deixa os seus com imensa dor. A nossa simpatia à viúva, à família e a todos as nossas condolências.

Tecelão especializado em seda, obstinado trabalhador, inteligência incomum que buscava o entendimento de seu destino. À noite, após penosas jornadas de trabalho, ele estudava filosofia e também se dedicava como professor de música. O Espiritismo foi para ele uma grande revelação, clara, consoladora e luminosa, que o reconfortava e reconduzia suas aspirações a um objetivo superior e muito bem definido.

Este humilde lecionou música durante 35 anos no Liceu de Saint-Lambert, em Lion, e, também, no Liceu Ampère, tendo a confiança de todos e a estima de seus esclarecidos diretores. Desta forma ele sempre sustentou sua numerosa família e sua querida e devotada companheira. Sempre foi um fiel e seguro amigo.

Determinado adepto da obra de J.B. Roustaing, ele editou dois volumes em defesa das teorias deste grande autor. Estas obras podem ser encontradas na nossa livraria e certamente merecem ser lidas".

As duas obras citadas por Leymarie vêm enfeixadas no volume que ora apresentamos aos nossos prezados leitores.

"La Chute" ("A Queda") teve seu lançamento registrado nas páginas da Revista Espírita em sua edição de Outubro de 1884 (Pág.620); "La Chute & Les Quatre Evangiles de J.-B. Roustaing et le livre des Esprits" tem seu anúncio de vendas na livraria da Revista Espírita em 1º. de setembro de 1886 (Pág.576).

Além dessas duas obras, temos também notícia de mais duas publicações do mesmo autor, indicadas igualmente nas páginas da Revista Espírita:

• O lançamento de "L'Amour et le Marriage selon Spiritisme" ("O Amor e o Casamento segundo o Espiritismo") – Revista Espírita, 15 de Fevereiro de 1888, págs. 125 e 126[2].

• O anúncio da tradução italiana de "La Chute", feita por Charles de Palis, divulgada na edição de 15 de julho de 1886, pág. 479.

Guillet escreve por amor. Amor à Verdade. Suas publicações surgem em meio à intenso debate sobre a obra de Roustaing, em França, ocorrido nos anos 80 do século XIX, conforme registrado pelo nosso confrade Jorge Damas Martins na introdução da edição brasileira de "Os Quatro Evangelhos – Resposta às Críticas de seus Adversários", 1ª. ed., edição do autor, (2007).

Entendendo à perfeição a complementariedade natural das obras de Kardec e Roustaing, e considerando-as, em conjunto, como duas obras "fundamentais" de nossa Doutrina, Guillet dá um passo à frente e soma sua voz ao coro dos defensores dos "Evangelhos Explicados", desenvolvendo o estudo mais completo e prospectivo sobre a queda espiritual produzido pelo movimento espírita, na França do século XIX:

"O Livro dos Espíritos" é, pois, segundo Allan Kardec, o critério da verdade e eu sou absolutamente da sua opinião. Mas, por isso mesmo é que admiro os Evangelhos de Roustaing: é que eles me ajudaram a apreender o sentido desse Livro precioso e são a ÚNICA obra em COMPLETO acordo com ele". ("Os Quatro Evangelhos e O Livro dos Espíritos", pág. 146 desta ed.)

Nas mãos inspiradas de Guillet, confirma-se a promessa do Cristo:

"Todas as vezes que vos levarem perante as sinagogas, os ma-

2 Já temos esse volume também traduzido para o português, em breve daremos publicidade.

gistrados e as autoridades, não vos preocupeis como ou com que vos defendereis ou o que falareis; porque o santo Espírito vos ensinará nessa mesma hora o que deveis dizer" (Lc.12: 11 e 12)

Guillet era simplesmente ESPÍRITA. Uma pessoa comum, um dedicado professor de música. Ele NOS representa, a cada um de nós, sensibilizados pela volta do CRISTIANISMO DO CRISTO. Foi acima de tudo um estudioso das escrituras e das obras básicas de nossa Doutrina – a Codificação Kardequiana e Os Quatro Evangelhos, de Roustaing – e vivamente interessado em acompanhar os progressos da ciência de seu tempo. Em defesa do Evangelho e das luzes novas das Vozes do Céu, no entanto, seu coração se inflama, e suas palavras se transformam!

Que vivacidade na exposição de suas ideias!

Que honestidade intelectual!

Que naturalidade! Sem rodeios, sem disfarces, sem meias palavras! Que simplicidade de coração!

Talvez por isso Deus o recompense com intuições e antecipações muitas vezes brilhantes, sobre diversos pontos da Doutrina, depois de trechos longos e às vezes turvos em seu enunciado. Parece que quando o coração vibra e sua mente se acende a inspiração lhe bafeja com as mais nobres revelações.

Tem também o mérito de ter produzido um dos primeiros estudos comparados das obras de Kardec e Roustaing, de que se tem notícia, chamando-nos a todos a atenção para a importância do estudo conjunto dessas duas pérolas de espiritualidade superior.

Contemplando suas elucubrações, é alentador constatar o quanto avançamos, de lá para cá, com o estudo conjunto das obras de Kardec, Roustaing e Ubaldi; o quanto elas nos esclarecem sobre pontos que aos confrades das primeiras horas de nossa Doutrina pareciam ainda obscuros ou contraditórios.

Guillet faz o que todos deveríamos fazer.

Estuda.

Explora.

Pensa.

Comenta.

Busca.

Pesquisa.

Traz referências.

Manifesta suas impressões, sem constrangimentos por receio de ser mal entendido ou interpretado, mas com o mais legítimo respeito à opinião e ao pensamento de terceiros.

Divulga com emoção o que lhe toca o coração...

A CRBBM traz à lume o seu trabalho, para homenagear os esforços de todos os nossos pioneiros, os construtores humildes e anônimos que regaram com suas lágrimas as raízes de nossa Doutrina e nosso movimento, nas suas primeiras horas.

Que não os esqueçamos jamais, mas principalmente, que não condenemos ao olvido os valores que tão bem representam – sua simplicidade de coração, sua espontaneidade, sua fraternidade alegre e liberdade de pensamento e expressão.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer mais uma vez ao nosso Jorge Damas o esforço de pesquisa, nos arquivos da Biblioteca Nacional da França e outros antigos acervos, como também pela coordenação desse trabalho que ora depositamos nas mãos de nossos leitores e amigos. Que Deus o abençoe com mais luz em sua jornada, pelo empenho que tem tido de acender luzes pelos caminhos por onde passa, para benefício de todos.

Aos mentores de nossa CASA, e em especial aos nossos amigos Indalício Mendes e Ivo de Magalhães, que sempre nos assistem na orientação da Divulgação Doutrinária, pedimos as suas vibrações para mais essa floração de nosso jardim...

Aos companheiros de ideal, o nosso abraço.

O melhor bem é o que fazemos juntos!

A todos, boa leitura, e que Deus nos abençoe, hoje e sempre!

Julio Damasceno
Pela CRBBM

02 de Junho de 2017
XIII Congresso Jean Baptiste Roustaing
Anápolis - GO

A QUEDA ORIGINAL

SEGUNDO O ESPIRITISMO

SÍNTESE ESPIRITUALISTA

POR

J.-E. GUILLET

Tradução de JOSÉ ANTONIO CARVALHO
Pesquisa e Coordenação de JORGE DAMAS MARTINS

"Àquele que, com exceção dos matemáticos puros, pronuncia a palavra impossível falta-lhe prudência".
ARAGO

Título do original: La Chute originelle selon le Spiritisme

PARIS

LIVRARIA
LIVRARIA DES SCIENCES PSYCHOLOGIQUES

AUGUSTE GHIO EDITOR
EDITOR

Rua des Petis-Champs, 5
Palais-Royal, Galeria d'Orleans.

Tipografia

Paris. — Tipografia G. ROUGIER e CIA, rua Cassette, 1.
1884

PREFÁCIO (ORIGINAL)

A MEUS IRMÃOS ESPÍRITAS

A consciência obedece mal quando o espírito duvida, disse Lamartine. Esta palavra de um de nossos mais eminentes pensadores dá a razão de ser deste livro.

Em nossa época atormentada, em que a filosofia moderna procura seu caminho, era útil, parece-nos, apresentar sob uma forma concisa, mais lógica, os principais problemas que, geralmente, se impõem à inteligência, e é pelo espiritismo que nós os quisemos resolver.

Assim, temos desfiado diante dele as diversas teorias atualmente em voga, tais como materialismo, panteísmo, transformismo, etc.

O transformismo sobretudo foi objeto de uma discussão aprofundada por causa dos pontos de contacto que tem com o espiritismo, com o qual alguns escritores preconceituosos querem confundi-lo.

A doutrina da queda, posta em princípio em le Livre des Esprits [O Livro dos Espíritos] de Allan Kardec, e desenvolvida mais tarde nos Evangelhos de J. B. Roustaing, tem, portanto, necessidade de ser separada de uma aliança perigosa que só pode obscurecer o caráter principal da revelação espírita.

A reencarnação mal compreendida, com efeito, não tem melhores consequências do que o materialismo ou o panteísmo aos quais ela tem, por objetivo, que combater; é uma questão de palavras, não outra coisa.

Cabia ao espiritismo trazer à luz o porquê de nossa existência terrestre, e as consequências que daí resultam.

Muitos escritos foram publicados sobre este assunto; mas seus autores se prenderam mais à parte experimental ou moral do que à parte doutrinária.

Apenas a obra recente de M. A. Bellemare: Spirite et Chrétien [Espírita e Cristão], pôs em relevo a questão que é a essência da doutrina espírita. Mas esse livro, ditado pela fé, é antes de tudo uma exposição da queda do que uma discussão.

A teoria da queda original tem necessidade, no nosso entender, de ser examinada e comparada com cuidado para vencer o cepticismo.

Esse é o objetivo que nós nos propusemos dando à publicidade esta obra, fruto de longos anos de meditação.

O leitor verá que o espiritismo realmente revelou alguma coisa, o que quer que digam aqueles que só o consideram como uma variedade do transformismo.

Realmente, de resto, não valeria a pena ser espírita, ou dizer-se

tal, se não se soubesse sobre Deus e sobre o homem, sobre os Espíritos e sobre os mundos, nada além do que disto disseram todos os palingenesistas modernos.

Nossos adversários encontrarão, portanto, neste livro a resposta para todas as suas objeções, e a chave verdadeira da vida futura, tal qual aparece claramente no "Livro dos Espíritos", base da revelação espírita, e nos Evangelhos de J. B. Roustaing que, deles, são o mais belo comentário.

15 de setembro de 1884
J.-E. G.

INTRODUÇÃO

No fundo das crenças de toda a humanidade repousa uma lenda que cada povo interpretou à sua maneira, e que forma o pivô, o ponto fundamental de todas as religiões. Os Hindus, os Hebreus, estão entre os quais esta lenda está mais fortemente enraizada; e os Cristãos, descendendo em linha direta destes últimos, apoiando-se além disso sobre os mesmos Livros, aceitaram-na por sua vez, sem nela procurar o sentido verdadeiro. Queremos falar da queda original.

A mitologia grega nos oferece, por sua vez, uma amostra desta tradição na guerra dos Titãs. Ela nos representa os filhos do Céu e da Terra, amontoando montanha sobre montanha, Pélion sobre Ossa, para voltar ao Olimpo de onde tinham sido banidos por Júpiter.

Ao mesmo tempo, desde a mais recuada antiguidade, por toda parte vemos a humanidade suplicante oferecer sacrifícios, erigir altares, erguer fogueiras, imolar vítimas, com o objetivo de apaziguar a divindade ultrajada.

O que significa tudo isto? Sem nenhuma dúvida, é preciso crer que o homem, ser racional, desejando sondar o mistério de sua origem, desejou desse modo dar respostas para si mesmo; porque, ainda que o cepticismo, corrompendo tudo o que toca, tenha tentado atacar esta tradição universal, ela sempre suscitou homens prontos a defendê-la.

Por que essa luta? O que devemos crer? É preciso abandonar essa lenda, ou a ela ligar uma importância séria? Em uma palavra, deve-se dar razão àqueles que afirmam a queda ou àqueles que a negam? Tal é o problema:

À primeira vista, parece verdadeiramente despropositado negar uma coisa que não se compreende; e, ainda que o compreender seja a medida do crer, segundo a expressão de Bayle, o mais sábio, antes de se pronunciar sobre este grave assunto, é refletir.

Assim como o sentimento interno que faz aceitar a ideia de um Criador encontra sua razão de ser na inferioridade da criatura, da mesma maneira, também, o homem, consultando seu coração, acha que suas aspirações só podem ser satisfeitas além da Terra.

Lá se pode encontrar a ideia da queda? No ponto em que as ciências chegaram, ser-nos-á fácil, talvez, responder, não que semelhante questão seja do domínio da ciência positiva; mas queremos dizer somente que os conhecimentos atuais nos ajudarão a resolvê-la, precisamente porque nós nos apoiamos sobre eles para combatê-la.

Vê-se que nós nos propusemos demonstrar que a queda existe. — Sob que forma? É o que o leitor julgará.

CAPÍTULO I

CONSIDERAÇÕES MORAIS

Para saber se os Espíritos podem falir e decair, só temos que olhar à nossa volta. De que se compõe a humanidade terrestre? Sem ficarmos na superfície que, algumas vezes, sob exteriores pomposos, se escondem os mais vergonhosos vícios e as mais condenáveis ações, o que dizer desses seres depravados, criminosos e sanguinários que a história, mesmo a contemporânea, nos oferece o exemplo?

Responder-nos-ão que os Espíritos são mais ou menos bons seguindo o progresso que eles têm cumprido, e que aqueles que nos parecem tão malvados são apenas seres no princípio da vida espiritual? Seria o cúmulo do absurdo, porque seria preciso, então, supor que Deus começou por criar o mal!

"Os partidários do progresso contínuo, diz com excelência o Sr. Jules Simon, são forçados para explicar o mal, a admitir que Deus começou por criar um mundo de tal modo mau que nada se podia conceber de pior".

Pois que! a alma, no início, teria sido estigmatizada de todos os vícios, de todas as infâmias imagináveis quando a Bíblia afirma que Deus a criou à sua semelhança, isto é, sem mancha!

E, antes de tudo, a alma humana vem da animalidade selvagem ou da animalidade doméstica?

Se a alma vem da animalidade selvagem, ela tem todos os instintos, todos os apetites grosseiros da fera; neste caso, o homem primitivo sofreu a lei inflexível do mal de onde ele tira sua origem, e à qual ele não pode se subtrair.

Se a alma vem da animalidade doméstica, como se faz para que os instintos doces e sociáveis de que ele parecia animado pudessem se transformar em vícios hediondos, ao ponto de fazer do homem primitivo um ser feroz e cruel?

Qual dos dois, o animal doméstico ou o animal selvagem, progride mais em relação ao outro?

Se admitis a superioridade do selvagem, o animal doméstico retrogradou tornando-se feroz; se admitis a superioridade do animal doméstico, como explicar que o homem primitivo, que dele seria formado, seja cruel?

Para escapar desse dilema, é-se forçado de, por isso, chegar à agregação dos princípios anímicos entre eles, e que, pela transformação suprema formam o Espírito consciente. A alma não tem então nem vícios nem virtudes; é um ser novo tendo esquecido seu passado; é

inocente e ignorante, e só tem que evoluir no bem ou no mal segundo seus gostos e seu livre-arbítrio.

Mas o livre-arbítrio só se desenvolve progressivamente, o Espírito não é investido dele subitamente, em seu início. E é durante o tempo da infância espiritual que Deus o encarnaria nas trevas dos mundos inferiores? é nesse momento que o colocaria na escola do vício para ele aprender a prática da virtude?

Não, Deus o coloca na luz, no meio de guias devotados e benevolentes, que têm por missão de o pôr em guarda contra tudo o que pode fazê-lo cair de sua natureza angélica e o impediria de adquirir a ciência divina para a qual foi criado.

É só no momento em que o livre-arbítrio atingiu todo o seu desenvolvimento, que o Espírito é entregue a si mesmo; então, em virtude de sua liberdade, pode tornar-se anjo ou demônio segundo persevere nas vias luminosas, ou se precipite nas regiões trevosas.

Os filósofos que não admitem a queda não admitem também a retrogradação; para eles, a alma tem dois estados: ela fica estacionária ou ela avança, mas ela não retrograda. Isto talvez esteja certo sob o ponto de vista intelectual. Mas sob o ponto de vista moral, isto explica os vícios da humanidade? Como conciliar o mal com a Providência? Pois que Deus não criou o mal, como pode ele existir?

Problema insondável sem a queda!

Alegar-se-á que as relações sociais, os abusos da vida, os excessos inerentes à encarnação são a causa de muitas das faltas de energia moral.

Ah! quem o contesta? Mas a fonte de todos esses males, de todas essas faltas de energia moral, de todas essas torpezas, não está no espírito do próprio homem? Deixemos de lado os vícios inerentes à matéria, tais como a glutonaria, a preguiça, a luxúria, a avareza, etc.; mas o orgulho, o egoísmo, o ciúme, a inveja, o ódio, a dissimulação; o espírito de revolta, de dominação, de vingança, de cólera, de crueldade mesmo, tudo isto não provém diretamente do Espírito? E se ele traz todos estes vícios encarnando-se, onde ele os conseguiu? Nas existências anteriores, direis? Mas isto é adiar o problema ao invés de resolvê-lo!

O Espírito é então falível sobre a Terra e fora da Terra; portanto, está em si mesmo a causa de seu progresso ou de sua queda, encarnado ou não, sua evolução será sempre ação de sua liberdade. Certamente, a encarnação lhe traz seu contingente de misérias; mas tudo isto que a matéria poderá oferecer de atraente ou de sedutor não será implacavelmente repelido por um Espírito virtuoso? E não é o que se pode constatar nesses homens extraordinários que Deus envia de tem-

pos em tempos à Terra para fazê-la progredir e reacender as divinas esperanças?

Há uma distinção fundamental entre o bem e o mal; estes dois estados dependem de nosso livre-arbítrio. O bem, é tudo o que eleva o espírito e o aproxima do Criador; o mal, é tudo o que o degrada e d'Ele o distancia. O bem, são todas as virtudes que nos elevam acima de nós mesmos; o mal, são todos os vícios que nos rebaixam ao nível do animal. Em uma palavra, o bem, é o devotamento, o amor; o mal, é o egoísmo, o ódio!

É, pois, em virtude de nosso livre-arbítrio que podemos avançar ou recuar, progredir ou falir. Deus não podia nos privar da liberdade sem nos condenar à impotência; e como a criação é eterna como Deus, de toda a eternidade a liberdade tem existido, e, por consequência, de toda a eternidade também os Espíritos têm podido falir. Criação pela via do amor, liberdade da criatura, progresso sem limites, tal é, de toda a eternidade, a tripla base da Obra divina.

Os filósofos que se fazem os campeões da reencarnação obrigatória, sustentam que a alma humana só pode progredir ligada a um organismo que o sujeite ao trabalho, criando-lhe as necessidades. Para eles, o progresso verdadeiro só existe durante a encarnação; o tempo que os Espíritos passam entre suas existências corporais é um tempo de repouso e de preparação a uma nova etapa. O Céu está em toda parte e em parte nenhuma, porque o homem é cidadão do Céu, qualquer que seja o globo que ele habite .

Mas com o espiritismo, o universo muda totalmente de aspecto, porque o Céu, são os mundos etéreos onde o Espírito, livre de todo liame material, pode crescer eternamente percorrendo-os ao infinito; enquanto que os mundos materiais são apenas estações mais ou menos penosas para os Espíritos que neles estão encarnados pela queda ou por punição.

A encarnação é certamente um meio de progresso para o Espírito; mas, seria pegar a questão ao contrário, se se supusesse que ele só pode progredir neste estado; seria o mesmo que dizer que só se pode tornar virtuoso nas galés ou instruir-se na prisão!

Se se imaginar a quantidade enorme de crianças que morrem com pouca idade, e aquela, maior ainda, de jovens dos dois sexos que deixam a Terra, antes de ter podido acabar ou apenas começar seus estudos elementares; se se acrescenta a isto a brevidade da vida que, na média, não passa dos quarenta anos e cuja metade, pelo menos, se passa em repouso e na indiferença intelectual ou moral; se se imagina ainda que essa comédia humana pode se renovar muitas vezes nas mesmas condições para o mesmo Espírito, será fácil de se dar uma

exata conta do valor da encarnação.

Falamos dos tempos atuais; o que seria se examinássemos a Idade Média e a Antiguidade onde a humanidade, mergulhada nos abismos da ignorância, só vivia de guerras, de pilhagem, de massacres; onde a fome, a peste, as doenças e os cataclismos eram permanentes; onde a escravidão, a servidão, a miséria era o destino do povo; onde as torturas e os suplícios faziam a lei, e onde alguns gênios que Deus enviava a este pavoroso inferno eram aviltados, perseguidos e imolados pelo furor do orgulho, do ódio ou da vingança!

O que seria, enfim, se tomássemos a humanidade pré-histórica, onde a mais horrível selvageria fazia, e faz ainda do homem uma besta feroz pelas necessidades que ela lhe criou. — Esta simples vista de olhos nos mostra o que valem os mundos materiais, e quanto o progresso aí é difícil e o sofrimento imenso!

Para chegar à felicidade, objeta-se, é necessário passar pelo sofrimento.

Como! Deus, a própria bondade, Deus, cujo nome somente, comanda o amor, Deus, enfim, cujo poder é infinito, não pôde se dispensar de nos fazer sofrer?... Reconquistar a felicidade pela dor, pela prova, isto se concebe; mas fazer do sofrimento uma necessidade, quando tudo em nós aspira à felicidade, seria pôr em dúvida a sabedoria de Deus e negar sua bondade!

Não, não, isto não pode ser assim. O espiritismo nos ensina que se nossas aspirações não podem ser satisfeitas aqui embaixo, é que nossa alma, essência imaterial, reclama o meio pelo qual ela foi criada; este meio, é o infinito, é a liberdade celeste.

Sim, a encarnação humana é o sepulcro para a alma; é a prisão, a morte espiritual. Para qualquer lado que dirijamos nossos passos, escutamos como que um imenso clamor se elevar do seio da humanidade sofredora. A morte corporal que nos assusta ao mesmo tempo que nos atrai nos parece um bem, porque há no fundo de nosso coração alguma coisa que parece dizer que ali termina a dor.

Entretanto, se por perspectiva temos sempre novas etapas a percorrer, é uma eterna viagem para um objetivo que não existe. Aliás, condenados a perseguir um ideal que foge sempre, encadeados no círculo das reencarnações perpétuas, dominados pela tão poderosa matéria, qual será nosso entusiasmo para o bem? A vida espiritual, isto é, o termo onde o Espírito deve chegar, torna-se uma abstração; ao invés de ser um estímulo, a liberdade dá lugar a um destino fatal, o bem e o mal se confundem, a virtude torna-se uma questão de tempo, e a responsabilidade deixa de existir .

Eis quais são as tristes consequências do sistema que pretende

fazer do homem um animal superior! Negando a distinção essencial do bem e do mal, pois que o mal está na ordem das coisas criadas, nós nos perguntamos onde termina um e onde começa o outro. Como, desde então, admitir as penas futuras?...O que é que Deus terá para punir? — Mas ele punirá esse homicida, esse orgulhoso, esse egoísta, esse libertino, etc.? Com que direito, responderá o acusado? Tudo isto é ruim em relação às inteligências superiores que compararei mais tarde; mas, para o momento, estou no meu papel, visto que tal é a minha natureza .

Este raciocínio, que ninguém terá em seu foro íntimo, é contudo cheio de lógica; mas ele se eclipsa diante da voz de nossa consciência que nos grita nosso dever, e que nos mostra onde está o bem, onde está o mal.

Mas, dir-nos-ão, Deus nos deu a liberdade, e, apesar dessa liberdade, somos punidos se optamos pelo mal? — Ah! é que nossa consciência é, ela mesma, o nosso juiz. As aspirações de nossa alma, que não são outra coisa senão o eco de nossa origem espiritual, essas aspirações que teremos calcado aos pés durante a vida serão nosso tormento em nossa morte; nossa alma reclamará seus direitos à emancipação, e nossas obras, culpadas ou estéreis, a conservarão forçosamente no meio da punição, do remorso, da vergonha, meio de onde ela só sairá para reencarnar e recomeçar a tarefa.

Mas se nossa alma se reabilitou, se praticamos as virtudes que dão direito à morada eterna, nosso Espírito se elevará às regiões superiores para onde será atraído pelos fluidos simpáticos, regiões habitadas pelos Espíritos de mesma ordem, e continuaremos, durante a eternidade, nos espaços celestes, o progresso espiritual de ciência e de amor que deveríamos ter sempre perseguido!...

Nessas regiões em que habitam os Espíritos livres, não se conhece nem os aborrecimentos, nem os desassossegos, nem as penas; tudo aí é harmonia e corresponde aos nossos desejos, às nossas aspirações, à nossa inteligência. O sofrimento não tem acesso aí, porque os Espíritos que aí são admitidos cumpriram a lei sem murmurar, venceram a matéria.

Tal é a alternativa de felicidade ou de infelicidade, de alegria ou de tristeza, de paz ou de sofrimento que o espiritismo nos faz assistir nas comunicações de além-túmulo .

Receais o sofrimento, replica-se, e contudo vós o admitis entre os animais; por que essa contradição?

O princípio inteligente para se individualizar, responderemos, para aí chegar, não pode fazer menos do que submeter-se a um trabalho qualquer. Os reinos inferiores da natureza são outros tantos crisóis

destinados à elaboração do Espírito, até que ele alcance o período em que sofre uma transformação suprema que, como uma nova criação, lhe dá a centelha divina, e o coloca na posse de seu livre-arbítrio; somente então, ele tem a verdadeira consciência de sua personalidade. Até este momento, ignorando-se a si mesmo, o princípio inteligente, seja qual for seu desenvolvimento, não pode julgar, com conhecimento de causa, aquilo que o rodeia e o impressiona. Ele foi criado perfectível, é o que se percebe facilmente se se lhe observa as sensações estranhas que experimentam os animais, em geral, quando alguma coisa extraordinária vem se refletir em seu cérebro, sede principal do Espírito.

O que prova, uma vez mais, que o animal não é só matéria, como geralmente se está tentado a crer, é que a impressão recebida é durável, o que não pode existir sem um princípio superior à matéria, guardando o sinal gravado do que lhe foi transmitido pelo cérebro, propriedade que não pode ter a matéria pura melhor organizada. — Mas há esta diferença capital entre o animal e o homem: é que este raciocina a impressão recebida, enquanto que o animal a experimenta inconscientemente .

O trabalho que cumpre o Espírito em formação, em suas inumeráveis reencarnações animais, é então um trabalho forçado que não tem outro objetivo senão de levá-lo à individualização. Ora, para chegar a este resultado, ele precisa, necessariamente, ser submetido a um constrangimento, a uma opressão, a uma maceração que o torna cada vez mais sensível, desenvolve nele os elementos da consciência do ser. É então o espírito que sustenta a matéria; mas pelo trabalho da matéria, o espírito, pouco a pouco, caminha para a individualização. Dessa luta incessante, dessas necessidades múltiplas, resulta forçosamente o sofrimento; o princípio inteligente, criado perfectível, adquire assim as novas forças que, desenvolvidas nos meios apropriados, enriquecidas pouco a pouco pela agregação, levam-no progressivamente à transformação suprema. Acabado esse trabalho, o Espírito não tem mais que sofrer, e é tempo, pois tendo a consciência de sua personalidade, poderia voltar-se contra seu Autor e lhe questionar a razão de seu sofrimento .

Isto não acontece. O Espírito, formado de elementos diversos, ao primeiro sentimento da vida apenas se conhece então, e não tem senão que louvar seu Criador. Nesse momento, ele entra na felicidade da vida celeste onde deve desenvolver suas faculdades morais e intelectuais, e aprender a discernir o bem do mal; é uma criança do Céu, ignorante, mas inocente, e suscetível de crescer sem dor, se sabe se manter no caminho que lhe está traçado. Por que Deus o encarnaria nos mundos materiais? O que ele iria fazer nas encarnações primitivas

ou selvagens?... ali onde reinam o mal e a desordem, onde o horror se arrasta, como o diz energicamente Victor Hugo, onde o sofrimento não tem nome!... Livre pode o Espírito mudar seu caminho. Se prefere os bens materiais às alegrias celestes, ele se desvia de sua natureza angélica, então ele é encarnado; os trabalhos materiais tornam-se seu quinhão, e com eles a dor, o aborrecimento e o sofrimento, porque é por este que ele se reabilitará, tudo em cumprimento das diversas missões que lhe são confiadas, porque Deus pune para melhorar.

Segundo sua inteligência ou sua culpabilidade, ele será empregado em tal ou tal trabalho; conforme os progressos a alcançar, ele será colocado em tal ou tal meio que lhe ajudará a elevar-se progressivamente à fonte de toda luz. Até então, Deus, em sua bondade, permite-lhe e o estimula a acordar, pouco a pouco, em sua alma o sentimento do belo, do verdadeiro e do bem; por intermédio dos mensageiros celestes, a alma humana entra cada vez mais em harmonia, a lembrança do Céu lhe volta, ela entrevê, através das criações fantásticas da imaginação, os esplendores divinos que lhe revelam desde agora, aqui embaixo, a poesia e a música, e logo ela retoma seu voo em direção a essa pátria que tinha desdenhado pelas inspirações do espírito do mal.

Tal é a causa do sofrimento humano. Que se seja rico ou pobre, sábio ou ignorante, cada um tem seu fardo para levar: uns o têm sobre os ombros, outros sobre o coração, e o mais frequentemente sobre os dois ao mesmo tempo. Disso não podendo acusar Deus, a consciência universal responde: QUEDA.

Mas, eis que se apresentam outros adversários, que pretendem que o esquecimento do passado torna a punição injusta. Deus, dizem, não pode nos punir pelas faltas das quais perdemos a lembrança.

E quem fala assim? Aqueles que, desconhecendo a justiça, desejariam, em nome da religião, fazer crer a todo o gênero humano que nossas desditas vêm de uma falta cometida pelo "pai" de nossa raça, e que sofremos a pena sem ter participado da ação!!!

Quem fala ainda assim? Aqueles que, negando a preexistência, querem, em nome da filosofia, fazer-nos aceitar uma lei fatal de desigualdade que não encontra sua razão de ser nem na bondade, nem na sabedoria do Criador !!!

Para trás! para trás! Deem lugar ao espiritismo, único que nos dá a chave do problema, e único que nos mostra a falta e a reparação!

O esquecimento do passado que se pode opor ao dogma da preexistência é, por assim dizer, o corolário da encarnação nos mundos inferiores. Nesses mundos, a matéria, muito pesada, é um obstáculo invencível para a recordação; ela domina de tal modo o Espírito que este, absorvido pelas novas impressões que lhe transmite o cérebro, não

consegue fazer primar sua lucidez espiritual. Essas impressões sendo transmitidas a ele desde a infância, traçam-lhe um novo percurso, e obstruem assim toda lembrança. Contudo, resta ao Espírito bastante força para se guiar; a consciência acha uma saída, à medida que os órgãos se desenvolvem, indica-lhe o caminho que ele deve tomar e perseguir em virtude de seu livre-arbítrio .

Os Espíritos que estão encarnados nos mundos elevados, tais como Júpiter, por exemplo, não estando submetidos a um envoltório tão material quanto o nosso, têm mais ou menos a lembrança de seu passado; mas eles ainda estão longe dos mundos espirituais em que esta lembrança é permanente[2], porque esses globos, habitados por Espíritos infalíveis ou reabilitados, não estão nas mesmas condições de existência que na Terra. Tudo aí é fluídico, e os Espíritos que vêm da imensidade para os visitar são visíveis aos seus olhos, enquanto que eles estão invisíveis aos habitantes dos mundos materiais, dos quais a Terra ainda faz parte.

A mesma lei que nos impede de ver os Espíritos opõe-se à nossa lembrança do passado; é uma causa fisiológica existente na materialidade de nosso envoltório. Alguns encarnados, entretanto, sempre gozaram do privilégio da visão espiritual; no espiritismo são designados sob o nome de médiuns videntes. Quando a Terra tiver progredido, no momento em que ela chegar às camadas fluídicas mais puras (diz-se, em astronomia, que nosso globo, em suas revoluções siderais, nunca passou duas vezes pelo mesmo lugar no espaço), pouco a pouco a matéria se atenuará. É uma mudança que já se pode constatar facilmente, comparando nossos corpos com aqueles dos povos da antiguidade. A Terra então começará seu período fluídico, e servirá de asilo a outros Espíritos, até o momento em que, globo fluídico puro, ela entrará definitivamente na série dos "tabernáculos eternos". É este estado futuro da Terra que profetiza São João no Apocalipse, falando da "Jerusalém celeste". É, de resto, a lei universal conduzindo todos os mundos, e fazendo-os passar gradualmente, do estado material incandescente, até à mais pura fluidez, e os despojos, das moléculas materiais, pouco a pouco, conduzidas pelas leis da afinidade, servem à criação de novos mundos.

Os adversários da reencarnação fazem uma outra objeção que acreditam sem réplica, que é a seguinte: Se as diferentes posições sociais podem nos guiar para conhecer o grau de culpabilidade dos Espíritos, a doutrina da reencarnação é uma doutrina de fatalidade, uma consagração de todos os sucessos, um desafio e um ultraje a todas as desditas.

---

2 Vide a respeito a questão 394 de "O Livro dos Espíritos".

"Vós que tendes uma parte desagradável nesse mundo, diz o Sr. Baguenault de Puchesse, vós sofreis; mas é que, antes, fostes culpados. Vós vos lamentais, mas de que? A dor vos é devida, recebeis o que tendes merecido; o sofrimento é só o vosso salário. Quanto aos ricos, quanto aos felizes desse mundo, seu prazer é seu direito; sua felicidade é sua legítima recompensa. Os bens da vida são a parte mais segura de sua remuneração. Que eles, deles, desfrutem em sua satisfação! Seriam bem insensatos de os comprometer por aqueles que deles não foram dignos. É preciso, antes de tudo, que eles os conservem. Que, do alto de sua prosperidade, do cume de sua grandeza, eles insultem e desprezem os outros homens; quem lhes censurará isto? Só eles têm o direito de serem felizes. A piedade, a simpatia de que eles chegariam a comover-se por seus semelhantes, a assistência que seriam tentados a lhes oferecer, seria quase uma injustiça, e eles não se perturbarão para modificar uma ordem de coisas regular e legítima".

À parte a última frase, que é apenas uma amarga ironia, o que se acaba de ler é bastante exato, se se considerar a questão sob o mesmo ponto de vista que o dos reencarnacionistas puros.

Com efeito, se o Espírito é condenado a só ascender pela matéria, os gozos e as satisfações que ela lhe apresenta são as únicas que ele poderá algum dia possuir; é então muito natural que ele neles se precipite com frenesi, visto que não há para ele outro elemento de felicidade. O espiritualismo assim compreendido seria apenas um materialismo perpétuo disfarçado, e não teria melhores consequências morais, a partir do momento em que os bens presentes são os únicos apreciáveis. O único objetivo do homem seria de se instalar o mais comodamente possível por toda parte onde o destino o faria nascer, sem se inquietar com uma vida futura que se torna uma abstração com o esquecimento do passado.

Cabia ao espiritismo lançar luz sobre este ponto como sobre tantos outros. — O Cristo disse: "Ai de vós, ricos, que tendes vossa consolação nesse mundo, porque é mais difícil a um rico entrar no reino dos Céus, quanto não o é a um cabo passar pelo buraco de uma agulha"[3].

Com a existência única, esta sentença não tem verdadeiramente sentido; porque se uma única vida deve decidir, para todo o sempre, de nossa sorte eterna, Deus deve também nos facilitar todos os meios para alcançar o objetivo. Se pois Ele coloca seres em uma condição em que a salvação é impossível, é preciso admitir, para que a maldição evangélica tenha fundamento, que estes mesmos seres pediram para possuir os bens terrestres que os conduziram à danação, isto é à reencarnação, não por sua natureza, mas por suas consequências.

As diferentes posições sociais são, para os Espíritos encarna-

3 Lucas 18:24-25.

dos, as poderosas alavancas para chegar à emancipação da alma. Um é rico, que pobre, se extraviaria do caminho; em compensação, outro é pobre, que, rico, estacionaria no caminho . — Os sucessos, os reveses, as honrarias, as tribulações, a riqueza, a pobreza, a saúde, a doença, as enfermidades, etc., tudo isto nada é em si; são outro tanto de provas estabelecidas para fazer nascerem as virtudes. Cada um, aqui embaixo, tem sua tarefa; todos só devem ter um objetivo: a reabilitação, a salvação eterna. — Antes da encarnação, os Espíritos que a ela estão submetidos escolhem ou aceitam o lugar no qual eles podem encontrar os meios de salvação; segundo as tendências, os vícios a corrigir ou as virtudes a adquirir, eles encarnam homem ou mulher, pobre ou rico, patrão ou servidor, favorecidos ou desvalidos dos dons da natureza, etc.; e se fosse permitido prejulgar as disposições privadas de cada um, seria necessário, para ser justo, convir que aqueles que escolheram ou aceitaram a condição mais penosa não são os menos corajosos.

Quanto às posições físicas, vimos, e isso não é duvidoso, que as raças inferiores são compostas de Espíritos mais ou menos decaídos, e absolutamente rebeldes à lei do progresso, o que lhes valeu a reduplicação da vigilância por parte da Providência. Temos entre nós um exemplo desse gênero de expiações nos cretinos, nos idiotas, nos monstros e nos loucos.

Apressamo-nos em dizer que o homem deve trabalhar para a melhora física e moral do globo que habita. Pouco a pouco, as raças selvagens, últimos vestígios de uma natureza em gestação, darão lugar a corpos cada vez melhor organizados; e os exemplos, cada vez mais raros, de idiotia e de cretinismo cessarão completamente se nos ocuparmos de destruir a causa disso. Os Espíritos cujo progresso e a queda exigem semelhantes encarnações, irão sofrê-las em outros mundos que o infinito cria sem cessar; para nós, nosso dever é andar sempre para diante. Trabalhamos em nossa depuração, e logo, liberados e reabilitados, ocultaremos a lembrança do passado que nos é tão caro, lembrança da qual a alma é privada enquanto suas faltas a condenam à morte espiritual, isto é à encarnação humana nos mundos de esquecimento .

Deus, dir-se-á, não poderia punir os Espíritos deixando-os no mundo espiritual?

A isto o espiritismo responde: Tudo na natureza deve progredir, os Espíritos como os mundos; a encarnação humana é um dos meios empregados por Deus para o progresso dos Espíritos rebeldes, e ela é necessária igualmente ao progresso dos mundos. O Espírito encarnado devendo prover sua existência, estende sua inteligência ao meio em que está colocado; esse meio progride também pelo trabalho do ho-

mem, sob a direção dos Espíritos prepostos a este efeito .

Mas aqui se apresenta a objeção capital: Se o homem, diz-se, é indispensável ao progresso dos mundos, quem trabalharia neste progresso se nenhum Espírito tivesse falido?

Esta questão toca naquela da eternidade de Deus. Deus é todo ciência; criando o universo, de toda a eternidade, concebeu-lhe um plano. Os homens deviam nascer porque Espíritos podiam falir, o que Deus sabia de antemão .

"A presciência de Deus o pôs em condições de saber, de toda a eternidade (já que o presente, o passado e o futuro estão sempre se desenrolando diante de seus olhos), que nada faltou, não falta e não faltará à vida e à harmonia universais; que houve, que há e que haverá sempre espíritos culpados para abastecer as terras primitivas, vossa Terra e os outros mundos que criou, que cria e criará, chamados a servir de habitação aos espíritos que fracassaram, que fracassam e que fracassarão, e que tiveram, que têm e terão de expiar e progredir nesses mundos, e para trabalhar para sua melhoria material.

"A presciência de Deus pôs com o mesmo saber, e de toda a eternidade, que houve, que haverá sempre Espíritos que, puros no estado de inocência e de ignorância, e que dóceis aos seus guias, permanecerão puros na senda do progresso, seguindo simplesmente e gradualmente o caminho que lhes é indicado para progredir, não falirão; que deles houve, que deles há e deles haverá sempre para abastecer todos os mundos fluídicos que criou, que cria e criará, apropriados às inteligências que os devem habitar, e onde elas são chamadas a progredir no estado fluídico.

"É mais justo pensar que Deus, que vos é representado como o tipo de toda perfeição e de toda justiça, cria seres fracos de propósito para lhes fazer adquirir a força na dor das provações; que os cria inocentes a fim de lhes ensinar a prática da inocência no crime, na indignidade e em todos os vícios das encarnações humanas primitivas; vícios que se enraizariam na criatura saída voluntariamente das mãos do Senhor, ao ponto de que os milhares de séculos que se escoam sobre ela não são suficientes para a polir; torrente impetuosa correndo sem cessar sobre os calhaus rudes e ásperos sem poder gastar a superfície, visto que, atualmente, para vós, tantas indignidades ainda afligem a humanidade.

"Não; Deus é grande, justo, bom, paternal; seus filhos nascem na simplicidade de seu coração, foi Deus quem o desejou. Eles têm a liberdade dos atos, é Deus quem lha concede; eles quase sempre abusam disso. É Deus que, deixando ao Espírito o uso do livre-arbítrio,

retira-se dele de alguma maneira para o abandonar às suas próprias impressões; é então que ele escolhe seu caminho, então, mas somente então, é que ele sofre as consequências de sua escolha.

"Os Espíritos que faliram, e aqueles que permaneceram puros, trabalham, uns e outros, em seu próprio adiantamento por sua atividade e por sua inteligência, cumprindo sua missão providencial, nessa grande unidade da criação onde, para todos os Espíritos, tudo é reciprocidade e solidariedade no objetivo de elevar-se para Deus, segundo as leis gerais de progresso, pela sabedoria, pela ciência e pelo amor...

"Os Espíritos que faliram estendem, no estado de encarnação, sua atividade e sua inteligência, não somente para prover a sua vida e o seu bem estar e, nesse objetivo, para a melhoria material dos mundos que habitam, que é o lado material; mas ainda para trabalhar em seu adiantamento moral e intelectual e no desenvolvimento moral e intelectual das humanidades que povoam esses mundos.

"Tudo virá a seu tempo; e esta verdade se tornará patente como se patentearam a reencarnação e a anterioridade da alma. Cada um prepara: uma geração semeia, uma outra monda e a terceira colhe".[4]

Deus não podia nos criar perfeitos?

Só Deus é perfeito, se nós mesmos o fôssemos seríamos deuses. Criados livres, inteligentes, capazes de progresso, os Espíritos, seja qual for sua ciência adquirida, terão sempre o que adquirir, e, em virtude de sua liberdade, serão sempre suscetíveis de falir, até os que chegaram no nível de Espíritos puros .

Mas quanto mais os Espíritos se elevam, menos eles falem; de onde esta consequência: que os mundos materiais são habitados por Espíritos geralmente inferiores em inteligência e em moralidade.

Após essas considerações morais, abramos o Evangelho; aí veremos a queda, não somente em termos claros e precisos, mas ser a própria base da moral.

4 "Os Quatro Evangelhos", de Jean Baptiste Roustaing, volume 1, item 59. Para facilitar a leitura, daqui para frente nos referiremos às citações dessa obra no formato (I,59), agilizando/simplificando a identificação do volume (I, II, III ou IV) e o item correspondente.

CAPÍTULO II

CONSIDERAÇÕES EVANGÉLICAS

Quando, por ordem de Deus, o Cristo apareceu sobre a Terra, Ele ia de cidade em cidade, de povoação em povoação, pregar o que Ele próprio chamava o "Evangelho do Reino". O povo da Judéia, ávido de O ouvir, acorria em grande número sob seus passos. Por vivas parábolas, de brilhantes imagens, Jesus sabia tocar o coração de seus ouvintes; e estes, maravilhados dessa nova linguagem, saudavam n'Ele o Messias prometido pelos profetas.

Sucessivamente doce e enérgico, apaixonado ou brando, Ele falava com autoridade (Mc. 1:22; Lc. 4:32).

Por prodígios extraordinários, Ele dava um singular prestígio às suas palavras; e seus exemplos, nos quais vinha se refletir inteiramente sua doutrina, eram para aqueles que O rodeavam o mais certo sinal de que Deus tinha posto n'Ele todas as suas complacências (Mt. 3:17).

O que era esse Ser extraordinário, e de onde Lhe vinha seu poder? Ele dizia de si mesmo: "Eu desci do Céu, não para fazer a minha vontade, mas para cumprir a vontade d'Aquele que me enviou" (Jo. 6: 38).

Anunciando-Se como filho único de Deus, isto é, unicamente de Deus e não da matéria, Ele dava a entender com isso que n'Ele nunca houvera mancha, que nunca falira (Jo. 8:46).

"Eu sou o Princípio", dizia Ele (Jo. 8:25). Ele estava, com efeito, com Deus no começo, pois que, como Ele o dizia também, "Deus O amara antes da criação do mundo", isto é, da Terra. (Jo. 17:5 e 24).

Estabelecido governador e protetor de nosso planeta, "tudo foi feito por Ele", e "nada do que foi feito" em nosso globo foi feito sem Ele. (Jo. 1:1 a 3 e 5:19 e 20).

Ele é o Verbo de Deus e nosso Mestre, porque Ele disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo. 14:6).

Se então só o Cristo é nosso Mestre (Mt. 23:10) e se sua palavra é a verdade (Jo. 8:40 a 45), vejamos o que esta palavra encerra.

Por pouco que se o leia atentamente, não é difícil de ver que o Evangelho contém, mais do que qualquer outro livro, a maior soma de preceitos para tornar o homem feliz sobre a Terra. Suavidade, dedicação, abnegação, humildade, caridade, paciência, benevolência, perdão das injúrias, justiça, verdade, liberdade, amor ao trabalho, tal é o fundamento desse Livro sublime.

Entretanto, a felicidade terrena que encontra inevitavelmente

aquele que segue o Evangelho, não estava no pensamento de Jesus, mas sim a garantia de uma beatitude maior: a Imortalidade. Sim, o pensamento do Cristo visava algo mais elevado do que a felicidade material; seus discursos, suas parábolas tão simples e tão verdadeiras, tudo n'Ele respirava a vida futura. Ele se comprazia em fazer alusão ao Reino dos Céus, a essa vida celeste que espera o homem de bem no fim de seu percurso terrestre.

"Felizes, dizia Ele, os pobres de espírito, porque o Reino dos Céus é deles (Mt. 5:3).

"Felizes os que sofrem perseguição pela justiça, porque o reino dos Céus é deles (Mt. 5:10).

"Eu vos digo que se vossa justiça não ultrapassar a dos Escribas e dos Fariseus, não entrareis no reino dos Céus.(Mt. 5:20).

"Acumulai tesouros no Céu onde os vermes nem a ferrugem corroem (Mt. 6:20).

"Se não mudardes, e se não vos tornardes como as crianças, não entrareis no reino dos Céus" (Mt. 18:3).

Então, o que é o reino dos Céus que Jesus promete àqueles que seguem sua lei? Ele próprio disse: "Aquele que crê em mim tem a vida eterna" (Jo. 6:47). "Ora, esta é a vontade do Pai que me enviou: que todo aquele que Ele me deu não se perca, mas que Eu o ressuscite no último dia" (Jo. 6:39), "porque Eu vim salvar o que estava perdido" (Mt. 18:11).

Então de que ressurreição se trata? Trata-se da vida do Espírito liberto do corpo, do Espírito libertado e reabilitado que reentra em graça junto de Deus, do Espírito enfim que, livre de agora em diante, não está mais submetido a nenhum sofrimento, seja material, seja espiritual; em uma palavra, é a vida verdadeira, vida superior prometida àquele que a verdade terá libertado (Jo. 8:32).

Esta felicidade é acessível a todo mundo?

Jesus disse: "Nem todos os que dizem: Senhor! Senhor! entrarão no reino dos Céus; mas somente aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos Céus" (Mt. 7:21).

"Também vo-lo digo, muitos virão do Oriente e do Ocidente e serão admitidos no reino dos Céus. E os filhos do reino serão atirados nas trevas exteriores onde há pranto e ranger de dentes (Mt. 8:11 e 12).

"É mais fácil que um cabo passe pelo buraco de uma agulha, do que um rico entre no reino dos Céus (Lc. 18:25).

"Que serve ao homem ganhar o universo se vem a perder sua alma" (Mt. 16:26).

"Há muitos chamados e poucos escolhidos" (Mt. 22:14).

Esta última frase resume todo o pensamento do Mestre.

Sim, todos somos chamados para a beatitude eterna; todos, se nós o quisermos, após esta vida, iremos ao reino dos Céus. Livres na imensidade, durante a eternidade gravitaremos para Deus.

Essa felicidade não consistirá em ir habitar um mundo qualquer. Não, o Cristo o disse: "Os filhos deste século se casam e são dados em casamento; mas aqueles que forem encontrados dignos do século do porvir e na ressurreição dos mortos, não se casarão, porque eles não poderão morrer, porque serão iguais aos anjos e aos filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição"(Mt. 22:23 a 33; Mc. 12:18 a 27; Lc. 20: 27 a 40).

O século onde alguém se casa, é a vida de encarnado; o século do porvir, é a vida do Espírito; a ressurreição dos mortos é o retorno dos encarnados à vida celeste. Aqueles que nele serão julgados dignos não poderão morrer, isto é, não mais se encarnarão, porque serão iguais aos anjos, isto é, Espíritos infalíveis, que são os verdadeiros filhos de Deus, "não sendo nascidos do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" (Jo. 1: 12 e 13).

E aqueles que não serão escolhidos, o que se tornarão? O Cristo o disse por sua insistência sobre a necessidade da reencarnação: "É preciso que nasçais de novo; ninguém, se não nascer de novo, pode entrar no reino dos Céus" (Jo. 3:3 a 7).

É preciso então que aqueles que não foram escolhidos renasçam na vida material, na vida "de água e de espírito", porque a mão de Deus permanece sobre eles (Jo. 3:36). O Cristo insiste então: "Não vos espanteis do que vos digo. É preciso que nasçais de novo". O que quer dizer: É necessário que ainda renasçais para reparar vossas faltas, porque ainda não sois dignos da ressurreição.

É então a reencarnação que faz o fundamento de toda a penalidade evangélica. Após a erraticidade mais ou menos dolorosa nas trevas exteriores, há a reencarnação, que é o "fogo eterno" que não se extingue (Mt. 3:12; Lc. 3:17), porque a criação é eterna como Deus.

A missão de Jesus-Cristo se resume inteiramente em uma só palavra: Emancipação. Ele é verdadeiramente o Redentor, o Salvador dos homens, porque ele veio para iluminar aqueles que estão situados nas trevas e na sombra da morte (Lc. 1:79; Mt. 4:16).

Nós dissemos mais acima, e nós o provamos, que a encarnação humana é um sepulcro para a alma, uma morte. O Espírito que a sofre está morto para a vida espiritual; caído dos Céus, ele vem situar-se nas trevas e na sombra da morte até que, despertado pela prova, vivificado pelo sofrimento, seja julgado digno da ressurreição da vida.

O Cristo o proclamou; escutemo-lo:

"Eu sou a ressurreição e a vida, aquele que crê em mim, mesmo

que esteja morto, viverá; e todo aquele que crê em mim nunca morrerá" (Jo. 11:25 e 26).

"Em verdade, em verdade, vo-lo digo, se alguém guarda minha palavra nunca verá a morte" (Jo. 8:51).

"Em verdade, em verdade, vo-lo digo, aquele que escuta minha palavra e crê n'Aquele que me enviou, tem a vida eterna e não vem em julgamento; mas passa da morte para a vida" (Jo. 5:24).

"A hora vem, e ela já veio, em que os mortos escutarão a voz do Filho de Deus; e aqueles que a ouvirão viverão" (Jo. 5:25).

"Não vos espanteis que a hora tenha chegado, em que aqueles que estão nos sepulcros escutarão a voz do Filho de Deus, e ir-se-ão, aqueles que fizeram o bem, para a ressurreição da vida; aqueles que fizeram o mal, para a ressurreição do juízo" (Jo. 5:29).

"Em verdade, em verdade eu vo-lo digo, aquele que crê em mim tem a vida eterna" (Jo. 6:47)

"Eu sou o pão da vida" (Jo. 6:48).

"Vossos pais comeram o maná no deserto e eles estão mortos. Eis aqui o pão que desce do Céu a fim de que aquele que dele come não morra" (Jo. 6:50).

"Quem come da minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia" (Jo. 6:54).

"Eis aqui o pão que desceu do Céu; não como vossos pais comeram o maná e estão mortos; quem come desse pão viverá eternamente" (Jo. 6:58).

"As palavras são espírito e vida" (Jo. 6:63).

Sim, tua palavra é espírito e vida, ó sublime Mestre! Tua divina "Eucaristia" não está no maná do deserto, no pão grosseiro que cai sob os sentidos; ela reside na compreensão e na prática de tua doutrina! Comeremos tua carne e beberemos teu sangue, isto é, só nos faremos um contigo, porque tu es o pão da vida! A lei antiga se dirigia à matéria; a tua ó Cristo! dirige-se ao espírito; aquela conduzia à "morte"; esta leva à "vida", porque é o pão da imortalidade!

Os filósofos que querem a reencarnação perpétua de mundo em mundo são então forçados a renunciar ao Evangelho. A encarnação que para eles é um estado normal constitui o Céu desde este mundo. Foi então em vão que o Enviado do Mais Alto veio prometer a vida eterna, visto que nós já a possuímos!

E que Céu!... Aqueles que se amaram, que simpatizaram, que sofreram juntos, onde deverão eles se reunir após esta vida? Onde se reverão? Esta mudança constante, este vai-e-vem perpétuo das almas não as dispersará sempre? O acaso poderá talvez, às vezes, reuni-las, mas a reencarnação as separará implacavelmente.

Voltemos ao Evangelho. Quando o Cristo anunciava seu segundo advento, fazendo alusão à época em que a Terra, agitada por violentas comoções, entrará no período fluídico, ele dizia, falando dos Espíritos encarnados que o assistiam em sua missão, como daqueles que estavam em sua última encarnação: "Digo-vos em verdade que desses há alguns aqui presentes que não provarão da morte até que tenham visto o Filho do homem vir em seu reino" (Mt. 16:28; Mc. 9:1; Lc. 9:27).

Estas palavras, que só se podem explicar pelo espiritismo, significam claramente que entre os encarnados, os mortos, a quem Jesus se dirigia, que deles havia que só se reencarnariam em missão em seu segundo advento. Mas nessa época, bem distante sem dúvida, nela haverá daqueles, igualmente, a quem ele falava, que terão sido de tal modo rebeldes à obra de redenção, que ainda farão parte dos habitantes de nosso globo. É o que quer dizer esta outra palavra incompreensível sem a reencarnação: "Digo-vos, em verdade, que esta geração não passará enquanto todas estas coisas não acontecerem" (Mt. 24:34; Mc. 13:30; Lc. 21:32).

No momento de seu último advento, o Cristo separará o joio do bom grão, isto é os bons de entre os maus (Mt. 25:32); estes sendo indignos de possuir a Terra transformada (Mt. 5:5), serão arrojados sobre os planetas inferiores para continuar sua depuração. É esta separação que se chamou pelo nome de julgamento final, que constituirá a primeira morte e a primeira ressurreição que é dita no Apocalipse (20:5); quanto à segunda ressurreição cuja questão está no mesmo Livro (20:14) mais tarde, "mil anos", segundo a linguagem figurada da Escritura; esta será a época em que a Terra entrará definitivamente na série dos "tabernáculos eternos" (Lc. 16:9). O Sol se obscurecerá e a Lua não dará sua luz (Mt. 24:29; Mc. 13:24); depois haverá novos céus e uma nova Terra, porque o primeiro céu e a primeira Terra terão passado (Apocalipse 21:1). A Terra, então globo fluídico puro, não terá necessidade nem do Sol, nem da Lua para a clarear, porque a glória de Deus a iluminará e o Cordeiro (o Cristo) dela será a luz (Apocalipse 21:23).

Tal é o futuro de nosso planeta segundo as diferentes revelações. O Sol se obscurecerá no sentido de que a Terra, distanciando-se cada vez mais de seu centro de atração, estará nessa época a tal ponto afastada e isolada dele que, para ela, ele estará como que obscurecido; e a Terra, brilhante com seu próprio brilho fluídico, definitivamente despojada de seus elementos materiais, desaparecerá nas regiões luminosas (Apocalipse 20:11). Os Espíritos que a possuirão eternamente não estarão fixados nela, mas aí terão seu lugar de reunião onde, sob as ordens do Cristo, trabalharão no progresso do universo, sendo então Espíritos puros. (Apocalipse 22:3 a 5).

Quanto aos Espíritos que não terão sido dignos da primeira ressurreição, terão que trabalhar de novo para elevar-se em direção a esta Jerusalém celeste onde nada maculado entrará (Apocalipse 21:27). Até à segunda morte e à segunda ressurreição, isto é, até ao estado fluídico puro e definitivo do globo, esses Espíritos poderão ainda aí encontrar acesso; mas passada esta época, serão reenviados definitivamente ao "tanque de fogo", isto é, aos mundos inferiores, porque seu lugar aí não se encontrará, "não estando inscritos no livro da vida" (Apocalipse 12:8 e 20:15).

Afim de não estarmos nesse número, trabalhemos para reentrar na Pátria para que, no dia fixado, façamos parte dos Escolhidos libertados que o Cristo chamará dos quatro ventos do Céu (Mt. 24:31; Mc. 13:27).

O que é preciso para isto? "Amar a Deus acima de todas as coisas e a seu próximo como a si mesmo, porque nesses dois mandamentos estão toda a lei e os profetas" (Mt. 22:40; Mc. 12:30 e 31; Lc. 10:27).

Entretanto, ainda falta uma condição; ei-la:

Um dia, um rapaz rico veio encontrar Jesus e lhe disse: "Bom Mestre, que devo fazer para adquirir a vida eterna?" Jesus lhe respondeu: Por que me chamais bom? Só há um que seja bom, Deus. — Se quereis entrar na vida, guardai os mandamentos. — Quais, disse-lhe o rapaz? — Jesus lhe respondeu: Não matai; não cometei adultério; não roubai; honrai vosso pai e vossa mãe e amai vosso próximo como a vós mesmos. — O rapaz lhe disse: Tenho guardado todos esses mandamentos desde a minha juventude. — E Jesus olhando-o, o amou e lhe disse: Falta-vos ainda uma coisa: ide, vendei tudo o que tendes, dai aos pobres, e tereis um tesouro no Céu; depois vinde e segui-me" (Mt. 19; Mc.10; Lc.18).

Jesus, nesta circunstância solene, não queria dizer realmente a esse rapaz para vender o que possuía, porque vender presume alguém que compra; mas dava a entender por ali que para entrar na "VIDA", isto é na liberdade celeste, é preciso um desapego completo dos bens terrenos.

Então, para seguir Jesus ao Reino dos Céus, amemos a Deus acima de todas as coisas, amemos nossos irmãos como a nós mesmos, elevemo-nos acima dos gozos materiais; dos bens terrenos, e passaremos da "morte" para a "vida".

É a promessa do Redentor.

CAPÍTULO III

CONSIDERAÇÕES FLUÍDICAS

O ensinamento dos Espíritos, de acordo com as observações mais rigorosas, dá a todos os seres o mesmo ponto de partida originário. Os princípios anímicos que devem mais tarde formar os Espíritos conscientes e livres são tirados da quintessência dos fluidos puros, animados pelo próprio Deus. A constituição íntima do Espírito criado não pode nos ser revelada mais do que nos pode ser dado o conhecimento direto do Espírito criador; eles escapam, uma e outro, aos nossos meios de investigações e estão, consequentemente, acima do entendimento humano.

O que sabemos, é que os princípios anímicos, desde sua origem, sofrem a lei fatal da incorporação nos três reinos: mineral, vegetal e animal. Esses três grandes laboratórios da natureza são outros tantos crisóis destinados à formação do Espírito; é a primeira fase do desenvolvimento em que os princípios anímicos passam pouco a pouco da inércia à vida, preparando-se assim para a consciência do ser.

Em seguida, após um tempo incomensurável, os princípios espirituais se libertam da matéria, sofrem uma última transformação que, levada pelo trabalho de agregação, lhes dá a plenitude do ser. É, chegados a este período, que os princípios anímicos tornam-se conscientes, tomam lugar entre os Espíritos; somente então começa a existência verdadeira: a vida moral, independente e livre, e consequentemente a responsabilidade pessoal.

Há entre essas duas situações tão nítidas uma linha de demarcação que distingue de uma maneira determinada a vida real do Espírito: é o envoltório fluídico ou corpo espiritual que, de um ser abstrato e indefinido como o animal[5], faz um ser concreto e definido como o homem. Esse envoltório, que é designado no espiritismo sob o nome de perispírito (ao redor do espírito), é o instrumento, o órgão da força consciente que quer se pôr em relação com o que o rodeia.

Entre o período de ser abstrato e aquele de ser concreto, escoa-se um certo lapso de tempo. O Espírito, para entrar na vida ativa, consciente, individual, independente e livre, tem necessidade de se libertar inteiramente do contato forçado que teve com a carne; tem necessidade de esquecer suas relações com a matéria, de se purificar

5 Indefinido talvez não seja o adjetivo mais apropriado, na verdade trata-se de um perispírito em formação, não tão completo/perfeito quanto o humano, mas já no papel de modelo organizador biológico, conforme os ensinos do Dr. Hernani Guimarães Andrade. Vide também a respeito a obra "A Evolução Anímica", de Gabriel Delanne.

dela; é nesse momento que se opera a transformação suprema que o mergulha em uma espécie de sono letárgico e de onde ele sai com a consciência de si mesmo: é o estado de infância do Espírito.

Como desenvolvemos precedentemente, enquanto a força inconsciente pertence ainda à animalidade, ela sofre o ascendente irresistível de um progresso forçado; as diversas posições que ela ocupa, sucessivamente, no reino animal, são para ela um estimulante invencível, um excitante soberano para a levar à individualização, em uma palavra, para fazer dela um ser completo.

Mas enquanto a matéria se depura pela força mesma das coisas em virtude de sua união com o princípio anímico que ela desenvolve, o Espírito chegado à individualidade consciente e livre só pode progredir por sua própria vontade; seu adiantamento moral e intelectual depende do uso que fará de sua liberdade, de sua razão, de seu discernimento. Ora, para se manifestar, para se pôr em relação com seus semelhantes, é necessário à inteligência um instrumento de transmissão; para agir sobre a matéria é-lhe necessário um órgão, um fio condutor cujos princípios constitutivos pertencem à matéria: tal é a razão do envoltório fluídico semi-material chamado perispírito ou corpo espiritual, ele próprio destinado a se depurar cada vez mais à medida que o Espírito que o reveste se elevar na hierarquia celeste.

Assim como o Espírito, elevando-se, depura seu perispírito, do mesmo modo também ele pode adensá-lo, se se deixa sucumbir ao contato da matéria. Fraco de vontade no início, ele é inclinado a se deixar dominar pelas coisas exteriores que só falam aos sentidos grosseiros, e dos quais seu perispírito o aproxima apesar dele. O Espírito tem então de lutar contra as tendências de seu perispírito; aí está o escolho, porque ele é o instrumento de sua queda como de seu progresso. É neste momento que tem lugar nos mundos especiais e nas encarnações perispiriticas, as provas que decidem se o Espírito pertencerá à vida celeste ou à vida material, conforme ele resistirá à tentação da sensualidade e do orgulho. É a história figurada de Adão e Eva.

A força consciente, revestida de seu perispírito, tem uma forma qualquer? Esta questão que nós nos colocamos contra nossa vontade, e que parece insolúvel por causa do hábito que temos de tudo reportar à nossa consideração terrestre, pode-se resolver facilmente se se baseia sobre o princípio de que a forma dos seres está em relação com o meio em que são chamados a viver.

Partindo daí, pode-se dizer que assim como o homem tem órgãos materiais afetados pela matéria, o Espírito tem órgãos fluídicos afetados pela espiritualidade. Os fluidos no meio dos quais ele se movimenta estão submetidos ao seu império como a matéria está subme-

tida ao império do homem. E como a matéria tem sua fonte no fluido universal, o Espírito é tanto mais superior ao homem que é o Espírito e não o homem quem governa a matéria .

Quanto à forma em si mesma pode-se dizer que o Espírito é um foco luminoso de inteligência, ou alma, revestido de um envoltório semi-material ou fluídico, suscetível de se modificar segundo seu desejo, ao ponto de que ele pode tomar todas as formas, revestir todas as aparências; e como o perispírito, ou corpo espiritual, tem igualmente sua fonte no fluido universal, do qual é uma transformação, o Espírito pode modificá-lo, condensá-lo, assimilá-lo às outras regiões que percorre, torná-lo visível e mesmo tangível para os habitantes dos mundos materiais. Tal é a teoria do fenômeno das aparições, tão frequentemente posta em dúvida antes da revelação espírita, e que encontra sua explicação nas propriedades fluídicas do perispírito .

Acabamos de dizer que o perispírito tem sua fonte no fluido universal e que este é o princípio da matéria. Esta proposição surpreende de início, e contudo nada é mais exato. — Os minerais, os vegetais, os animais, o homem, o globo terrestre inteiro, tudo isto, na origem, era apenas uma massa de fluidos. Além disso, não somente a Terra, mas todos os planetas de nosso sistema, com seus satélites, não formam, com o nosso próprio Sol, senão uma imensa nebulosa fluídica, a qual, em uma certa época, não existia. Entretanto, bem antes da aparição do nosso Sol, bem antes da época em que ele começou as evoluções da vida planetária, esplêndidos sois iluminavam o éter; já os planetas habitados davam vida à existência de uma multidão de seres; as produções opulentas de uma natureza desconhecida e os fenômenos maravilhosos do Céu desenvolviam sob outros olhares o quadro da imensa criação.

Estas maravilhas que, no curso das idades sem nome, fizeram palpitar o coração de nossos primogênitos do céu, nasceram no seio dos vazios infinitos segundo as mesmas leis que regem nosso sistema solar; porque, disse Képler, Deus sendo uma inteligência única, o caráter das leis que ele deu ao universo deve ser a unidade[6], Eis aqui um rápido olhar na teoria que serve, hoje, de base à ciência e cuja descoberta é devida ao ilustre Laplace.

Existe um fluido sutil que enche o espaço e penetra os corpos; esse fluido, é o éter ou matéria cósmica primitiva, geradora dos mundos e dos seres. Ao éter são inerentes as forças que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem os mundos. Essas forças múltiplas, indefinidamente variadas segundo as

6 Em se tratando da grande unidade da Lei e dos princípios que regem a criação, vale conferir o capítulo 06 de “A Grande Síntese”, de Pietro Ubaldi, “Monismo”.

combinações da matéria, localizadas conforme as massas, diversificadas em seus modos de ação segundo as circunstâncias e os meios, são conhecidas na Terra sob os nomes de peso, coesão, afinidade, atração, magnetismo, eletricidade; os movimentos vibratórios do agente sob os nomes de som, calor, luz, etc. Em outros mundos, elas podem se apresentar sob outros aspectos, oferecer outros caracteres desconhecidos aos habitantes da Terra, e no imenso estendido dos céus, um número indefinido de forças pôde se desenvolver sobre uma escala inimaginável. Mas assim como só há uma substância simples, primitiva, geradora de todos os corpos mas diversificados em suas combinações, do mesmo modo todas essas forças dependem de uma lei universal diversificada em seus efeitos, que se encontra na origem delas, e que nos decretos eternos, deveu ser soberanamente imposta à criação para nela constituir a harmonia e a estabilidade permanentes.

Revestida das leis mencionadas acima, e da impulsão inicial inerente à sua própria formação, a matéria cósmica deu nascimento, sucessivamente, aos turbilhões, às aglomerações desse fluido difuso, aos amontoados de matéria nebulosa que se dividiram, eles mesmos, e se modificaram ao infinito para produzir, nas regiões incomensuráveis do espaço, diversos centros simultâneos ou sucessivos. Em razão das forças que predominaram sobre um ou sobre outro, e das circunstâncias ulteriores que presidiram aos seus desenvolvimentos, esses centros primitivos tornaram-se os lares de uma vida especial; uns menos disseminados no espaço e mais ricos em princípios e em forças operantes começaram desde então sua vida astral particular; os outros ocupando uma extensão ilimitada, só cresceram com uma extrema lentidão, em que se dividiram de novo em outros centros secundários .

A matéria cósmica primitiva encerrava os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que rolam suas magnificências diante da eternidade. Esta substância de onde provêm as esferas siderais não desapareceu; esta força não está morta, porque ela dá incessantemente a luz a novas criações, e recebe continuamente os princípios reconstituídos dos mundos que o tempo despoja de seus elementos materiais .

Ora, aconteceu que em um ponto do universo, perdido entre as miríades de mundos, a matéria cósmica se condensou sob a forma de uma imensa nebulosa. Esta nebulosa estava animada das leis universais que de toda a eternidade regem a matéria; em virtude dessas leis, e particularmente da força molecular de atração, ela revestiu a figura de um esferóide, a única que poderia revestir primitivamente uma massa de matéria isolada no espaço.

O movimento circular, produzido pela gravitação rigorosamente

igual de todas as zonas moleculares em direção ao centro, modificou logo a esfera primitiva para a conduzir, de movimento em movimento, para a forma lenticular. Falamos do conjunto da nebulosa.

Novas forças surgiram em seguida desse movimento de rotação: a força centrípeta e a força centrífuga; a primeira tendendo a reunir todas as partes no centro, a segunda tendendo a distanciá-las dele. Ora, o movimento acelerando-se à medida que ela se aproxima da forma lenticular, a força centrífuga, incessantemente desenvolvida por essas duas causas, predominou logo sobre a atração central. Observamos de passagem esta predominância da força centrífuga: ela é a chave de mais de um mistério. Sua primeira ação foi destacar o círculo equatorial da nebulosa, e formar desse anel uma nova massa isolada da primeira, mas contudo submissa ao seu império. A igualdade de densidade das diferentes partes deste anel tendo, mais tarde, sido destruída, ele se rompeu e se arredondou em uma esfera menor do que a massa original; sob a influência da gravitação, esta esfera conservou seu movimento equatorial que, modificado, tornou-se seu movimento de translação ao redor do astro gerador. Além disso, seu novo estado lhe dá um movimento de rotação ao redor de seu próprio centro .

A nebulosa geradora, ou sol, que deu nascimento a este novo mundo, condensou-se e retomou a forma esférica; mas o calor primitivo, desenvolvido por esses movimentos diversos, só se enfraquecendo com uma extrema lentidão, o fenômeno que acabamos de descrever se produzirá muitas vezes e durante um longo período, enquanto esta nebulosa não se tiver tornado bastante densa, bastante sólida, para opor uma resistência eficaz às modificações de forma que lhe imprima sucessivamente seu movimento de rotação. Ela não terá dado então nascimento a um só astro, mas a um grande número de mundos destacados do fogo central, originários dela pelo modo de formação mencionado mais acima. Cada um desses mundos dará nascimento por sua vez a um ou vários satélites segundo a mesma lei. Os planetas são assim formados de massas de matéria condensada, mas não ainda solidificada, destacadas, em círculo de início, da massa central pela ação da força centrífuga dominando a força centrípeta, e tomando a seguir, em virtude das leis do movimento, a forma esferoidal mais ou menos elíptica, segundo o grau de fluidez que elas conservaram.

Tal é a origem da Terra, que antes de ser resfriada e revestida de uma crosta sólida, deu nascimento à Lua, pelo mesmo modo de formação astral à qual ela deve sua própria existência .

Dá-se do mesmo modo com os outros planetas, Marte, Vênus, Mercúrio, que não produziram satélites; Júpiter, 1,400 vezes mais volumoso que a Terra deles produziu quatro, Urano oito, e Netuno um.

Quanto a Saturno, depois de ter dado nascimento a oito satélites pelos anéis rompidos sucessivamente, aconteceu que novos círculos escapados de seu equador permaneceram em posição e se solidificaram como a massa da qual dependem. O sistema de Saturno é a confirmação da teoria de Laplace, teoria que dá uma ideia bastante exata dos fenômenos do mesmo gênero que devem ter-se cumprido de toda a eternidade no seio dos desertos do espaço[7].

Mas a nebulosa geradora tendo se condensado, contentara-se de se voltar sobre si mesma, e não existe nenhuma força ligando-a aos outros sóis, seus irmãos?

Até o décimo sexto século, isto é, até Copérnico, acreditava-se, guiado pelos fatos aparentes, que o Sol girava ao redor da Terra, e que esta estava imóvel no centro do universo: tal era o sistema de Ptolomeu, considerado desde o segundo século de nossa era. Copérnico o lançou por terra e construiu aquele sobre o qual a ciência se apóia hoje. Este sistema coloca o Sol no centro do turbilhão e, sem entrar na questão da formação dos planetas, resolvida mais tarde por Laplace, faz estes descreverem orbes ao redor do astro radioso. Como se vê, este sistema é o oposto daquele de Ptolomeu.

No século dezessete Galileu, com a ajuda do telescópio, descobre os satélites de Júpiter e calcula suas revoluções; reconhece que os planetas não têm luz própria, mas que eles são iluminados pelo Sol, em uma palavra que são esferas semelhantes à Terra. A ciência astronômica desde então estava fundada; ilustres sábios tais como Képler, Newton, Laplace, confirmando os trabalhos de seus antecessores pelas novas descobertas, a assentaram definitivamente .

Hoje, graças a esses homens de gênio, sabemos que nosso Sol é apenas uma estrela da via látea, e que, ainda que centro em relação aos planetas, não é ponto fixo no fundo dos Céus, mas que cumpre um movimento formidável, e que avança no espaço, arrastando consigo seu cortejo de planetas, em companhia talvez de outros sóis com os quais ele caminha em harmonia, sob a direção, mais ou menos imediata, de um Sol comum.

Aqui seria o lugar de examinar se nosso Sol brilhou sempre com o esplendor que lhe conhecemos, ou se ele não adquiriu esse brilho senão depois da formação dos planetas. Sobre este assunto as opiniões estão divididas. No primeiro caso o Sol acabaria por extinguir-se;

---

7 Esses números precisam evidentemente ser atualizados à luz dos avanços da Astronomia desde o século XIX até agora. Segundo o site da Nasa (https://spaceplace.nasa.gov/how-many-moons/en/), Mercúrio e Vênus não têm satélites; a Terra apenas um; Marte têm duas luas; Júpiter, 53 (isso mesmo, cinquenta e três), assim como Saturno; Urano têm 27 e Netuno, 13.

no segundo, ele tornar-se-ia cada vez mais luminoso. A ciência parece pender para a primeira hipótese; entretanto a analogia pode conduzir a um resultado totalmente oposto.

Esta questão é levantada a propósito da "Gênese" que diz que Deus "fez" o Sol no "quarto dia"[8]. Se está demonstrado que a luz se concentrou pouco a pouco sobre o astro gerador, Moisés teve razão, porque isto só seria cerca da "quarta época" que a nebulosa primitiva se teria tornado sol. Dir-se-ia que Moisés o entendia assim, porque ele acrescenta: E Deus fez também as estrelas . Ora já que as estrelas são outros tantos sóis, a luz que os "fez" dataria da mesma época, pelo menos para essas da mesma aglomeração. O futuro decidirá; aguardando, desconfiemos da "letra", e voltemos ao perispírito semi-material e às suas propriedades fluídicas, tais como no-las fizeram conhecer os próprios Espíritos.

O perispírito, envoltório fluídico, modela-se sobre o Espírito, ou para dizer melhor, é modelado pelo Espírito; e ele é tanto mais puro quanto o Espírito está mais liberto; em outros termos, o perispírito é tanto mais leve quanto mais o Espírito se eleva. Bem mais puro que a matéria, o perispírito é o reflexo, o espelho da alma; é ele que guarda a impressão boa ou má dos desejos e das aspirações do Espírito. Conforme sua vontade, a alma, por seu trabalho, por sua indolência, sempre adquire, no meio onde ela se compraz, quer eflúvios espirituais, aspirações para o infinito, atividade criadora, ação mais direta emanada de Deus, quer eflúvios materiais, passionais, atração dos sentidos, necessidade de comandar, de dominar oposta à sua natureza que é necessidade de amar; e ela arrasta naturalmente com ela o que foi adquirido bom ou mau que permanece gravado em seu perispírito, seja para que ela cresça para o bem, seja para que ela se alie ao mal por seus apegos voluntários .

O princípio emanado de Deus adquire então, em virtude de sua vontade, ciência e paixão, amor e egoísmo, e em virtude de sua liberdade, ele cria as formas nas quais se compraz. Em virtude de sua origem espiritual, ele é atraído para o bem; mas tem, como equilíbrio, a possibilidade de fazer o mal, para o qual o conduz a atração material de seu perispírito. A alma deve sempre comandar. Ela só pode buscar os elementos de felicidade nos fluidos superiores onde ela pode alcançar facilmente, pela depuração de seu perispírito que, ele mesmo, é uma cadeia para ela, cadeia mais ou menos pesada que ela deve procurar torná-la leve, despojando-se cada vez mais dos elementos grosseiros,

8 Sobre o que diz a ciência, hoje, sobre o futuro do nosso sol, vale a pena conferir um pequeno artigo do Prof. Walter J. Maciel, do IAG da USP, no endereço http://www.astro.iag.usp.br/~maciel/teaching/artigos/futuro/futuro.html.

das tendências malsãs, das aspirações sensuais que, se a elas se apega, retardam sua chegada ao ponto culminante, ao estado de puro Espírito.

O perispírito é o molde da alma; é um livro no qual ela pode sempre ler, porque suas aspirações, boas ou más, seu passado causa da felicidade ou infelicidade, tudo isto aí permanece como gravação em virtude mesmo de sua constituição fluídica.

Os perispíritos são, por sua natureza, imensamente variáveis; não tem dois deles que se assemelhem, como não tem um rosto semelhante a um outro rosto. No mundo dos fluidos, existe tanta diversidade quanto no mundo material no meio do qual nós nos movemos. Fluidos de toda natureza compõem o perispírito, o modificam, o transformam, lhe trazem qualidades ou defeitos conforme a alma age para o bem ou para o mal. Esses fluidos, perispirituais, aglomerados, condensados, têm qualidades que lhes são próprias, uma coesão particular, tanto mais pesada, mais compacta, quanto a alma que os reveste é, ela mesma, mais fraca em vontade.

Nos mundos onde domina a matéria, os fluidos estão impregnados de paixões, de atrações que só falam aos sentidos grosseiros, e a alma que se compraz nesse meio, daí tira os elementos que podem lhe fazer sentir, por seu perispírito, os gozos que ela sonha. Do mesmo modo que os sentimentos que nos animam se refletem sobre nosso rosto, do mesmo modo também as paixões da alma imprimem-se sobre o perispírito, e o compõem à sua imagem. As paixões, os desejos, as aspirações moldam esse envoltório fluídico que compõe o Espírito e que este traz consigo quando se encarna. É sobre esse envoltório que se repercutem nossas paixões boas ou más. Tudo o que atinge a alma violentamente se transfere para o perispírito; e mesmo durante o sono do corpo, o Espírito, ele mesmo, nunca dorme, reencontra sobre este molde o efeito produzido pelos abalos mais ou menos violentos que sentimos no estado de vigília: daí as imagens dos sonhos da noite, daí sobretudo os quadros mais ou menos sombrios que o perispírito apresenta à alma em sua partida da Terra segundo os atos que cumpriu durante a sua encarnação.

Mas, quando a Centelha cresce, quando a Alma se eleva acima dos gozos materiais, quando o Espírito, em uma palavra, se aproxima da perfeição, ele chama, por sua vontade, os fluidos purificados, ele tira em um meio mais etéreo a vestimenta necessária, e então ele só sente atrações celestes, ele plana libertando-se das camadas profundas onde a morte se move; o belo e o bem tornam-se seu ideal, e ele acaba por atingir as esferas elevadas onde a matéria não tem mais razão de ser, onde as aspirações eternas são o alimento fluídico da Alma chegada a este ponto.

O Espírito desviado do caminho, como o representa a sublime parábola do Filho pródigo, tomou o caminho mais acidentado, o mais doloroso; acreditou, guiado talvez por um sentimento de orgulho que, pelo fruto da árvore da ciência terrestre, se tornaria deus mais cedo, e em seu desejo a Terra lhe deu asilo; seu perispírito se tornou pesado e a morte espiritual se lhe seguiu. Encarnado, a matéria lhe fez cometer novas faltas defronte de seus irmãos, frente-a-frente consigo mesmo, diante de Deus; somente as faltas foram seguidas da admoestação, e se ele compreende que trilhou caminho falso, está livre.

Entrado na vida espiritual, ele vê que seus sofrimentos lhe fizeram compreender o falso da matéria; ainda que simples, ignorante, o Espírito, cujo perispírito nada lhe apresenta para expiar, cujas atrações terrestres são nulas, cuja forma fluídica nada reflete de contrário à Beleza Eterna, o Espírito, graças aos sofrimentos que suportou, graças a todas as aspirações materiais que foram dominadas, graças aos prazeres do mundo que talvez lhe faltaram, graças, em uma palavra, às supostas desgraças que foram seu destino, e em virtude da promessa feita pelo Cristo: "Bem aventurados aqueles que choram, porque serão consolados ", o Espírito, depois de ter atravessado este Inferno terrestre, reconquistou a liberdade que ele tinha de crescer, de trabalhar na imensidade.

Ele entra para as falanges celestes e imortais maiores talvez do que aquelas de onde saíra, porque tendo aproveitado os ensinamentos de sua consciência, tendo praticado a lei de amor, tendo recomposto seu perispírito nas tribulações da vida material, ele está de ora em diante invulnerável, e não é para temer nenhuma queda ulterior. Os esplendores do infinito poderão agora apresentar-se aos seus olhares deslumbrados; livre de toda inquietação material, ele gravitará para Deus sem entraves, e tornar-se-á desde então um dos pilares do edifício celeste. As missões das quais será encarregado o encontrarão firme e ao abrigo de todo desfalecimento, porque está escrito: "Aquele que vencer herdará todas as coisas; eu serei seu Deus e ele será meu Filho"[9].

As considerações medianímicas que vão seguir, nos mostrarão este ideal divino tirado em sua própria fonte, isto é na palavra dos Espíritos protetores que Deus encarregou de esclarecer o mundo.

9 Apocalipse, 21:7.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES MEDIANÍMICAS

A Revelação espírita vem abrir à inteligência humana o mais vasto horizonte que jamais lhe foi permitido entrever. Por suas manifestações universais, os Espíritos levantam pouco a pouco o véu que nos ocultava a verdade, e breve o homem poderá ler abertamente no grande livro do infinito.

Apesar das "apalpadelas" inevitáveis em uma obra tão grandiosa, apesar da oposição que lhe tem sido feita, o espiritismo sai triunfante da luta que ele tem travado com os preconceitos e os erros acumulados. Sua missão, toda de amor e de luz, vem na ocasião oportuna, nesse século de ceticismo, para dissipar todo mal-entendido, e reunir as almas em um sublime sursum corda!

A fraternidade, a liberdade e a igualdade estão para sempre fundadas sob seu reino de paz e de harmonia, porque só a ele pertence o cetro da justiça, só ele ensina ao homem o que ele é, de onde ele vem, para onde ele vai, só ele supre os desejos e as aspirações dos corações ávidos de espiritualidade e de imortalidade.

Lede os livros revelados por via medianímica, e dizei se algum dia foi dado ao homem penetrar mais adiante nos arcanos celestes.

Quer se abra os livros precursores de Pierre-Michel Vintras[10], de Louis de Tourreil[11], ou de Louis-Michel de Figanières[12], quer se medite sobre as obras fundamentais de Allan Kardec ou de J. B. Roustaing, o espírito permanece deslumbrado diante desta luz divina que vos inunda de todas as partes.

Por toda parte, com efeito, a esperança, esta filha do Céu, vos alegra e vos consola. Não é mais essa doutrina desesperante do materialismo que desanima todo aquele que ela toca, envenena e seca o coração; não é também essa religião estreita que procura fazer do homem o escravo de seu semelhante, mas esse nobre livre pensar religioso religando a Terra ao céu, pelo voo generoso de todas as aspirações da alma.

O que procura o homem no mundo? Para que tendem seus esforços, senão para a felicidade? Mas os bens materiais podem encher

10 Pierre-Michel Vintras, pseudônimo de Eugene Michel Vintras (1807-1875), ocultista e místico autor de obras como "A Obra da Misericórdia" e "O Evangelho Eterno"

11 Louis-Jean-Baptiste de Tourreil (1799-1863), esotérico e socialista, autor da obra "Religion fusionienne, ou Doctrine de l'universalisation réalisant le vrai catholicisme".

12 Louis Michel, de Figanières (cidade da região de Provence, França), autor de "Clé de la vie" (1816-1883). Teósofo e filantropo.

o vazio de seu coração? Não sentimos que, além da Terra, há alguma coisa?

Do mesmo modo, vede quanto, desde o começo do século, a ciência astronômica conquistou extensão. Parece que o homem, guiado por um sentimento do qual não é o senhor, encontra a Terra muito estreita, e que à medida que sua inteligência cresce, seu olhar deseja sondar os abismos do infinito! Ah! é que ele é atraído, malgrado seu, para as esferas celestes onde as humanidades-irmãs lhe estendem a mão, ele sente que breve, por sua vez, lançar-se-á para essas margens ditosas onde a felicidade o chama.

Então que ímã soberano é esse, que poder invencível é esse forçando o homem, mesmo a despeito do ceticismo, a fixar seus olhares nos Céus? Esse poder, esse ímã, é a voz de nossos queridos Invisíveis que vêm nos soprar ao coração todos os pensamentos nobres e generosos.

Escutai o inspirador de Louis Michel :

"O homem renovado retomou a posse de seu domínio espiritual, de onde a ignorância o tinha distanciado. Ele aprendeu a ler em tudo a lei de Deus, escrita por toda parte. Ele a vê funcionar nos mundos, sobre a Terra, na natureza, em seu corpo; ele a experimenta e a ela harmoniza suas ações; ele se conhece a si mesmo. Armado da luneta espiritual, o homem vê o que, até hoje, tinha escapado à quase totalidade dos Espíritos de nosso pobre planeta. Ele vê claramente a verdade. Ele até se pôs a se dar conta dos seus mais caros interesses, os interesses de sua alma. Esclarecido sobre este ponto capital, ele administra com mais inteligência e com melhores resultados, mas sem buscas supérfluas, os cuidados levados ao seu envoltório material. Ele aprendeu de onde vem, onde está, enfim, aonde é suscetível de ir.

"O homem regenerado resolveu o problema do acordo entre a presciência e a bondade de Deus. Ele sabe a eternidade das penas incompatível com as condições necessárias à existência de um Deus que não pode perder, nenhum de seus mundos, nenhum de seus filhos, incapaz de castigar, mas ocupado sem cessar em depurar tudo, em utilizar tudo, em conservar tudo, em tudo aperfeiçoar, deixando distanciar-se dele a alma humana e proporcionando, na volta, a recompensa às provas sofridas.

"Esta luz que clareia o homem e o inundará breve, o consola no meio das inevitáveis dores de toda espécie, físicas e morais, no momento das provas; morrer não é mais morrer para ele: é transformar-se, é renascer; ele o sabe. A morte tornou-se a seus olhos o limiar do vasto império harmonioso entrevisto por seu espírito, conquistado

pelos sofrimentos de sua vida terrestre, e do qual seu corpo material era a única barreira que o manteve separado momentaneamente.

"Liberado das nuvens do erro, o homem espiritual percebe claramente diante dele os dois caminhos diante dos quais sua razão podia, outrora, quando muito hesitar um instante antes de se enganar. Guiado pelo faro divino, ele não balança diante do caminho do bem; ele o vê distinto, luminoso e fácil, o segue durante sua vida, e não poderia faltá-lo em sua transformação.

"Leis imutáveis presidem ao cumprimento da vida universal. Elas constituem o código de Deus, grande e simples como Ele. Uma única lei, a lei ascendente, o resume inteiramente; é a grande lei do progresso que tem por objetivo levar tudo à sublime perfeição da qual o Ser supremo é o Arquétipo.

"A lei ascendente gera a lei de esperança, e a lei descendente, como a luz produzida, por negação, a obscuridade e as trevas.

"Todos os mundos, todos os seres tendem a se elevar para obedecer à vontade de Deus; é a lei ascendente. Alguns estacionam no caminho, retidos pelos obstáculos insuperáveis só às suas forças; estacionários, incapazes de avançar ou de recuar, eles estão sob a lei de esperança. Outros, enfim, se enganam, enfraquecem, declinam em valor e tomam a via do mal; obedecem à lei descendente.

"É uma lei primordial divina confinante diretamente com a execução da lei ascensional e da qual só o nome indica a importância: a lei de atração e de amor.

"Pelo amor, verdadeiro dom de Deus, as almas se atraem, se depuram, se fundem, se elevam, se dedicam ao se aproximarem d'Ele. Unidas pelo amor, elas podem tudo; sem o amor, elas se afastam, se dividem, se enfraquecem, se deterioram e descem.

"As almas, deixando o caminho do bem, provocam para si inumeráveis sofrimentos. À medida que elas descem, pela transformação, em um mundo pior do que aquele de onde elas vieram, é-lhes necessário mais energia para escolher o caminho ascendente, tanto menos fácil de distinguir quando se está colocado mais baixo. Essas almas degradadas chegam assim, de queda em queda, aos mundos situados nos nevoeiros do monturo compacto .

"Os seres maus, agindo segundo sua natureza, se atrelam por trás da lei de Deus. Instrumentos voluntários de suas adversidades e das penas dos outros, eles trabalham, na realidade, para constituir, com seus esforços, sua felicidade futura, graças às torturas de sua sombria existência; ao mesmo tempo, eles valorizam as provas sofridas por sua intervenção. Justificando, com efeito, o pai do filho pródigo, Deus mata, como esse pai, a vitela gorda para celebrar o retorno do

filho desgarrado, e não abandona o homem, seu cooperador eterno, na grande obra dos mundos.

"Nos mundos compactos da última ordem, nos mundos de provas, encerrada em uma prisão material, providencialmente entorpecida na proporção de sua infelicidade, a alma aí se trai, apesar disso, com os olhos do espírito, por mais degradada, por mais malvada que seja sua natureza, pelas aspirações, pelos impulsos, pelos brilhos em que se reconhece, em diversos graus, o vislumbre do bom, do belo, do verdadeiro e do justo, a razão, às vezes, a ordem, o juízo e a inteligência real, e sempre uma consciência tal qual, alegria ou remorso, e as faculdades mais ou menos apagadas do protótipo divino desconhecido da unidade humana.

"Nosso planeta, um dos mais elevados na categoria dos mundos de provas, nos fará compreender o que podem valer os outros. Sem nos estender sobre a incoerência geral do que ele nos oferece, ainda em nossos dias, seu quadro físico e moral ser-nos-á suficiente para nos criar um ideal aproximativo desses horrores, de nos transportar para trás, nos séculos passados, à escravidão de nossos tempos, aos países de escravos, às épocas marcadas pela servidão, à feudalidade, à inquisição, às guerras religiosas, tempos infelizes cujo comportamento subversivo é posto à luz pelas comparações de um presente tão pouco invejável, mas contudo tão suscetível de progresso, onde se mostra sempre a solicitude paternal da Providência.

"Deus vê o presente, o passado e o futuro. Ele conhece o avanço do percurso de cada um de nós. Ele conhece o fim necessário, próximo ou distante, onde todos nós chegaremos, sem exceção, consistindo em alcançar a completa perfeição luminosa do amor, depois de ter recebido, para esse fim, a arma do livre-arbítrio, e as luzes, para manejá-la, em relação completa com nossos méritos.

"Não estamos todos destinados, em consequência de caracteres distintos e combinados de que trazemos a impressão, a alcançar o objetivo da mesma maneira. Uns o alcançam após algumas provas, outros após um maior número, outros, finalmente, após tempo ilimitado, com penas infinitas. Mas cada um de nós está armado com seu livre-arbítrio, seu guia através de todos os perigos, e o mérito é proporcionado ao número, ao valor, à duração das provas sofridas, e por conseguinte a recompensa ao mérito. Pode-se compreender de outro modo a volta do filho pródigo celebrada com mais alegria do que a sabedoria de seu irmão, a volta do pecador convertido acolhido com mais entusiasmo que a perseverança dos justos!

"Deste modo se encontram em perfeito acordo a presciência de Deus, sua bondade, sua justiça, o livre-arbítrio do homem, suas provas, seu mérito, sua recompensa!"

A questão do bem e do mal colocada diante da presciência de Deus e do livre-arbítrio do homem tem sido sempre uma das mais controvertidas.

Todos os filósofos, todos os pensadores esforçaram-se para dar dela uma solução digna, ao mesmo tempo da liberdade humana e da bondade divina. Nós a encontramos plenamente resolvida no livro precursor de Louis de Tourreil :

"Se Deus interviesse regularmente para preservar o homem do erro e da injustiça, o homem não teria estado livre, visto que só teria podido fazer o bem, e ainda sem o compreender. Nesse caso teria sido, inteiramente, como se o próprio Deus o conduzisse e agisse em seu lugar. Dispensado do erro, o homem teria sido dispensado da experimentação, porque a experimentação o exporia a enganar-se e a cair no mal. Dispensado da injustiça, ele teria sido igualmente dispensado de agir segundo seu próprio impulso, porque ele teria podido ser injusto. Todas as suas ações teriam sido, pois, forçadas, maquinais. Sua vontade, suas paixões teriam sido reguladas de maneira a executar sempre, necessariamente a vontade de Deus, sem raciocinar. Em uma palavra, ignorando o bem e o mal, nada experimentando por si mesmo, obedecendo sempre cegamente ao impulso de Deus sem determinação nem desejos próprios, o homem nesse estado, como no estado em que Deus o teria feito nascer com toda a sabedoria necessária para evitar o mal, certamente não teria existido. Para que o homem exista, é preciso que seja dotado da faculdade de sentir, de conhecer, de raciocinar, de desejar, de querer, de esclarecer-se sucessivamente no bem e no mal, em virtude de sua própria liberdade .

"Apesar disso não se pode dizer que o mal seja necessário, porque, por si mesmo, ele não é alguma coisa de substancial, de real; ele nada é. Antes de ser manifestado e sentido pelo homem, o mal não tem protótipo como o bem; ele não existe; enquanto que o bem é real e eterno. Também por isto mesmo é que o mal não tem corpo, que não é um ser, mas a negação, numa certa medida, do ser, ele pode ao contrário do bem, cujo modo é único, produzir-se de uma infinidade de maneiras diferentes. Sua razão de ser está inteiramente subordinada ao desarranjo possível dos elementos constitutivos de um indivíduo. É preciso que se produza uma certa perturbação dentro do ser para que o mal exista. Mas esta perturbação não é determinada por uma lei inevitável. Logo, ela não chega necessariamente em uma hora fixa: ela não é fatal.

"O mal, pois, é contingente: ele pode existir ou não; chegar mais cedo ou mais tarde; com tal fisionomia ou tal outra sem precisão. Nada

antes de se manifestar; ele seria igualmente nada enquanto se manifesta e após ter-se manifestado, se a consciência do ser perturbado não o percebia no momento em que ele se produziu, e se a memória não conservasse lembranças dele depois" .

"Se podemos admitir agora por uma suposição gratuita que Deus, formando o homem, pudesse saturá-lo da sabedoria necessária para o preservar do mal, fica claro então que esta sabedoria não era propriedade do homem, visto que este nada teria feito para adquiri-la. Se Deus desejasse dispensar o homem do mal, o mal então não existiria, conseqüentemente, o homem não tendo objeto de comparação, teria ignorado completamente o bem, e sua sabedoria seria puramente ilusória. Privado de escolher entre o bem e o menos bem, e fatalmente impedido de voltar atrás ou de desviar-se da direção impressa, ele seria regido como os corpos brutos, pela lei matemática, e se comportaria como eles. Em uma palavra, o homem dispensado do mal seria apenas uma máquina servil, dirigida inteiramente pela razão de seu criador, e a obra universal de Deus se encontraria privada de sua grandeza e de sua sublimidade .

"Certamente o homem não está interessado em desviar-se de seu destino, mas dele se desvia porque ele é ativo, livre, complexo. Aí está, unicamente, a razão de seu desvio. Como ser ativo, ele é dotado de um movimento próprio; como ser livre, ele goza da faculdade de dirigir seus movimentos e de agir a seu bel-prazer; como ser complexo, ele reúne em si mesmo todos os estados dos reinos inferiores, dos quais é o produto e se acha solicitado diversamente.

"Quando, pois, o homem experimenta, por sua falta, uma desordem qualquer, esta desordem é uma queda ou uma retrogradação, visto que o mal arrasta o ser para baixo de si mesmo, e lhe produz um estado correspondente a um dos modos individuais que compõem a série dos reinos inferiores.

"É então que ele se desvia porque, por um lado, o homem está ativo, livre, e que, por outro lado, ele é atraído pelos elementos inferiores de sua natureza complexa aos quais ele obedece em lugar de se fazer obedecer. Se ele conhecesse perfeitamente seu destino, se ele soubesse como pode realizá-lo, se além disso, ele compreendesse todo o interesse que ele tem de apressar esta realização, e não abandonasse o governo de si mesmo, não haveria mal para ele, visto que Deus não lhe recusaria o que necessitasse para se satisfazer. "Querendo o fim, Deus quer igualmente o meio; do mesmo modo Ele o pôs, liberalmente à disposição dos homens".

A revelação diante do livre-arbítrio levanta uma objeção que se

resume assim: "A religião natural basta à razão, então a revelação é inútil".

Esta objeção, tão antiga quanto o mundo, e que inspirou em Lucrèce[13] a ideia de seu poema da Natureza, está longe, seja o que for que se diga, de satisfazer às exigências da razão. Onde estaria, com efeito, a sanção da moral sem a revelação? Está o sentimento da divindade, de tal modo gravado no fundo de toda consciência, que não tenha enfraquecido? O materialismo e o ateísmo são a prova do contrário.

A revelação é então necessária, e ela em nada atenta ao livre-arbítrio, porque ela se dirige à razão humana segundo as circunstâncias, os tempos e os lugares.

Eis o que contém sobre este assunto um dos livros revelados de Pierre-Michel Vintras:

"Está mais do que suficientemente provado que todas as teogonias humanas acreditaram em uma revelação: todas estão de acordo em confessar a justiça do Criador, sua infinita sabedoria; poucas, ah! ousaram crer em sua misericórdia, e menos ainda em seu amor!

"O homem consciencioso encontra no histórico de cada religião-mãe um acordo universal sobre o mistério de que está coberta a vida humana; que vem a esclarecer sua grande razão de ser. Por toda parte as demonstrações extraordinárias, transcendentais ou extra naturais; por toda parte as operações que dominam a oposição mais ou menos instintiva do homem e que lhe ensinam que existe alguma coisa de mais elevado para o qual é, para ele, bom, útil e indispensável mesmo de alcançar.

"Por toda parte profetas e livros sagrados; por toda parte manifestações atribuídas ao poder soberano do Criador se revelando às suas criaturas para lhes ensinar a causa de sua criação, a razão de sua infelicidade, a natureza de seus crimes, e a misericordiosa bondade do Eterno nos diferentes modos de sua expiação. Por toda parte o homem é reconhecido culpado; por toda parte a humanidade é geralmente solidária, a reparação indispensável, a reabilitação uma esperança.

"A teologia cristã nos ensina, fingindo acreditá-lo, que fora o Mosaísmo e o Cristianismo só há sonhos absurdos e obras diabólicas; a filosofia, da mesma maneira absoluta, acusa tanto o conjunto religioso do passado como do presente de alucinações e de imposturas. Os teólogos e os filósofos cometem, juntos, o mesmo erro, ainda que de uma maneira diferente de ver. Os primeiros pronunciam contra Deus uma acusação de fraqueza e de injustiça: de fraqueza, no fato de que

13 Lucrécio. Poeta e filósofo romano do século I a.C.

Ele deixa tirar dele, pelo "diabo", a maior parte da humanidade; de injustiça, no fato de que Ele, abandonando-a, voluntariamente, às potências do erro que só podem tirá-la d'Ele por sua própria vontade, resulta então que Ele gratifica com sua verdade, com seu amor, tais ou tais de suas criaturas, enquanto que deles destitui os outros segundo as fantasias e os caprichos de sua vontade .

"Se, segundo a filosofia, tudo é fraude e impostura na fé universal dos povos, se todas as religiões se basearam apenas em mentiras e absurdidades, essa parte que parece dizer respeito inteiramente à cobiça humana disso não chega a menos do que uma blasfêmia, frente à sabedoria e à bondade de Deus. Se Deus não se revelou, é porque Ele não existe ou não existe lei de relação útil entre Ele e suas criaturas".

"Como é natural ao homem crer que deve existir um Ser de quem tudo emana, que este Ser é o único que todas as criaturas exaltam, que somente n'Ele deve residir a plenitude de toda justiça e de toda razão, este Ser não tendo visivelmente dado leis aos homens, não lhes tendo dado ordem nem proibição, tendo-os criado para o que quisessem ser, não se inquietando nem se ocupando de sua vida, não mais do que de suas ações, todo homem é senhor de viver a seu modo, sem ordem social, sem leis a obedecer, sem vontade a satisfazer, sem dependência e sem obrigação para com quem quer que seja. Ele então se torna semelhante ao tigre e ao macaco, à torrente e à tempestade; só tem para o reter a força, o número ou a potência dos obstáculos. Ele os destrói mais ou menos completamente, ou então em lugar de os vencer e de os submeter, ele se encontre vencido por eles e a eles submetido: guerra permanente na qual todo contraditor e toda contradição formam um mundo inimigo contra o qual o homem e suas paixões têm não somente o direito, mas o dever de lutar sem cessar.

"Sem nenhuma dúvida, todas as religiões foram causa de especulação para a maior parte daqueles que nelas eram escolhidos os administradores e os iniciadores; as paixões humanas sempre irromperam nessas grandes crateras que elas quiseram explorar em seu proveito. Mas é incontestável que cada uma delas estava baseada sobre uma porção da verdade emanando do Princípio divino, que a manifestava então segundo o estado e a condição da sociedade humana que ela devia esclarecer, prevenir, polir e aperfeiçoar; esta emanação da inteligência divina diretora e protetora da razão humana, trazia naturalmente com ela suas leis transformadoras, engrandecedoras e progressivas.

"Todas essas religiões que nós acharíamos tão discordantes, tão estranhas umas às outras, delas não as estudando em seu encadeamento harmonioso e não remontando à sua fonte mãe, longe de

nos surpreender em sua variedade, depois de ter conscienciosamente sondado seu ponto de partida, nos constrangem a admirar esta aparente desordem cujos diferentes episódios formam um conjunto admirável do qual sobressai a unitária eloquência desse grande poema universal que se lhe pode chamar, sem exagero, o poema divino da humanidade".

É este poema divino que o espiritismo vem continuar ao reunir as folhas dispersas, nelas acrescentando os esplendores de uma claridade nova. Basta, para disso se convencer, abrir "O Livro dos Espíritos" e "O Livro dos Médiuns" de Allan Kardec.

"O Livro dos Espíritos" que se considera, com justiça, como o fundamento da doutrina espírita, ilumina com uma nova luz tudo o que foi dito até o presente sobre os maiores problemas. A moral que dele emana é tão elevada e tão pura que o abade Lecanu[14], em sua Histoire de Satan [História de Satã], não pôde abster-se de exclamar: "Seguindo as máximas do "Livro dos Espíritos" de Allan Kardec, há que se tornar um santo sobre a Terra".

Reunimos aqui adiante todos os parágrafos desta obra que se reportam à evolução do Espírito.

EVOLUÇÃO DO ESPÍRITO
segundo "O Livro dos Espíritos" de Allan Kardec.

"Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas (1).

"O homem não pode compreender a natureza íntima de Deus (10).

"Quando Deus julga útil, revela ao homem o que a ciência não lhe pode ensinar (20) .

"Deus criou eternamente por sua vontade todo-poderosa (21-38).

"O universo é composto de dois elementos gerais: o espírito e a matéria (27).

"O Espírito é o princípio inteligente do universo, e a inteligência é o atributo do espírito; mas um e outra se confundem em um princípio comum (23-24).

"A matéria é o liame que prende o espírito, é o instrumento que lhe serve, e sobre o qual, ao mesmo tempo, ele exerce sua ação (22).

"O espírito e a matéria são distintos, mas é preciso a união do

14 Auguste François Lecanu, nascido em Breville-sur-Qua, a 13 de dezembro de 1803, e falecido em Coutances, a 09 de fevereiro de 1884.

espírito e da matéria para intelectualizar a matéria (25).

"O fluido universal faz o papel de intermediário entre o espírito e a matéria; o princípio vital dele deriva (27-65).

"Os mundos se formam pela condensação da matéria cósmica disseminada no espaço; eles encerram os germes dos seres vivos, que permanecem no estado latente e inerte até o momento favorável à sua eclosão (39-44) .

"A natureza se divide em quatro reinos: o reino mineral, o reino vegetal, o reino animal e o reino humano (589).

"Tudo é transição na natureza; as coisas mais disparatadas na aparência têm pontos de contacto que o homem compreenderá mais tarde (589).

"Tudo se encadeia desde o átomo primitivo até o arcanjo que, ele mesmo, começou pelo átomo (540-604).

"As plantas recebem as impressões físicas que agem sobre elas; elas não sofrem nem pensam (586-587).

"Há nas plantas uma força mecânica que as atrai umas para as outras (588).

"Os animais agem por instinto, mas na maior parte deles há vontade determinada: é a inteligência não racional (73-593).

"Os animais têm uma certa liberdade de ação limitada às suas necessidades e restrita aos atos da vida material; eles progridem pela força das coisas, porque não há para eles expiação (595-602).

"Há nos animais um princípio distinto da matéria e que sobrevive ao corpo (597).

"A alma do animal é classificada após sua morte pelos Espíritos aos quais isto concerne e quase imediatamente utilizada; não tendo livre-arbítrio, não há tempo de se pôr em relação com outras criaturas (600).

"A inteligência do homem e a dos animais emanam do mesmo princípio, isto é, do elemento inteligente universal; mas no homem ela recebeu uma elaboração que a eleva acima daquela que anima o animal (606).

"Há entre a alma dos animais e a do homem tanto de distância quanto entre a alma do homem e Deus (597) .

"A alma foi o princípio inteligente dos seres inferiores da criação. É nesses seres, que o homem ainda não conhece todos, que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida. É de qualquer forma um trabalho preparatório como o da germinação, após o qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. É então que começa para ele o período da humanidade, e com ela a consciência de seu futuro, a distinção do bem e do

mal, e a responsabilidade de seus atos (190-540-607).

"Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material (79).

"O mundo dos Espíritos constitui um mundo à parte fora daquele que nós vemos: é o mundo das inteligências incorpóreas (84).

"Na ordem das coisas, o principal é o mundo dos Espíritos; ele é preexistente e sobrevivente a tudo (85-738).

"O mundo corporal poderia deixar de existir ou nunca ter existido sem alterar a essência do mundo espírita; apesar de sua correlação incessante, eles são independentes um do outro (86) .

"Os Espíritos estão por toda parte; os espaços infinitos são povoados por eles, ao infinito; eles concorrem para a harmonia do universo executando as ordens de Deus, do qual são os ministros (87-558).

"Os Espíritos não têm forma determinada: são uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea (88) .

"Os Espíritos não têm sexo e são imortais, o amor nasce entre eles da simpatia (83-200-300).

"Não pode haver divisão do mesmo Espírito; cada um é um centro que irradia segundo o seu poder (92).

"Os Espíritos têm um invólucro fluídico chamado perispírito, que muda de densidade segundo as regiões que percorrem (93 e 94).

"Os Espíritos são de diferentes ordens segundo o grau de perfeição que eles alcançaram (96).

"Pode-se dividir os Espíritos em três categorias principais: a primeira classe é a dos Espíritos puros, porque eles chegaram à perfeição; os da segunda ordem são os bons Espíritos: o desejo do bem é sua preocupação; os da terceira classe, os maus Espíritos, são caracterizados pela ignorância, pelo desejo do mal e por todas as más paixões (97).

"Os Espíritos da terceira ordem não são todos essencialmente maus; uns não fazem nem o bem nem o mal; outros, ao contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos de o fazer (99).

"Os Espíritos não foram criados uns bons e outros maus: Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes. Deu-lhes, a cada um, uma missão com o objetivo de os esclarecer pelo conhecimento da verdade e para os aproximar d'Ele. A felicidade eterna e sem desgostos é para eles esta perfeição. Os Espíritos adquirem os conhecimentos à medida que o livre-arbítrio se desenvolve, passando pelas provas que Deus lhes impõe. Uns aceitam essas provas com submissão e chegam mais prontamente ao objetivo de seu destino; outros só as sofrem com reclamação e permanecem assim, por sua falta, distanciados da perfeição e da felicidade prometida: é a grande figura da queda do homem

e do pecado original (115-122-262).

"Se Deus criasse os Espíritos perfeitos eles estariam sem mérito para gozar dos benefícios da perfeição. Onde estaria o mérito sem a luta (119)?

"Todos os Espíritos passam pela fieira da ignorância e não pela do mal; aqueles que são maus se tornam tal por sua vontade e seu livre-arbítrio (120-121).

"Os maus Espíritos estão figurados pela alegoria de Satã. Sua maldosa influência se exerce sobre os Espíritos e sobre os homens (122-470).

"Se, desde o princípio, os Espíritos seguem a via do bem absoluto, e outros a do mal absoluto, o maior número faz o bem e o mal em diferentes graus (124).

"Os Espíritos são livres para seguir o caminho do mal. A sabedoria de Deus está na liberdade que ele deixa para cada um escolher, porque cada um tem o mérito de suas obras (123).

"Todos os Espíritos devem chegar ao mesmo grau de superioridade através das eternidades; Deus contempla os desgarrados com o mesmo olhar e os ama a todos com o mesmo coração (126).

"Os Espíritos não degeneram; quando eles têm o saber científico não o esquecem (118-785).

"O objetivo da encarnação dos Espíritos é de os fazer chegar à perfeição: para uns é uma expiação; para outros é uma missão. Mas para chegar à perfeição devem sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: é aí que está a expiação (132).

"Todos os Espíritos se instruem nas lutas e nas tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não poderia fazer uns felizes sem dificuldade e sem trabalho, e por consequência sem mérito (133).

"A alma do homem é um Espírito encarnado. Antes de se unir ao corpo a alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível, e que revestem temporariamente um envoltório carnal para se purificar e se esclarecer (134).

"O ponto de partida da encarnação humana não é a Terra; mas há sobre a Terra Espíritos encarnados pela primeira vez (607).

"Todos os globos que circulam no espaço são habitados (55).

"A espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos do globo terrestre, ela veio a seu tempo, é o que fez dizer que o homem foi formado do limo da terra (47).

"O homem apareceu em vários pontos do globo e em diversas épocas; está aí uma das causas da diversidade das raças; depois os homens, dispersando-se sob diferentes climas, e aliando-se a outras raças formaram novos tipos (53) .

"O homem no estado selvagem é antes guiado pelo instinto do que pelo livre-arbítrio; mas sua alma não está no estado de infância visto que ele tem paixões (191-849).

"Durante a vida, os Espíritos nos visitam como se visita um prisioneiro na cadeia (343).

"Pela morte, o Espírito sai do cativeiro; pelo nascimento entra nele. A causa da morte é o esgotamento dos órgãos que faz retornar o princípio vital à massa (339-70).

"A alma que não acabou de se depurar sofre uma nova encarnação (166).

"Todos os Espíritos que devem se reencarnar são errantes, isto é, aspiram depois uma nova existência (226).

"Segundo o gênero de expiação, um Espírito de raça civilizada pode ser reencarnado em uma raça selvagem (273).

"O Espírito do homem não pode animar o corpo de um animal; o rio não remonta à sua nascente (612).

"O objetivo da reencarnação é a expiação e o melhoramento progressivo da humanidade (167-998).

"O Espírito que fracassa em suas provas ou em sua missão deve recomeçar a mesma tarefa (178-781-847).

"O Espírito que não se adianta pode ir para um mundo pior que a Terra; se ele abusa, sua expiação pode ser terrível (174-373-781).

"À medida que os Espíritos se lavam de suas máculas e que eles se despojam da matéria, eles se encarnam nos mundos cada vez mais perfeitos (985).

"Não há vantagem particular em voltar a habitar a Terra, a não ser que seja em missão (175).

"Quando o Espírito se despojou de todas as suas impurezas, não tem mais necessidade da natureza corporal (168-268).

"O dogma da reencarnação está baseado na justiça de Deus, que, como bom pai, deixa sempre, aos seus filhos, uma porta aberta ao arrependimento e não os pode banir eternamente (171-116-991).

"Os sofrimentos que às vezes se experimenta no momento da morte são uma alegria para o Espírito, que vê chegar o termo de seu exílio (154).

"A vida eterna consiste na vida do Espírito; a do corpo é apenas transitória e passageira (153).

"O trabalho é uma lei da natureza; mas o trabalho imposto ao homem é uma consequência de sua natureza corporal, é uma expiação e ao mesmo tempo um meio de aperfeiçoar sua inteligência (676-983).

"O bem e o mal são absolutos para todos os homens; a lei de Deus está escrita na consciência, ela é a mesma para todos, porque o

bem é sempre o bem e o mal sempre o mal; a diferença está no grau de responsabilidade (621-636-628).

"Jesus é o modelo da perfeição; Ele ensinou aos homens as verdadeiras leis de Deus; mas sua palavra, frequentemente alegórica, velada segundo os tempos e os lugares, deve tornar-se inteligível para todos. Os Espíritos estão encarregados de preparar o reino do bem anunciado por Jesus; mas é preciso que cada coisa venha em seu tempo. A verdade é como a luz: é preciso habituar-se a ela pouco a pouco, senão ela cega (625-626-628).

"O meio mais eficaz de combater a natureza corporal, é fazer abnegação de si mesmo seguindo as inspirações de seu Espírito protetor (912-495-910).

"O egoísmo e o orgulho se enfraquecerão com a predominância da vida moral sobre a vida material e sobretudo com o entendimento de vosso real estado futuro (917-799).

"Para se conhecer a si mesmo é preciso colocar-se questões nítidas e precisas e não recear multiplicá-las; bem que se pode dar alguns instantes para conquistar uma felicidade eterna. O homem acabará por compreender que fora do gozo dos bens terrenos, há uma felicidade infinitamente grande e infinitamente durável (313-919-785).

"A felicidade dos bons Espíritos é proporcionada à sua elevação, mas eles não experimentam nem as necessidades, nem os sofrimentos, nem as angústias da vida material; para eles as necessidades materiais lhes parecem os prazeres do animal. — Todas as regiões lhes são acessíveis (967-279).

"Os sofrimentos que os maus Espíritos sofrem não têm descrição possível. Para a punição de certos crimes, só aquele que a experimenta teria, do castigo, uma ideia para vos dar: é o que se pode chamar de inferno. As regiões em que habitam os bons Espíritos lhes são interditadas (973-279).

"O purgatório compreende dores físicas e morais: é o tempo da expiação. É quase sempre sobre a Terra que fazeis o vosso purgatório e que Deus vos faz expiar vossas faltas (1013).

"A lembrança das faltas que a alma pôde cometer não perturba sua felicidade depois que ela se depurou, porque ela as resgatou e porque ela saiu vitoriosa das provas às quais ela se submetera com esse objetivo (978).

"O Céu é o espaço universal; são os mundos superiores onde os Espíritos gozam de suas faculdades sem ter as tribulações da vida material (1016).

"Tem sido falado a vós desses mundos em que a alma que acaba de nascer é colocada; ainda que ignorante do bem e do mal, ela

pode, senhora de si mesma, caminhar para Deus, de posse do livre-arbítrio; vos tem sido dito de quais importantes faculdades a alma tem sido dotada para fazer o bem; mas, ah! é nisso que sucumbem, e Deus, não querendo oprimi-las, lhes permite ir de encarnações em encarnações, em que elas se depuram, se regeneram e retornarão dignas da glória que lhes estava destinada.

"Resumamo-nos aqui: Todos vós estais sobre a terra para expiar; mas todos sem exceção deveis fazer todos os vossos esforços para abrandar a expiação de vossos irmãos, segundo a lei de amor e de caridade.

"Pobre raça humana, recobra coragem, abre os olhos para a luz: eis que as almas daqueles que não mais existem vêm te lembrar teus verdadeiros deveres; eles te dirão, com a autoridade da experiência, o quanto as vaidades e as grandezas de tua passageira existência são pouca coisa junto da eternidade, e que a caridade e a humildade, as duas irmãs que se dão as mãos, são os títulos mais eficazes para obter graça diante do Eterno". (Allan Kardec, Évangile selon le spiritisme [O Evangelho segundo o Espiritismo], páginas 30, 81 e 105).

Depois de "O Livro dos Espíritos" de Allan Kardec, eis os Evangelhos explicados de J. B. Roustaing, que vêm iluminar o que ainda havia de obscuro na nova revelação. Com esse livro, acabaram-se os mistérios, porque ele é a paráfrase e de algum modo a chave de "O Livro dos Espíritos" e "O Livro Médiuns".

Eis a exposição da evolução do Espírito tal como está desenvolvida no início da obra.

EVOLUÇÃO DO ESPÍRITO
segundo os Evangelhos explicados de J. B. Roustaing.

"Tudo provém de Deus e a Ele retorna. Deus, Único, Criador incriado, pai de todos e de tudo, Deus, o grande motor de tudo o que existe, é o pilar inabalável sobre o qual repousam as multidões de mundos, lançados no espaço como os átomos o são no ar. (Tomo I, item 56)

"Na criação tudo tem uma origem comum, tudo procede do infinitamente pequeno para o infinitamente grande até Deus, ponto de partida e de reunião. (I, 56)

"O magnetismo é o agente universal, tudo está submetido à influência magnética; tudo é magnetismo na natureza. É a grande lei que rege todas as coisas. Os fluidos magnéticos ligam entre si todos os mundos, unem todos os Espíritos; é o laço universal que Deus nos deu para nos envolver como um único ser e nos ajudar a subir até Ele

reunindo nossas forças. (I,31)

"O fluido universal, tocando em Deus e d'Ele partindo, por suas combinações, modificações e transformações, é o instrumento e o meio no infinito e na eternidade, de todas as combinações espirituais, materiais e fluídicas, da criação de todos os mundos, de todos os seres em todos os reinos da natureza. (I,56)

"O Espírito, em sua origem de formação, essência espiritual, princípio de inteligência, sai do todo universal, isto é do conjunto dos fluidos espalhados no espaço. Esse princípio inteligente é de tal modo sutil que nenhuma expressão pode dar uma ideia dele. (I,56)

"A vontade de Deus anima esses fluidos quintessenciados para lhes dar o ser com a ajuda de uma combinação da qual só Ele tem o segredo, e cuja essência só se encontra nas emanações divinas. (I,56)

"A vida universal está assim em germes eternos, por toda parte na natureza. (I,56)

"Em sua formação, os mundos primitivos são compostos de todos os princípios constitutivos dos diversos reinos que os séculos devem elaborar. (I,56)

"O princípio inteligente se desenvolve ao mesmo tempo que a matéria, progride com ela, passando da inércia à vida. (I,56)

"Essa multidão de princípios latentes esperam, no estado cataléptico, que o soberano senhor, segundo as leis eternas que Ele estabeleceu, lhes dê uma destinação. (I,56)

"Eles sofrem através das eternidades, e sob a direção dos Espíritos prepostos, as transformações que devem desenvolvê-los, passando sucessivamente pelos reinos mineral, vegetal e animal, e pelas formas e espécies intermediárias entre cada um desses reinos. (I,56)

"A essência espiritual, saindo do reino mineral, sofre no reino vegetal a prova da sensação; mas não há nem consciência nem sofrimento, há somente vibração magnética. (I,56)

"No momento em que o princípio espiritual é transportado ao reino animal, ele começa a sentir um ato exterior: ele aí tem a sensação do sofrimento, e torna-se pouco a pouco um princípio inteligente de uma inteligência relativa que se chama instinto, inteligência relativa às suas necessidades físicas, à sua conservação, mas sem livre-arbítrio. (I,56)

"O princípio inteligente passa por todas as formas intermediárias que participam do reino animal e do reino humano, e chega assim ao ponto preparatório ao estado espiritual consciente, nesse momento em que termina o instinto e em que começa o pensamento. (I,56)

"O Espírito, para entrar na vida ativa, consciente, independente e livre, tem necessidade de se libertar inteiramente do contato forçado

que tivera com a carne; ele tem necessidade de esquecer suas relações com a matéria, de se purificar dela; é nesse momento que se opera a transformação que lhe dá a consciência do ser. (I,57)

"Ele é restituído ainda ao todo universal, mas em condições distintas. Ele é conduzido às regiões especiais nas quais se elaboram os princípios constitutivos do perispírito, envoltório fluídico que será o instrumento de seu progresso ou de sua queda. (I,57)

"Fraco raio luminoso, ele é lançado em uma massa de vapores que o envolvem por todas as partes e que o mergulham em uma espécie de letargia. O perispírito, destinado a receber o princípio espiritual, se desenvolve, se forma ao redor dessa centelha de verdadeira vida. Ele toma uma forma indistinta primeiro, depois se transforma gradualmente e passa por todas as fases de desenvolvimento. (I,57)

"O Espírito então sai de seu entorpecimento para lançar seu primeiro grito de admiração. Somente nesse momento ele tem a plena consciência de si mesmo, e pode ser humanizado se ele vem a falir. (I, 57)

"Posto na posse do livre-arbítrio e podendo escolher seu caminho, os Espíritos estão submetidos, em certas condições de existência, aos Espíritos prepostos ao seu desenvolvimento; é então que sua vontade os leva a seguir um caminho antes que um outro. Eles podem falir ou seguir simplesmente e gradualmente o desenvolvimento que lhes está indicado para progredir. (I,56)

"Muitos falem; alguns resistem aos arrastamentos do orgulho e da inveja. A perda de todos os Espíritos é o orgulho, que tem por derivados a presunção e a inveja. (I,56)

"Quando o livre-arbítrio alcançou todo o seu desenvolvimento, os Espíritos fazem dele um bom ou mau uso, seja no início, seja em um ponto mais ou menos avançado do percurso. Eles sentem a influência paternal de seu Deus, cuja existência lhes é revelada, mas que eles ainda não veem. (I,57)

"É quando as tendências do Espírito se revelam. Tudo é tão belo nas regiões superiores, que ele fica maravilhado, fascinado; inebriados pela vista dos esplendores que cercam os grandes Espíritos, o orgulho ou a inveja se apoderam deles; o orgulho, porque tendo já muito poder sobre as regiões inferiores que eles sabem governar, acreditam que devem apenas a seu próprio mérito o poder de que gozam; a inveja, porque nem sempre compreendendo a ação poderosa de Deus, não admitem que haja uma hierarquia espiritual. O ateísmo mesmo alcança às vezes esses pobres cegos no seio da luz; não vendo Aquele do qual tudo deriva, negam sua existência, e eles mesmos se creem a base e o cume do edifício . (I,57)

"Os Espíritos que falem, indóceis, rebeldes à influência e aos conselhos daqueles que estão encarregados de os conduzir, atraem pela natureza de suas tendências os Espíritos maus simpáticos às suas paixões; mas é apenas depois da queda que estabelecem com eles as relações similares. (I,56)

"Os Espíritos, ao contrário, que, dóceis a seus guias, seguem simples e gradualmente o caminho reto atraem os Espíritos bons, simpáticos aos seus sentimentos. (I,56)

"Para todos os Espíritos, os fluidos do perispírito variam de uma maneira contínua para seguir, em seu desenvolvimento progressivo, ao Espírito que ele recobre, seguindo a natureza de suas tendências e das regiões que ele percorre. (I,56)

"Entre os Espíritos que faliram, deles há que, desde o início, abusam com obstinação de seu livre-arbítrio, e se revoltam. Esses Espíritos presunçosos e orgulhosos são então humanizados, isto é, encarnados nas terras primitivas, ainda virgens do aparecimento do homem, mas prontas para este aparecimento, para serem domadas e progredirem sob as opressões da carne. Eles são encarnados nas substâncias humanas, corpos rudimentares chamados a progredir e a se desenvolver pela procriação, segundo as condições estabelecidas para o exercício da lei natural em semelhante caso. (I,56)

"Estes são os lugares tenebrosos da encarnação humana. A matéria segue um desenvolvimento regular, os Espíritos superam os degraus sem neles tocar se eles se elevam: há sempre categorias de Espíritos em relação com o nível das encarnações. (I,56)

"Há Espíritos que só falem depois de terem sido, por muito tempo e durante séculos, dóceis aos Espíritos encarregados de os conduzir; eles são encarnados nos planetas mais ou menos inferiores, mais ou menos elevados, segundo o grau de culpabilidade para aí sofrer uma encarnação mais ou menos material, proporcionada às necessidades de progresso em relação com a elevação do Espírito. (I,56)

"Os Espíritos que permanecem dóceis aos seus guias cumprem seu progresso no estado de Espírito. Para alcançar a perfeição, seus estudos se fazem no espaço, no grande livro do infinito. Eles percorrem todas as esferas, as terras primitivas, os mundos inferiores e superiores em todos os graus, até que a influência da matéria tendo se tornado nula para eles, eles se tornem Espíritos puros. O trabalho é grande, contínuo e cansativo sob esse envoltório que constitui o perispírito que, para o Espírito, é matéria, e que, ao mesmo tempo que é o instrumento e o meio de seu progresso, pode também, a todo instante, ser o de sua queda. (I,56)

"Para os Espíritos encarnados seus estudos bastam até que

eles se elevem para as regiões superiores. Mas no estado errante, isto é entre cada encarnação, eles devem, segundo as condições de sua elevação, percorrer todos os mundos, para aprender de um lado e instruir de outro. (I,56)

"A encarnação humana, em princípio, é a punição da primeira falta que provocou a queda. A reencarnação é a punição da recidiva, da recaída, porque todas as vossas existências são solidárias entre si, e todo Espírito encarnado traz em si a punição secreta de sua encarnação precedente. (I,59)

"À encarnação material, necessária para a expiação e o progresso, sucedem as encarnações mais ou menos fluídicas. (I,59)

"Os Espíritos chegados a um certo grau de desenvolvimento moral e intelectual, os que não faliram até aí como aqueles que já faliram, são chamados ao estudo dos mundos, de seus princípios e de sua organização, sob a direção de Espíritos cuja pureza perfeita se perde na noite das eternidades. (I,59)

"Todos os Espíritos, iguais no ponto de partida, se encontram iguais no ponto de chegada. Deus não faz diferença entre os puros Espíritos, apenas porque seguiram caminhos diferentes: Ele tem dado a cada segundo suas obras. (I,59)

"Jesus é um desses Espíritos que, puros no estado de inocência e de ignorância, no estado de infância e de instrução, e sempre dóceis aos Espíritos encarregados de os conduzir e de os desenvolver, seguiu o desenvolvimento que lhe estava indicado para progredir, e que, nunca tendo falido, assim permaneceu puro, chegou à perfeição sideral, tornou-se puro Espírito, de pureza perfeita e imaculada, sem jamais ter-se exposto à encarnação. (I,59)

"Deus o estabeleceu protetor e governador de vosso planeta, cuja formação presidiu e que governa do alto dos esplendores celestes; não falido e infalível estando, desse modo, em relação direta com Deus, vosso Senhor e nosso, dirigindo a falange sagrada e inumerável de Espíritos prepostos, sob sua direção, ao progresso de vosso planeta e de sua humanidade, e que deve vos conduzir à perfeição. (I,59)

"Cada mundo, de qualquer natureza que ele seja, tem um Espírito protetor e governador, um Cristo de Deus, não falido e infalível, cuja perfeição se perde na noite das eternidades. (I,60)

"Os puros Espíritos são intermediários entre a Essência eterna da vida, a Inteligência suprema, o Criador incriado, Causa primária soberanamente inteligente e todo poderosa — DEUS — e os Espíritos superiores, ministros da vontade divina, e por eles, segundo a escala hierárquica, pela intermediação dos bons Espíritos até vós. Eles agem, segundo o emprego que o Senhor lhes assina, para tudo o que cumpre

ao progresso universal, à preparação, ao desenvolvimento, à direção, ao funcionamento, ao cumprimento da vida e da harmonia universal, segundo as leis naturais e imutáveis que Ele estabeleceu de toda eternidade na imensidade, no infinito. (I,60)

"O progresso intelectual é, pois, indefinido para o Espírito de qualquer natureza que ele seja, tendo sempre a adquirir em ciência universal, sem que haja limites a este progresso, porque somente Deus pode dizer: não irei mais longe. (I,60)

"A perfeição moral é, como a perfeição intelectual, relativa. Um Espírito pode ser perfeito moralmente e intelectualmente relativamente aos mundos inferiores àquele que ele habita; ele pode ser muito elevado em relação a vós, na hierarquia espírita, perfeito moralmente e intelectualmente relativamente ao vosso planeta, e não ter, portanto, ainda, chegado ao ponto culminante da perfeição: são aqueles que chamais Espíritos superiores. (I,60)

"O Espírito perfeito em relação a vós e relativamente ao vosso planeta, é o que se tornou senhor das paixões humanas, soube delas se libertar, despojou-se de toda impureza de pensamento e de ação; é o que está animado do amor mais ardente e mais dedicado por todas as criaturas do Senhor, que está impregnado do respeito e da adoração por seu Criador, porque alcançou o apogeu do amor e da dedicação, mas não da ciência. (I,60)

"O ponto culminante da perfeição, é a perfeição sideral, isto é a perfeição moral e intelectual relativamente aos mundos fluídicos puros, onde a essência do perispírito sendo completamente pura, o Espírito não está mais sujeito a nenhuma encarnação em qualquer planeta que seja, sendo nula, então, a influência da matéria. (I,60)

"A perfeição sideral só pertence ao puro Espírito; mas ele não chegou por isto ao saber sem limites que somente Deus possui, e que os Espíritos que estão mais próximos dele não possuem, porque nenhum Espírito pode igualar-se a Deus. (I,60)

"Jesus, cuja perfeição e cuja pureza imaculada se perdem na noite das eternidades, está junto de Deus com o mesmo título que seus irmãos governadores dos outros planetas; sua ciência é tão grande que vossas inteligências limitadas não podem fazer uma ideia dela, que mesmo a dos Espíritos superiores não pode compreender sua extensão. O próprio Jesus quando desceu até vós, ainda que modelo de amor e de ciência, estudava ainda como estuda mesmo no presente, porque o progresso é o objetivo único do Espírito, e somente Deus, nós o repetimos, pode dizer: não irei mais longe. (I,60)

"Jesus está em relação direta e constante com Deus, sua pureza perfeita lhe permite aproximar-se do centro de toda pureza. Ele é seu

VERBO junto de vós, chamado Deus, relativamente a vós, no sentido de que ele é vosso Senhor. (I,60)

"O amor e a dedicação de Jesus produziram e produzem ainda seus esforços mais ardentes para vos levar ao ponto em que deveis chegar: a perfeição, quando, saída, em sua formação, do estado incandescente dos fluidos impuros, chegada progressivamente ao período material pelas fases sucessivas das revoluções planetárias, vossa Terra, depois de ter passado pelas fases de novas revoluções, do estado material aos estados novos cada vez menos materiais, mais fluídicos terá alcançado seu nível fluídico puro, porque tudo deve seguir um percurso ascendente na via do progresso físico, moral e intelectual na eternidade. (I,60)

"Quando estiverdes perto de alcançar a perfeição, os Espíritos componentes do grupo que assistiu Jesus em sua missão terrestre terão alcançado a perfeição sideral, terão tomado lugar entre os puros Espíritos". (I,60)

Encontra-se em um novo livro medianímico, "Les Vies mystérieuses" [As vidas misteriosas[15]], uma descrição pitoresca da evolução do Espírito. Nós resumimos assim como segue o que se relaciona à queda:

"Logo que uma mônade espiritual reuniu ao redor dela os atributos divinos que lhe são próprios, ela se cercou do perispírito virtual e permanece assim sem ocupação. Semelhante à criança que chora, ela não tem conhecimento de si mesma. É um Espírito ignorante, apático, flutuando na felicidade divina, esperando ser revestido de um envoltório que o ponha em estado de se conhecer a si mesmo e de agir do lado de fora de si.

"Os Espíritos elevados dos mundos fluídicos ou celestes, ou ainda dos céus de categoria igual à destes mundos, os chamam a si como adoção. Seu chamamento dá a esses Espíritos o envoltório ou corpo apropriado ao mundo superior ao qual eles afluem.

"É graças a esse corpo muito vaporoso que o Espírito se dá conta a si mesmo do que é, pela manifestação exterior de seu pensamento, que é a criação interna destinada a passar ao estado de Verbo pelo ato exterior que a manifesta.

"O Espírito assim revestido de fluidos em relação com sua pureza nativa e também com o mundo onde ele reside, aprende a exercer suas faculdades; para as pôr em acordo, em harmonia com o dever.

---

15 "Palingénésie de l'esprit et de la matière. Les vies mystérieuses et successives de l'être humain et l'être terre considérées analogiquement au point de vue spirituel, fluidique et matériel", EM-CM. Paris, A. Ghio, 1883.

"A forma desse corpo fluídico, primeiro habitáculo do Espírito, é a forma seráfica, isto é, a forma humana elevada ao mais perfeito estado de beleza e de poder. Ela é típica; os mundos divinos a possuem; ela é o modelo sublime que descendo de degrau em degrau, segundo a classe em que se encontra o homem, até aos informes esboços dos pigmeus, dos anões, variedades medonhas das raças inferiores.

"Os Espíritos novos ou crianças são chamados pelo concurso e pela vontade de dois seres fluídicos, que os atraem para si para se fazerem, deles, os guias, os mestres, como recebeis, na vida material, os Espíritos dos quais sois os protetores, os guias, os educadores.

"Mas o tempo de infância logo dá lugar ao desejo de saber e de conhecer. O mundo exterior deve ser posto em relação com o Ser espiritual, a fim de que em um dado momento, ele possa resistir à prova e adquirir os méritos.

"No momento em que suas faculdades, de início infantis, se formaram; que elas alcançaram um nível relativamente elevado; que eles sabem de Deus, de sua origem, de seu destino, isso o que eles podem saber; no momento em que perceberam as coisas materiais, e que seus guias lhes mostraram o nada, os perigos, a dor, submete-se-lhes a uma prova que deve determinar sua classe, por seus méritos, e decidir sua sorte.

"O Espírito adolescente pode escolher seu caminho; ele conhece o estado em que se encontra e pode julgar se deseja trocá-lo por um outro. Ele experimentou a sabedoria, a bondade de seus guias, e deve compreender se é preciso, ou não, crer neles na questão de uma escolha; ele tem a ideia do bem e do mal, mas ele não tem a experiência. Como ser humano, o Espírito deseja a experiência.

"Para isto ele se encarna em um perispírito capaz de se tornar tangível e de se submeter, até um certo ponto, sob a influência da vontade, às coisas e às influências materiais.

"Os Espíritos não podem agir fora do círculo das coisas criadas. É preciso então um corpo para entrar em relação com as coisas. É por seu contacto com a matéria que ele pode fornecer a prova de sua obediência à lei divina, lei que ele possui por sua origem, e na qual seus iniciadores o fortificaram.

"A primeira encarnação em um tipo humano superior não é então nem uma queda, nem uma expiação, mas o meio de provar o grau de obediência, de fidelidade que o Espírito pediu para mostrar .

"O Espírito provido do mecanismo adequado é enviado para um mundo onde deve pôr em prática os ensinamentos que recebeu. Sua consciência fala alto visto que ele se possui; seu esclarecimento é total visto que se lembra: ele tem a liberdade visto que está instruído. Que

tentações podem assaltá-lo?

"Se lhe adulará, se lhe exaltará seu orgulho, se lhe oferecerá a dominação pela força ou pela astúcia, se lhe seduzirá pelo atrativo da desobediência aos ensinamentos que recebeu, pela dúvida sobre os direitos que têm seus mestres e seus guias em lhe ditar uma regra, uma linha de conduta; se lhe provocará uma suspeita ciumenta contra eles! Se incentivará sua curiosidade pela visão, ou pela narrativa, dos gozos materiais que ele ignora. O sentimento de revolta uma vez instalado em seu coração obscurece nele o sentido reto, e um vapor opaco lhe obstrui o entendimento.

"Compreendei a significação do fruto apresentado a Eva, e que é a figura poética, tanto quanto enganosa, das paixões e das satisfações dos sentidos. Compreendei também o lado orgulhoso desta tentação: "Vossos olhos serão abertos e sereis como os deuses"(Gên. 3:5).

"É daí que resulta o que se chama a queda; o que a Bíblia chama de o pecado original, pecado que foi verdadeiramente cometido na origem do Espírito, mas que só atinge e alcança seu autor.

"A falta consumada, o Espírito se oculta, o perispírito torna-se pesado, opaco, grosseiro. Os elementos fluidizados que o formavam se revoltam, se insurgem contra o Espírito; e, ao mesmo tempo, a noção do bem, a consciência se obscurece e se oblitera.

"O que ele vai se tornar? Ele desce na escala humana até ao mundo em que sua falta o colocou, e de lá, ele deve tornar a subir para o lugar de onde partira.

"Nem é preciso dizer que a falta pode ser mais ou menos grave, e determinar uma queda mais ou menos considerável. Acontece, às vezes, que o Espírito revoltado provoque tumulto entre seus irmãos, e então uma legião inteira de Espíritos cometa faltas ao mesmo tempo e se ache precipitada em massa pelo caminho das encarnações puramente materiais em um mundo de expiações. Algumas vidas neste mundo podem bastar para fazer remontar o Espírito ao seu primeiro estado; outros aumentam seus erros com novas faltas, novas revoltas. O sentido reto se oblitera; a consciência se oculta; a lembrança dos céus se apaga, e os mundos inferiores os exigem. Ah! remontai, remontai com coragem a rampa escarpada que reconduz ao alto. Não tende cuidado nem com pedras, nem com espinhos, subi, subi; quanto mais fordes tanto mais o ar vivificante do mundo espiritual vos dará força, tanto mais sentireis cair de vossos olhos o véu do esquecimento e da ignorância, tanto mais a consciência se tornará forte e a vontade consciente. Subi, subi! já os raios brilham de longe em vossos olhares, e, no momento, ouvis os sons distantes da harmonia celeste. Espíritos remidos, reencontrareis a pátria.

"A lenda de Adão é comum em todas as humanidades, em todos os períodos iniciantes dos Espíritos. A tradição do fruto da ciência e do fruto da vida, então, só é particular para a Terra. Ela representa assim a escolha que fazem as almas das duas rotas que se lhes oferecem para chegar ao mesmo objetivo: a perfeição. Todas fazem esta escolha, guiadas pelos conselhos e pelos ensinamentos de seus pais adotivos ou guias.

"Esta escolha da ciência ou da vida, é toda a prova definida em poucas palavras que parecem um enigma, porque se ignora o que representa esta alternativa.

"Longe de ser, imediatamente, coberto de beatitude pela escolha do fruto da vida, um Espírito é submetido, por esta mesma escolha, a uma série de trabalhos tão necessários quantos os labores terrestres. Estas vidas espirituais estão, na verdade, isentas do erro, portanto de todo atraso.

"A árvore da ciência, ao contrário, arrasta com os males da materialidade, longas durações de progresso, de erros numerosos, e de quedas frequentes. É, sem contradita, a má parte e, embora tenha sido a de nossa humanidade terrestre, ela é certamente, ainda, a de muitas outras, e nossa pobre raça tem muitos irmãos em dores.

"Não pensai, como se imagina, que a árvore da vida simboliza a soma das felicidades celestes realizáveis no mesmo momento, e que o Espírito as tenha desdenhado pela triste ciência da vida material. — Não. — Há também nas vidas ou encarnações espirituais trabalhos e amarguras; pode ser mesmo, que estas penas pareceram muito pesadas aos Espíritos pouco desenvolvidos ainda, ou mal consolidados, a quem o prestígio das coisas desconhecidas da matéria, terá tido o mérito de oferecer algumas compensações aos maus que as terão entrevisto.

"Então, as lendas primitivas, sob este emblema da árvore da vida e da árvore da ciência, apresentaram a alternativa e a escolha oferecida ao Espírito em sua prova, ou das vidas espirituais que levavam o Ser, pelas hierarquias progressivas, às mais altas dignidades e às felicidades dos céus, ou das existências materiais, conquistando o progresso e a felicidade destes mesmos céus, pelas expiações e pelos esforços frequentemente tornados inúteis pelos frequentes atrasos".

É assim que a revelação espírita, pela diversidade das fontes de que ela emana, se completa por esta mesma diversidade.

Resta-nos para falar, como corolário da queda, a encarnação fluídica do Cristo, dito de outro modo, do "mistério da Encarnação".

É nos Evangelhos de J. B. Roustaing, tão ricos, aliás, em docu-

mentos espíritas, que se acham as explicações mais completas sobre esta teoria que, sempre, tem apaixonado as inteligências, e que, ultimamente ainda, tem provocado, muito inutilmente, um tão grande número de objeções.

Com efeito, de duas coisas uma: ou o Cristo teve um nascimento comum, ou teve um nascimento "misterioso". A primeira hipótese deve ser absolutamente descartada por todo aquele que crê no Evangelho, visto que o Evangelho é claro a este respeito. Em todo caso, e ainda que se diga isso, é impossível considerar Jesus como um ser normal de nosso planeta; tudo em sua vida, em seus atos, prova o contrário; sua entrada e sua saída do mundo, tudo nele tem um caráter de tal modo estranho, que se é forçado a reconhecer nele uma existência extrahumana.

Quanto ao seu nascimento "miraculoso", é uma outra questão. O Cristo não pode ter nascido materialmente, carnalmente, sem intervenção humana; também essa maneira de ver tem ela por consequência inevitável a negação da "maternidade" de Maria, no sentido usual da palavra.

Essa opinião é confirmada pelo próprio São Paulo, que vê em Jesus "o soberano sacrificador, sem pai, sem mãe, sem genealogia" (He. 6:20 e 7:1), e para quem Deus formou um corpo (He. 10:5), não um corpo comum, porque há corpos celestes e corpos terrestres (I Cor. 15:40). Porém, ela é formulada no Evangelho, por estas palavras de Jesus a sua "mãe": "Mulher, o que há de comum entre vós e eu?"(Jo. 2:4), e por esta outra em que, falando de João Batista, Jesus disse: "Não há maior do que ele entre os que são nascidos de mulher" (Mt. 11:11 e Lc. 7:28).

O próprio Cristo afirma, assim, seu "nascimento" extraterrestre, dando a entender que ele não é nascido de mulher.

Aos racionalistas que contestam a autoridade ou a veracidade do Evangelho, nós lhes diremos isto: Jesus, do qual não se pode negar a existência na Terra, só é conhecido historicamente pelo Evangelho; ora se negais o Evangelho, negais também a existência de Jesus.

Devemos então tomar o Cristo tal como nos é apresentado, porque a negação do Evangelho sobre esse ponto arrasta a possível negação de todo o Livro; e uma vez por esse caminho, o que resta dos profetas e da tradição hebraica?

Jesus é então um personagem histórico real, visto que sua doutrina foi a base de uma das maiores religiões que tenham existido na Terra, sua ação está manifesta no estabelecimento do cristianismo, de onde devia decorrer mais tarde o espiritismo que Ele prometera e anunciara.

Segue-se que seja necessário prender-se à letra na leitura da San-

ta Escritura? Não. Diz-se que a Vulgata, redigida por São Jerônimo, só contém, por assim dizer, o resumo do ensinamento evangélico. Apesar disso, para a obra de são Jerônimo, todo espírita cristão não pode se recusar a admitir a intervenção medianímica tanto quanto e talvez melhor do que para "O Livro dos Espíritos", e que, por consequência, os Evangelhos que ele redigiu são a reprodução quase fiel do pensamento de Jesus e dos eventos que acompanharam seu "nascimento", sua "vida" e sua "morte" .

O espiritismo tem sua base na palavra de Jesus, e "O Livro dos Espíritos" afirma que sua missão consiste em explicar esta palavra e em tornar a verdade inteligível para todos (627). Ora, onde encontrar a verdade se essa não está no Evangelho?

O "nascimento extraordinário" do Cristo uma vez admitido, resta determinar de que maneira se operou sua aparição.

Sobre o assunto a ciência ainda está muda; mas como está dito em "O Livro dos Espíritos" que Deus, quando o julga útil, pode revelar ao homem o que a ciência não pode ensinar (20), nós nos dirigimos, pois, aos Espíritos, para resolver o problema.

A teoria do Cristo fluídico não é nova; ela foi ensinada pelos gnósticos, e mesmo desde o século primeiro da era cristã se a mencionava, o que mostra que efeito produzira sobre os contemporâneos de Jesus sua vida prodigiosa. Somente o erro daquele tempo consistia em admitir um Cristo em aparência, não um ser real, tendo todas as características da tangibilidade material.

Essa teoria foi combatida por Allan Kardec em sua "A Gênese"; mas ele cuidou contudo de acrescentar "que um fato semelhante não é radicalmente impossível segundo o que se sabe hoje sobre as propriedades dos fluidos". Ora, um fato semelhante será completamente possível se se tem em conta o que se saberá amanhã sobre as propriedades desses mesmos fluidos.

Está absolutamente acrescentado doravante, à doutrina, segundo as observações dos Crookes, dos Zöllner e outros sábios, que um Espírito pode se materializar nas condições de dar completamente a ilusão. W. Crookes, na aparição tangível de Katie, constatou o batimento do coração, as pulsações do pulso, a maciez dos cabelos, a suavidade da pele, o peso do corpo que ele tomou em seus braços, o tecido das vestimentas das quais cortou e conservou pedaços, o brilho dos olhos, o timbre da voz, a tal ponto que lhe era impossível, assim como ele próprio o disse, de não crer que tinha diante dele um ser real.

Ora, esse fato, escolhido entre muitos outros, experimentado em nossos dias por um sábio de primeira ordem, é uma prova irrecusável da possibilidade da vida fluídica tangível do Cristo. Os fatos inexorá-

veis estão aí. A questão do médium é completamente secundária. Para Katie, era preciso o que se chama de um médium de efeitos físicos, porque sua missão, toda de experimentação, era restrita; mas para o Cristo, cuja missão era muito diferente, só lhe faltava um médium de amor: esse médium foi Maria, sua "mãe". Por outro lado, o poder incomparável de Jesus o colocava acima de todo contato fluídico humano. Ele, o médium de Deus, como O chamaram os Espíritos, não tinha necessidade de nenhum dos meios empregados ordinariamente para a obtenção dessas espécies de fenômenos; Ele, de quem está escrito:

"Todas as coisa foram feitas por ele, e nada do que foi feito não o foi sem ele"(Jo. 1:3).

Objeta-se que o Cristo depois de sua "ressurreição" tinha uma outra maneira de ser do que durante sua "vida". Essa objeção cai por si mesma se se pensa nela, como o diz o Evangelho, que durante esses quarenta dias Jesus bebeu e comeu com seus discípulos, como antes. A única diferença que se lhe nota, é que Ele desaparecia e aparecia de uma maneira mais notada que antes de sua "morte", querendo dar nisso um exemplo da vida espiritualizada, porque, devemos reconhecer, a vida de Jesus só foi um exemplo de amor e de espiritualidade .

Eis o que se lê, a esse respeito, em Michel de Figanières, Vie universelle [Vida universal], vol. I, página 202:[16]

"Deus visita todas as suas humanidades pela intermediação dos Messias, seus representantes divinos, celestes, velozes como o som em realidade e, em aparência, da natureza de cada globo. Eles descem fluídicos sobre seus planetas pelas sendas dos mundos espirituais, pela hierarquia solar e pelas vias fluídicas luminosas. Chegados depois de seu cortejo, celeste reforço que os precedeu, precursores auxiliares da unidade planetária, eles se encarnam em um envoltório infantil humano, divinamente preparado para este efeito; celestes intuitivamente por sua alma, imensa de pureza de amor e de força, por sua vontade interior; homens por sua vontade exterior e por seu corpo.

"Um Messias de Deus, sempre e por toda parte do mesmo modo, porque ele representa uniformemente a vontade de Deus, aparece três vezes sobre um planeta, em três vezes diferentes e sucessivas.

"Ele desce, a primeira vez, no meio da humanidade sob a forma material. Ele é fluídico espiritual em sua segunda vinda; fluídico divino, na terceira. Ele é, para a humanidade, como o disse de si mesmo o Cristo, o caminho, a vida e a verdade.

16 "Vie universelle, explication selon la science vivante et fonctionnante, de Dieu, de la vie des êtres, des forces de la nature et de l'existence de tout", ed. do autor, 1859.

"Messias material, segundo a aparência exterior, celeste sônico em realidade, o homem-Deus, filho primogênito do Pai celeste, vem, em sua primeira passagem, indicar à humanidade embrionária ainda, estranha ao conhecimento de sua alma, quase como se ela não tivesse, o caminho que deve seguir. Vem apresentar-lhe o modelo do homem moral do qual ele é o tipo; anunciar-lhe, por sua palavra, sozinho, verdadeiro Verbo divino, o sumário da lei de Deus, a lei de amor. Vem dar-lhe as informações de um pai a seus filhos fracos de corpos e ignorantes; animá-los a amar a Deus amando-se uns aos outros. Vem inculcar-lhes, por seu exemplo, a prática de sua doutrina de amor deixando contudo ao livre-arbítrio humano o cuidado de a explicar segundo sua natureza. Ele coroa esta primeira parte de sua missão divina por ascensão gloriosa, modelo da ascensão da humanidade harmoniosa. Por esta ascensão, o Messias promovido ao grau de Grande Mensageiro divino fluídico luminoso, vai assentar-se à direita de seu Pai, isto é, no tribunal supremo da consciência dos mundos. Dali, ele tem o olhar sobre seu planeta e o sustenta pela virtude de seu Espírito.

"Grande Mensageiro divino, então, em sua segunda vinda, Messias espiritual, o Verbo está isento das peias impostas pelo dogma do livre-arbítrio aos ensinamentos do primeiro Messias. Preparada para o avanço pelos constantes progressos materiais e morais, graças aos trabalhos precursores do Espírito de verdade, unidos à obra do Messias, a humanidade possui nesta época todos os meios próprios para fazer frutificar a doutrina de amor semeada pelo primeiro Messias, e cultivada proporcionalmente à natureza humana.

"Mais explícito diante de uma humanidade mais forte e tornada capaz de suportar os desenvolvimentos da ciência divina, o Messias espiritual, a "vida" mesmo desta vez, abre para esta humanidade, sem resistência possível e de dois batentes, as portas da vida, e faz passar o homem moral ao estado de homem espiritual, encarnando-se nele, como todo homem de boa vontade. Espírito, ele dá, definitivamente, à humanidade, com os meios de aplicação, o código das leis divinas, indelével, inalterável doravante para ela, inatacável aos esforços reunidos das influências más, neutralizadas pela influência espiritual do Messias, inaugurando pelo dom do espelho de verdade a puberdade desta humanidade, a harmonia planetária, a solidariedade universal, o reino de Deus enfim, anunciado quando da passagem sobre o planeta do Messias material.

"Messias celeste luminoso em sua terceira e última passagem pelo planeta, o Enviado divino, filho primogênito de Deus, alma humana entretanto, mas depurada no grau supremo, conservou toda a sua essência celeste. Sua chegada assinala a plena harmonia de uma hu-

manidade que ele vem elevar, pelo conhecimento completo da verdade luminosa, no mais alto grau de maturidade assinada a um mundo da natureza de seu globo. Do homem espiritual, ele faz o homem celeste luminoso, o Homem-Deus, do qual o primeiro Messias era o modelo, e preside enfim, com a ajuda dos Grandes Mensageiros, à transformação, para a ascensão gloriosa de seu planeta".

*

Eis agora as objeções e considerações morais.

"Se o Cristo, diz-se, só teve um corpo fluídico, ele não provou nem a dor nem o sofrimento. Se ele não sofreu, a cena do jardim das Oliveiras, sua paixão e sua agonia são apenas um vão simulacro e uma comédia indigna que lhe tira todo o mérito que ele pode ter aos nossos olhos".

Os sofrimentos e as dores são de duas espécies: físicas e morais. Quanto mais o ser que é chamado a sofrê-los é primitivo, tanto mais os sofrimentos físicos o tocam e menos os sofrimentos morais o perturbam.

À medida que o ser se eleva, à medida que seu ideal cresce, ele faz pouco caso das privações, menos ainda dos gozos materiais, e oferece sua vida, de boa vontade, para o triunfo de uma ideia. É como se tem visto os heróis e os mártires, no meio dos mais cruéis suplícios, morrerem com sorriso nos lábios. Vede Jeanne d'Arc, Jean Hus, Savonarola e todos os grandes perseguidos, e dizei se neles o sofrimento moral não ultrapassou a dor física?

Mas sem procurar os exemplos tão altos, qual é aquele dentre nós que, vendo sofrer alguém dos seus, não provaria as mesmas torturas que o ser amado? Crê-se que a mãe que visse massacrar seu filho sob seus olhos não sofreria mais do que ele?

Está demonstrado que a dor física entorpece pouco a pouco o ser que a sente; é o que faz que um ferido, por exemplo, quase sempre perca os sentidos se o sofrimento é muito violento. Por outro lado, o estado psicológico no qual ele então se encontra neutraliza às vezes completamente a dor: como atestam as religiosas de Loudun, que nada sentiam dos atrozes tratamentos que elas se auto-infligiam.

Pois bem, pensar-se-á que, na paixão do Cristo, seja preciso ter-se em conta apenas a dor física? Será que os golpes da flagelação, do coroamento de espinhos, da crucificação não se repercutiam moralmente sobre sua alma? Que diferença haveria então entre o mártir divino e os dois ladrões que participavam o seu suplício? e qual era o mais doloroso para ele ou o de estar crucificado, ou o de estar posto na classe dos criminosos?

E é aqui que a questão se apresenta por seu lado verdadeira-

mente grandioso. Se se imagina este Espírito puro, um Messias da mais elevada ordem, deixar os esplendores celestes para vir fazer o que? Repor sobre o caminho reto uma humanidade decaída; ser exposto a se ver insultado, vilipendiado como ninguém o foi jamais; ser condenado, ele, a Luz do mundo, a vir parlamentar com um Caifaz, um Herodes, um Pilatos; ser obrigado a se valer constantemente de seu Pai celeste para fazer aceitar sua missão, apesar dos benefícios que semeava sob seus passos; ser flagelado, achincalhado, maculado, por uma multidão vil amotinada contra ele; ser enfim abandonado, traído, renegado pelos seus, por aqueles mesmos que se aprouvera de encher do seu amor; e isso depois de uma vida dolorosa, fluidicamente falando; porque não é necessário se dissimulá-lo: ser atacado materialmente durante longos anos em um corpo perispirítico deve ser para um Espírito desta elevação uma prisão horrível e um suplício sem igual.

E quem nos prova, de fato, que uma encarnação fluídica em um mundo material não seja um grande sofrimento e um devotamento admirável da parte de um Espírito puro!

Desçamos dessas alturas, e nos reportemos ainda um instante à aparição tangível de Katie.

Quantas vezes W. Crookes constatou seu estado visível de fadiga e de sofrimento real. Aliás, ela mesma o confessou dizendo que desempenhando durante três anos estas manifestações físicas, ela passara uma vida bem penosa para expiar suas faltas .

Ora, crê-se que o Cristo tenha tido faltas a expiar, ele que só ele pôde dizer ao mundo: Quem de vós me convencerá de pecado ?

A missão de Jesus é, pois, uma missão de amor e de dedicação incomparável, e da qual a humanidade seria, ainda hoje, bem pouco digna. Que esses que desejam ver correr seu sangue e o ouvir gemer o reneguem; para nós, sua dedicação e seu amor nos bastam. Oh! bem que Ele tinha razão ao dizer a Deus, no jardim das Oliveiras: Afastai de mim esse cálice! E se um anjo veio fortalecê-LO, quem sabe se este não era um dos Messias celestes que, já antes d'Ele, passara pelas mesmas dores!

Negar-se-ão agora seus méritos; e esta palavra de são Lucas: "Era preciso que Ele sofresse para entrar em sua glória", não está ela plenamente realizada?

Mas, acrescenta-se, por que o Cristo não se teria encarnado materialmente?

Para isto há duas respostas a dar: 1.ª a encarnação material só pode ser sofrida no caso de erro, visto que ela é a consequência de uma queda; e nos casos de missão comum, todo Espírito que a ela é submetido pertence à categoria dos reabilitados; 2.ª a encarnação

material de um Espírito puro é impossível, e isto é que seria o "milagre", porque isto seria uma derrogação das leis eternas; o Espírito puro que quisesse se encarnar, o corpo humano não poderia contê-lo.

Todas estas verdades tornaram-se perceptíveis na obra de J. B. Roustaing, que nós recomendamos com justiça, não somente porque ela não se desvia em nada da doutrina de "O Livro dos Espíritos" e "O Livro dos Médiuns", como o disse o próprio Allan Kardec, mas porque ela abre ao espírito humano um horizonte sem limites, fazendo entrever a possibilidade de estudos cada vez mais profundos sobre o infinito.

O espiritismo não vem impor dogmas novos: ele expõe as verdades eternas; a nós cabe aceitar ou rejeitar, segundo nosso livre-arbítrio.

Mas sob qualquer ponto de vista que nós nos colocarmos, recordemo-nos estas belas palavras de "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec, e dos Evangelhos de Roustaing:

"Quaisquer que sejam o modo de progressão que se suponha ou as condições normais da existência futura, o objetivo final é o mesmo: fazer o bem; ora, não há duas maneiras de o fazer".

"Qualquer que seja vossa opinião sobre a natureza e a origem do Cristo, — que o creiais matéria ou fluido, homem-Deus ou Messias, — admirai sua figura irradiante acima de vós; admirai seu devotamento e seu amor; fazei todos os vossos esforços para o imitar, e estareis certos de chegar, num dia próximo, à luz e à verdade". (I,67)

CAPÍTULO V

APÊNDICE. — NOSSOS POETAS.

A queda original, como todas as grandes epopéias, teve seus cantores inspirados. Se Homero, Virgílio e o Tasso cantaram os combates e as vitórias da Terra, Milton, Klopstock e o Dante celebraram as lutas e os triunfos do Céu. Mas esses grandes poetas, muito limitados pelas exigências dos dogmas tradicionais, não ousaram, apesar de seu gênio, romper com as ideias recebidas. Cabia ao livre pensamento moderno quebrar as cadeias da escolástica e de fazer luzir a verdade em todo o seu brilho. É à França que cabe esta honra, porque citar os nomes de Lamartine e de Victor Hugo, é com um só golpe evocar o que o espiritualismo moderno produziu, em poesia, de mais elevado e de mais sublime.

"A ideia religiosa, diz Lamartine,[17] *por mais divina que ela seja em seu princípio, quando ela se torna culta e instituição humana, cai nas mãos do homem e se torna suscetível, por este contacto, de participar na ação dos tempos. Atravessando as idades de trevas, de ignorância e de superstição, o mais puro raio de luz pode contrair alguma coisa da própria treva que ele, imperfeitamente, dissipou. Acontece que as trevas e a luz, os fantasmas e as realidades ficam confundidos, o espírito humano repele o todo e fica sem culto e sem legislação religiosa, ou ainda que ele professe dos lábios seus símbolos assim desacreditados, não obedece mais, em espírito, à lei da qual ele ainda segue os preceitos. É o pior dos estados, para a sociedade, porque a fé aí torna-se uma convenção política, e o culto uma cerimônia; e, durante esse tempo, a verdade sofre ou dorme em muitos corações. As nações que vivem aparentando falsos hábitos sem eficácia sobre as crenças e sobre os costumes, são os sepulcros caiados da parábola. Para que essas santas instituições sejam poderosas, a religião e a razão devem concordar; é preciso que a inteligência encontre nela mesma a sanção e a admiração de sua fé. A consciência obedece mal quando o espírito duvida; os símbolos só são feitos para assistir à inteligência, e não para interpor-se como nuvens entre Deus e nós. Penso que é a obra desse tempo, a obra dos homens de boa vontade e de natureza piedosa, de se separar o mais possível dessas nuvens que impedem o sentimento*

17 Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine (Mâcon, 21 de outubro de 1790 - Paris, 28 de fevereiro de 1869). Escritor, poeta e político francês. Seus primeiros livros de poemas ("Primeiras Meditações Poéticas", 1820 e "Novas Meditações Poéticas", 1823) celebrizaram o autor e influenciaram o Romantismo na França e em todo o mundo.

religioso de prevalecer mais completamente. Quanto mais visível seja Deus, melhor será adorado. Separar a fé da razão, é apagar o Sol para substituir a luz do astro permanente e universal pelo clarão de uma lâmpada que o homem leva vacilante, e que se pode ocultar com a mão. É preciso que a contradição cesse entre essas duas claridades para multiplicá-las e as estender".

É nessa ordem de ideias que Lamartine escreveu La Chute d'un ange [A queda de um anjo - 1838], onde desejou "pintar o estado de degradação e de aviltamento em que a humanidade caíra depois desse estado primitivo, quase perfeito, que todas as tradições sagradas lhe atribuem em sua origem. As angústias de um Espírito celeste encarnado por sua falta no meio desta sociedade brutal e perversa em que a ideia de Deus se eclipsara, e em que o mais abjeto sensualismo se substituíra a toda espiritualização e a toda adoração. Este sujeito, é a alma humana, é a metempsicose do espírito, são as fases que ele percorre para cumprir seus destinos perfectíveis e chegar aos seus fins pelas vias da Providência e por suas provas sobre a Terra".

Vê-se que o assunto desse poema é eminentemente espírita, e o mais natural para acordar em nós o sentimento de nossa origem. Dele extraímos a cena da queda, na qual encontramos, em belos versos, uma lembrança da tradição edênica:

Ora, nesses dias, meu filho, todos os seres viventes,
Que nadam nas águas ou voam sobre os ventos,
Do Sol ao ácaro, da besta à planta,
Estavam todos animados por uma alma falante;
O homem não ouvia mais esse hino de mil vozes
Que se eleva das águas, das ervas e das matas;
Dessas línguas sem palavras, desde sua decadência,
Só ele perdera a alta inteligência,
E o insano já acreditava, como hoje,
Que a alma começava e acabava nele;
Como se do Mais Alto a generosidade infinita
Economizasse o pensamento prodigalizando a vida!
E como se a vida tivesse uma outra utilização,
Pai, do que te ouvir e de falar a ti!
Mas ainda que aos homens surdos as vozes da natureza
Só parecessem um vago e estúpido murmúrio,
Os Anjos, espalhado no Éter da noite
Com uma orelha impalpável, aspiravam o barulho;
Pois do mundo real a seu mundo invisível
A escala contínua era mais acessível;

Alguns dos escalões do ser não faltavam,
Todos os filhos do céu entre si se comunicavam;
Dos espíritos e dos corpos, a indecisa fronteira
Não elevava entre eles tão forte barreira.
O homem ouvia o espírito; o ser imaterial,
Habitando o infinito que o homem chama céu,
Unido por simpatia a qualquer criatura,
Podia mudar, às vezes, de forma e de natureza,
Em uma outra esfera, adota a seu bel-prazer,
Para falar aos mortais, de um grau descer .
.....
Desses espíritos divinos, dos quais estão povoados os céus,
Os anjos eram aqueles que melhor nos amavam.
Invisíveis testemunhas de nossos dramas terrestres,
Seus olhos abertos sobre nós choram com nossas almas;
Da vida em nossos passos iluminando os caminhos,
Eles nos estendem do alto suas mãos caritativas.
É por eles que são feitos esses diversos fenômenos
Dos quais o homem só entrevê os remotos vislumbres;
E para eles a natureza é um santo instrumento,
Da qual a imensa harmonia brilha a todo momento.
.....
Nessa hora do dia em que o ruído vai acalmar-se,
Para ouvir o insensível suspiro do entardecer,
Alguns desses errando nessas semi-obscuridades,
Vieram planar sobre os cimos dos cedros.
Das estrelas aos mares, como cheia de senso,
A montanha tinha apenas um órgão para os mil acordes.
Foi preciso o próprio Deus e a orelha infinita
Para distinguir as vozes da imensa harmonia.
.....
Quando o hino das mil vozes se dissipou,
Os Espíritos, cheios do nome que ele adorara
Foram-se, encantados, levar de esfera em esfera
O eco melodioso desses cantos da Terra...
Um só, que contemplava a cena de mais baixo,
Os olhava partir e não os seguia.
Ora, porque permaneceu oculto na nuvem?
É que, no pé de um grande cedro, ao abrigo da folhagem,
Um objeto pelo qual ele esquecia os céus
Parecia assim como a encadear seu pensamento e seus olhos.
Oh! quem podia encantar assim o olhar de um anjo?

Estava entre as flores uma bela menina nua,
Que, sob a árvore do ocaso, surpreendida pelo sono,
Não vira nem descer nem mergulhar o Sol,
E que, sozinha, na partida das tribos das montanhas,
Não ouvira o chamado de suas companheiras.
Sua mãe, em sua cabeça ainda não contara senão,
Desde que seu leite secara, o décimo segundo verão;
Mas nestes dias de força em que as energias menos lentas
Se apressavam em amadurecer os homens e as plantas,
Treze anos para uma virgem eram o que em nossos dias
Seriam dezoito primaveras cheias de graça e de amores.
Não longe de um tronco limpo de cedro, onde nas ervas
Repercutido, o astro se refletia em feixes
Um raio de luz da Lua iluminava seu belo corpo;
Seus pés tocavam as bordas de um lago puro e sereno,
E alguns lírios das águas cheios de perfumes noturnos
Curvavam, sobre seu corpo, seus juncos verdes e suas urnas.
Seu braço direito que ela abrira para dormitar,
Dobrado sob seu pescoço servia-lhe de travesseiro;
O outro, seguindo, dos flancos, a ondulosa curvatura,
Dobrado sobre si mesmo ao redor da cintura,
Imergia sua branca mão e seus dedos finos e alongados,
Nos restos de flores, por seu peso suave, calcados,
Como se em um sonho ela ainda machucasse,
Com os restos de seus folguedos sobre seu talo inodoro.
Acreditou-se ver brilhar diante de si, em um sonho,
No jardim da inocência, uma visão de Eva.
.....
O anjo, afastando a folhagem para vê-la melhor,
Em imagem, a abraçava, em seu celeste amor,
Como sobre um objeto que se teme, dele, se aproximar
O olhar dos humanos pôs, sem nela tocar.
— Daïdha, ele dizia, tenra corça das montanhas!
Perfume oculto dos bosques! tua mãe e tuas companheiras
Te procuram gritando nas florestas. Por que
Esqueci o céu para velar por ti, ali?
É assim cada dia: todos os anjos meus irmãos
Mergulham no firmamento e percorrem as esferas;
Eles me chamam em vão, eu só fico embaixo.
Não tenho meus olhos para o céu onde tu não estás!
Oh! sob meus olhos encantados desde que cresceste,
Meu destino imortal quanto o amaldiçôo!

Quantas vezes, tentado por um atrativo muito delicado,
Não podendo te elevar, abrasava para descer,
Para abdicar desse destino, para te igualar a mim,
E de viver tua vida morrendo como tu!
Quantas vezes assim em meu céu solitário
Cansado de minha felicidade e lastimando a terra,
Esse grito, esse grito de amor em minh'alma ouvido
Sobre meus lábios de fogo permaneceu suspenso!
Faze-me morrer também, Deus que a fizeste mortal!
Ser homem! que destino!... sim, mas ser amado por ela!
Mas amar, ser amado, de um mútuo retorno!
Ah! o anjo não sabe o quê que é o amor!
Ser único e perfeito que se basta a si mesmo,
Não, ele não conhece a volúpia suprema
De procurar em qualquer outro um propósito diferente do que o seu,
E de só viver completo vivendo em outrem!
Não tem como o homem, no meio de suas penas,
A compensação das aflições humanas,
A santa faculdade de criar amando
Um ser, de si mesmo, imagem e complemento,
Um ser em que de dois corações que o amor constrói juntos
O ser se multiplica em um que se lhe assemelha!

.....

Jéhova, este suspiro é, pois, uma blasfêmia?
E eu tão infeliz, tão só, será que eu amo?
E como, ó meu Deus, não a amaria?
Não tive os olhos sempre fixados embaixo?

.....

E agora enfim para meu olhar encantado
O espetáculo bem cheio de amarga volúpia
Que faz dissolver minha alma e fascina minha visão!
Ver esta alma de menina ingênua e toda nua
Palpitar ao contacto de um sentimento novo,
Como na borda de seu ninho a asa de um passarinho;
Se penetrar de um fogo que oculta ainda sua chama,
Ruborizar-se de seu pensamento ao sentir que ela é mulher;
Exalar, solitário e melancólico, em suspiro
Este instinto que a noite nem mesmo pode abrandar;
No lar do coração puro concentrar suas ternuras,
De seus olhos, de sua mão, reter os carinhos,
Sonhar sobre que objeto este vago sentimento
Se manifestará, do amor divino o pressentimento!

Também, graças a este corpo do qual tomo a aparência,
Ela vê os mortais com indiferença,
E seu coração só tem amor para esta fronte encantadora
Que meu instinto ciumento lhe apresenta dormindo.
Oh! que diante de seus olhos nenhum outro a apague!
Daïdha! que eu não possa animar esse gelo
Em que sob traços mentirosos cada noite tu me vês!
Soprar-lhe meus entusiasmos, dar-lhe uma voz
Para dizer-te aos ouvidos admirado e arrebatado,
Palavras bastante ardentes para consumir tua vida!
Se Deus me permitisse somente quando tu dormes,
Sobre minhas asas de amor de arrebatar esse belo corpo,
Te embalar no céu nesse ar diáfano,
Ter também os sentidos desse limo profano,
Para ver em teu despertar abrir-se em teus olhos
Um raio mais vivo que os clarões dos céus,
Para tocar esses cabelos que a rede te vela,
Mais negros que a noite sem estrelas sobre teu colo branco!
Respirar sobre teu lábio uma respiração suspensa,
Ou como esse reflexo do astro no ocaso
Te envolvendo de luz, de calor, de mistério,
De meu olhar ardente te fazer uma atmosfera!
Oh! se para te falar eu pudesse somente
Transfigurar meu ser e descer um momento!!!
Mas decair em sua raça é a eterna vergonha:
Deus tolera que se desça, e nunca que se suba de novo!
Dos anjos consumidos, como eu, pelo mesmo fogo
Provaram, dizem, esta inflexível lei,
E do céu atraídos pelas filhas dos homens,
Nunca puderam, de baixo, subir onde nós estamos!
Degradados para sempre de um destino quase divino,
Condenados a morrer, a renascer sem fim,
Esses exilados do alto, separados de seus irmãos,
Sem ter sua esperança sofrendo suas misérias,
Só podem voltar à categoria que eles deixaram
Depois de estar mil anos neste globo habitado,
E em um longo círculo de provas sucessivas,
Lentamente reconquistaram seus esplendores primitivos:
Anjos transfigurados, é-lhes preciso por sua vez
De homem voltar a ser anjo!... Oh! penoso retorno!
Humilhante exílio nesse inferno de lágrimas!

E contudo, eles o fizeram por encantos bem menores,
E contudo, arrastado como por um peso fatal,
Eu mesmo amaldiçoei cem vezes meu céu natal!
Oh! de amor e de orgulho furiosa tormenta,
Nunca te apaziguarás?... Cabeça encantadora
Que dormes sem imaginar minha perturbação e meus remorsos;
Visto que sou teu sonho, oh! durma, bela menina, durma!

E Daïdha dormia, e desse branco rosto
A Lua concentrava sua luz sob a folhagem,
E o anjo cujo amor percebia a obscuridade
Via a sombria noite luzir em sua beleza.
.....

O poeta descreve aqui uma cena singular de selvageria desses povos primitivos aos quais ele faz alusão, e dos quais a vítima não é outra senão Daïdha, que ferozes caçadores querem arrebatar durante seu sono. Depois ele continua:

Ora, desse longo suplício, invisível testemunha,
O anjo de Daïdha, Cédar, não estava longe.
Arrancado por seus gritos em seu rapto,
Abatido de estupor e de atordoamento,
Permanecera sem olhar, sem palavra,
Como um homem que passa e cuja alma voa.
Antes mesmo de Daïdha ele tudo sentira;
De um coração ao outro, ai de mim! tudo retinira;
Cada gota de horror dos membros da mulher
Transpirara dos seus e escorrera de sua alma.
Vira a criança surpreendida em seu sono;
Escutara o sinistro conselho;
Ouvira que infame salário
De seu sono ideal os caçadores contavam fazer,
E como os bandidos dividiam entre eles
Isso, o que temiam seus olhares amorosos!
Ele esperara que durante sua disputa
Seus irmãos voltariam para terminar essa luta,
E de seus braços subtraídos salvando sua jovem irmã,
Abater a seus pés o infame raptor;
Mas quando ele vira os sete homens na sombra,
Em seu vestígio de socorro, multiplicar seu número,
E nos laços de aço, Daïdha, seus amores,

Cair e rolar sem esperança de socorro,
E sob a pesada emboscada, sobre a terra esmagada,
Se debater misturando seu sangue com o orvalho:
Como uma mãe em lágrimas da qual leãozinho horrível
Acaba de levar a criança dormindo em seu berço,
Mergulhando seus braços enraivecidos sob o dente que lhe machuca,
Membro a membro em farrapos disputa-lhe sua presa,
O anjo vencido por seu amor, mais do que a metade,
Não pudera reter o impulso de sua piedade.
Esquecendo-se por inteiro pela virgem que ama,
Ele próprio precipitara-se imediatamente;
A zelosa desesperação que o sobrepujara
Destruíra qualquer outra vontade.
Um desejo todo poderoso mudara seu ser;
Tornara-se o que ele temera ser,
E com um corpo terrestre e revestido de sentido,
De uma natureza para a outra ele se abatera.

No momento formidável em que mudava sua natureza,
Semelhante ao grito que atormenta, de remorsos, quem murmura,
Ouvira, em sua alma, ressoar
Este grito: “A decisão divina não tem de arrepender-se.
“Cai, cai para sempre. criatura destruída!
“Perece teu esplendor até em teu pensamento!
“Saboreia até o sangue a felicidade dos humanos.
“Tu rasgaste tua glória com tuas próprias mãos;
“Tua vida no fundo do coração não terá a esperança,
“Tu não terás como eles a morte por libertação,
“Em troca de uma aqui embaixo sofrerás cem mortes,
“Deus te devolverá tua vida e à Terra teu corpo.
“Enquanto não tiveres resgatado pouco a pouco
“Esta imortalidade que uma mulher te custa!”
Mas a sentença formidável ficando entendida,
Com a lembrança de seu destino perdido,
Tudo já estava vago e distante em sua memória.
Nada lhe restava de sua primeira glória,
Nada do céu, nada dele, senão uma admiração melancólica,
Não sei que instinto e que pressentimento
Do presente, do passado, de altos destinos,
Semelhante em sua alma às imagens inatas,
Em que o homem reencontrando um objeto imprevisto
Reconhece de um golpe de vista aquilo que nunca viu.

O anjo Cédar, imagem da raça adâmica, encarnou. Sua existência é apenas um composto de misérias sem nome no meio dessa sociedade bárbara, decaída como ele. Ele torna-se possuidor do objeto de seu amor, mas em condições de tal modo penosas, que depois de uma vida de sofrimentos e de dores inauditas ele se volta contra o céu blasfemando, e põe fim ao seu suplício pelo suicídio, acrescentando uma nova queda à primeira. A imprecação que ele lança à terra no momento de morrer lembra essas terríveis palavras da "Gênese":

"A terra será amaldiçoada por tua causa; ela só produzirá sarças e espinhos, e tu comerás teu pão com o suor do teu rosto".

"Ó Terra! ele gritava, ó madrasta do homem!
"Sois maldita para sempre no nome que te nomeia!
"Em todo grão de tua areia, e todo talo de relva
"De onde a vida e o espírito saem como uma peçonha;
"Na seiva de morte que sob tua pele circula,
"Na onda que te ensopa e no fogo que te queima,
"No ar envenenado que te fazes respirar.
"No ser, teu brinquedo, que nasce para expirar!
"Em seus ossos, em sua carne, em seu sangue, sem sua fibra,
"Onde o sentido do suplício é o único sentido que vibra!
"Onde as palpitações no seio da vida
"Só são, da dor, as pulsações!
"Onde o homem, esta criança de ultrajante ironia,
"Só mede seu tempo por sua agonia!
"Onde o sopro animado que se exala num momento,
"Só se conhece espírito em seu lamento!
"Todo ser que de ti o desconhecido faz nascer
"Geme chegando em ti, e indo-se de ti te abomina!
"Nenhum homem não se levanta, um dia, de sua cama
"Senão para bater o pé e chorar o nada!
"Que maldita para sempre, que para sempre apagada,
"Seja a hora lamentável em que te atravessei!
"Que tua lama me esqueça e não conserve
"Uma hora, somente, a marca de meus passos!
"Que o vento que te toca, de má vontade, em seu voo,
"De nossos corpos consumidos disperse as partículas!
"Que sobre tua face, ó Terra, que só reste de mim
"A maldição que lanço sobre ti!"

.....

Todo o universo girou em sua cabeça insensata:
Ele só teve mais um desejo, uma meta, um pensamento,
Destruir sua alma e lançá-la ao vento.
Como um gladiador ferido erguendo-se,
Colheu sobre os flancos das áridas colinas
Uma imensa colheita de sarças e de espinhos;
Ao redor do grupo morto em que seu pé os rolou
Em pira circular ele os amontoou,
Nesse círculo fúnebre a si mesmo se encerrou,
E para hino de morte vomitando blasfêmias
Sobre essa parede inflamável, levantou leito sobre leito,
E bateu o calhau do qual o fogo saiu com ímpeto;
Depois, tomando em seus braços seus filhos e sua mulher,
Os três mortos sobre o coração ele aguardou a chama.

.....

A chama, serpenteando na enorme fornalha
Que o vento do deserto logo fez tremular,
Como um mar que sobe animado no naufrágio,
Sepultou-o vivo sob as ondas de fumaça.
O edifício de fogo abateu-se por degraus.
Do céu sobre essa chama um Espírito desceu.
E com uma asa irritada espalhando a cinza:
“Vai! desce, gritou ele, tu que quiseste descer!
“Moderação, Espírito caído, tua queda em teu remorso!
“Diz o gosto da vida e o da morte!
“Tu não subirás ao céu que te viu nascer
“Senão pelos cem degraus da escada do ser;
“E cada um, ao subi-lo, te queimará o pé;
“E teu crime de amor não pode ser expiado
“Senão depois que esta cinza, aos quatro ventos, for semeada,
“Pelo tempo reunida e por Deus reanimada,
“Para fazer a teu espírito novas vestimentas
“Terá recuperado teu corpo em todos os elementos,
“E emprestando à tua alma um novo envoltório,
“Renovado nove vezes tua vida e tua prova,
“A não ser que o perdão, justiça do amor
“Não desça vivo nessa morada mortal!”

.....

Alfred de Vigny,[18] em "Eloa", igualmente parafraseou o drama do Paraíso perdido. O Espírito que ele põe em cena é apresentado sob a forma feminina. Eis o momento em que Eloa aparece nos céus:

Toda adornada, aos olhos do Céu que a contempla,
Ela anda na direção de Deus como uma esposa ao Templo;
Sua bela fronte está serena e pura como um belo lírio,
E de um véu azul celeste ela levanta as dobras;
Seus cabelos divididos, como feixes louros,
Nos vapores do ar perdem suas ondas macias.
Suas asas são de prata; sob um pálido vestido,
Seu branco pé alternativamente se mostra e se oculta,
E seu seio agitado, mas apenas percebido,
Ergue levemente os contornos do celeste tecido.
.....
"Feliz, cantavam então vozes incomparáveis,
"Feliz o mundo ofereceu-se a seus passos caritativos!
"Quando ela tiver passado entre os infelizes
"O espírito consolador se derramará sobre eles.
"Que globo espera seus passos? Que época a reclama?
"Nascerão outros céus a fim de que ela aí comande?"
.....
Um dia os habitantes do imortal império,
Uma vez imprudentes, uniam-se para a instruir.
"Éloa, diziam eles, oh! velai bem sobre vós:
"Um anjo pode cair; o mais belo de todos nós
"Não está aqui: contudo em sua primeira virtude
"Chamavam-lhe aquele que leva a luz;
"Porque ele levava o amor e a vida a todos os lugares,
"Aos astros ele levava todas as ordens de Deus;
"A Terra consagrava sua beleza sem igual,
"Chamando Lucifer [Lúcifer] a estrela matinal,
"Diamante radioso, que sobre sua fronte vermelha,
"Entre seus cabelos de ouro pôs o Sol.
"Mas diz-se que agora ele está sem diadema,
"Que geme, que está só, que ninguém o ama,
"Que a enormidade de um crime entorpece seus olhos,
"Que não sabe mais falar a linguagem dos céus;
"A morte está nas palavras que sua boca pronuncia;

18 Alfred Victor de Vigny (Loches, 27 de março de 1797 — 17 de setembro de 1863). Poeta romântico francês, teve no poema "Eloá ou a irmã dos anjos" o seu primeiro volume publicado, em 1825.

“Ele queima o que vê, ele seca o que toca;
“Ele não pode mais sentir o mal nem os benefícios;
“Ele está mesmo sem alegria pelas desgraças que fez.
“O Céu que habita se perturba com sua lembrança,
“Nenhum Anjo ousará contar-vos sua história,
“Nenhum santo ousaria dizer seu nome uma vez”.
E acreditou-se que Eloa o amaldiçoaria; mas não,
O pavor não alterou seu rosto tranquilo,
E foi para o céu um alarmante presságio.
Seu primeiro movimento não foi de tremer,
Mas antes de se aproximar como para socorrer;
A tristeza apareceu sobre seu lábio insensível.
Logo que uma desgraça se ofereceu ao seu pensamento;
Ela habituou-se a meditar, e sua fronte inocente
Dessa perturbação desconhecida ruboriza humilhando-se;
Um lágrima brilhava junto de sua pálpebra,
Felizes daqueles cujo coração verte assim a primeira!

.....

Um Anjo teve esses aborrecimentos que perturbam todos os nossos dias,
E perseguem os nobres na pompa das côrtes;
Mas no seio dos banquetes, entre a multidão,
Um homem que geme encontra a solidão;
A bulha das Nações, o barulho que fazem os Reis,
Nada apaga em seu coração uma voz mais forte.
Harpas do Paraíso, éreis sem prodígios!
Carruagens vivas cujos olhos têm brilhantes prestígios!
Armaduras do Senhor, pavilhões do lugar santo,
Estrelas dos amantes caem dos dedos de Deus,
Safiras dos incensórios, ou da cúpula celeste,
Delícias do Nebel, cheiros do Cinamomo,
Vossos sons harmoniosos, vossos esplendores, vossos perfumes,
Para um Anjo entristecido tornavam-se importunos;
Os cânticos sagrados perturbavam seu devaneio;
Porque aí nada respondia à sua alma enternecida;
E seja quando o próprio Deus chamando os Espíritos,
Revelava sua grandeza a seus olhares surpresos,
E mostrava nos céus, o lugar do nascimento,
As profundezas sem nome de seu triplo poder,
Eloa afastando-se desse divino espetáculo,
Longe de seu povo e longe do Tabernáculo
Procurava alguma nuvem em que na obscuridade
Ela pudesse ao menos meditar em liberdade.

As virgens às vezes para conhecer sua desgraça,
Formando uma oração inaudível e vã,
A cercavam, e tomando esses cuidados que fazem sofrer,
Perguntavam que tesouros era preciso oferecer-lhe,
E de que recompensa seria sua vida eterna,
Se a felicidade do Céu agradava pouco ao seu desejo.
.....
Entretanto, só, um dia, sua tímida companheira
Olha ao redor de si a celeste campina,
Estende a asa e sorri, levanta voo, e nos ares
Procura sua Terra amiga ou os astros desertos.
.....
É assim que Eloa, forte desde seu nascimento
De sua asa argêntea experimentando o poder,
Passando a branca estrada em que os fogos imortais
Queimam aos pés de Deus como um ajuntamento de altares,
Logo se balançando sobre dois jovens planetas,
Logo pondo seus pés sobre a frente dos cometas,
A fim de descobrir os seres alhures nascidos,
Chegou só ao fundo dos Céus inferiores.

O Éter tem seus degraus, de uma grandeza imensa
Até à sombra eterna onde o caos começa.
Tão depressa como um Anjo se afastou no azul ilimitado,
Cúpula de safiras que enche a Trindade,
Encontra um ar menos puro; ali passam as nuvens,
Ali giram os vapores, serpeiam as tempestades,
Como um guarda ágil, e do qual a profundidade
Do ar que Deus respira diminui para nós o calor.
Mas após nossos sóis e sob as atmosferas
Em que, em seu círculo estreito, se movem nossas esferas,
O espaço é deserto, triste, obscuro, e sulcado
Por um negro turbilhão arrastado lentamente.
Um dia incerto e pálido alumia em vão o céu,
Sob ele é o caos e a noite desconhecida;
E quando um vento de fogo parte seu seio profundo,
Torna-se o vazio impalpável e sem fundo.
Jamais os Espíritos puros, filhos da luz,
Não alcançam a última dessas três regiões.
E jamais se perdeu nenhum belo serafim
Nesses degraus confusos dos quais o Inferno é o fim.
Até os Querubins, tão fortes e tão fiéis,

Receiam que o ar impuro falte sob suas asas,
E que não sejam forçados, nesse voo perigoso,
De cair até no fundo do caos tenebroso.
O que se tornaria então o exilado sem defesa?
A inextinguível ofensa do riso dos demônios;
Suas palavras, suas brincadeiras zombeteiras, lenta e cruel afronta,
Fariam baixar seus olhos, fariam ruborizar seu rosto.
Risco muito grande! talvez ser-lhe-ia necessário ouvir
Algum canto de abandono voluptuoso e terno,
Algum lamento do Céu, uma narrativa dolorosa
Dita pela doce voz de um anjo infeliz.
E mesmo, escutando-lhe comovido
Ele poderia esquecer a pátria celeste,
Comprazer-se sob a noite, e em uma amizade
Que teriam ligado entre elesos cantos da piedade.
Eis aí porque, sempre prudentes e sempre sábios,
Os Anjos receiam as passagens desses lugares.
Era aí entretanto, sobre o sombrio vapor,
Que a virgem Éloa repousava sem medo:
Ela só se perturba vendo sua força,
E os novos benefícios causados por sua presença.
Alguns mundos punidos pareciam se consolar;
Os globos paravam para assisti-la voar.
Se chegasse igualmente nessas novas vias
Ela tocou em um deles, as plumas de suas asas,
Então aí todos os pesares se calavam um momento,
Os rivais se abraçavam com admiração;
Todos os punhais caiam esquecidos pelo ódio;
O cativo sorrindo andava só e sem correntes;
O criminoso voltava ao templo da lei;
O proscrito se assentava no palácio de seu rei;
O agitado Insone abandonava sua presa;
As lágrimas cessavam por toda parte, menos as lágrimas da alegria;
E surpresos de uma felicidade rara entre os mortais,
Os amantes separados se uniam nos altares.

.....

Seus olhares, deslumbrados pelos sóis sem número,
Primeiro só percebiam um abismo e a sombra,
Mas ela aí viu, logo, fogos errantes e azuis
Tais como os frios pântanos os clarões ondulantes;
Eles se afastavam, voltavam, depois desapareciam ainda;
Cada estrela parecia perseguir um meteoro;

E o Anjo, sorrindo do estranho espetáculo,
Seguia com os olhos seu voo circular e ligeiro.
Logo pareceu-lhe que uma pura harmonia
Saía de cada clarão unido a outro clarão.
O ruído distante tornou-se um canto sobrenatural,
Que pareceu aproximar-se da filha do Céu;
E os fogos reunidos foram como a aurora
De um dia inesperado que parecia próximo de nascer.
Impregnada de seu clarão rosa uma nuvem
Subia em longos giros num ar inflamado,
Depois lentamente formou seu leito de ambrosia,
Semelhante a esses divãs em que dorme a indolente Ásia.
Ali, como um Anjo sentado, jovem, triste e encantador,
Uma forma celeste apareceu vagamente.

.....

Como um cisne adormecido que só, longe da margem,
Entrega sua asa branca à onda fugitiva,
O rapaz desconhecido preguiçosamente se apoiava
Sobre o leito de vapores que fugia sob seu braço.

.....

Nesses doces clarões, no mágico aparato
Deste Anjo tão doce, semelhante a seus irmãos,
O habitante dos Céus, com sua asa velada,
Subia retrocedendo em sua via estrelada,
E lutando por três vezes contra um olhar impuro,
Uma pálpebra de ouro ocultou seus olhos azuis.

.....

De onde vindes, Pudor, nobre temor, ó mistério,
Que no tempo de sua infância viu nascer a Terra,
Flor de seus primeiros dias que brotais entre nós,
Rosa do paraíso! Pudor, de onde vindes?
Ainda, só podeis substituir a inocência,
Mas a árvore proibida vos deu nascimento;
No encanto das virtudes vosso encanto é igual,
Mas sois também o primeiro passo do mal;
De uma casta vestimenta vosso seio se ornamenta,
Eva diante da serpente, dela, ainda não tinha;
E, se o véu puro, orna vossa postura,
É sempre um véu, e o crime tem o seu.

.....

Sob esse novo poder, a virgem comovia,
Ela já caía, porque ruborizava;

Já quase submissa ao jugo do Espírito sombrio,
Ela cai, torna a subir, e desce de novo na sombra.

.....

Éloa, sem falar, dizia: Eu estou em ti;
E o Anjo tenebroso disse baixinho: Sê em mim!

.....

Os Anjos, do caos, iam tirar os mundos,
Passando com terror em seus planos profundos,
Enquanto executavam as mensagens de Deus,
Todos viram cair uma nuvem de fogo.
Lamentos de dor, respostas cruéis,
Se misturavam na chama do batimento das asas.

.....

Escutemos agora Victor Hugo[19] em "Les Contemplations" [As Contemplações], que o grande poeta chama as Mémoires d'une âme [Memórias de uma alma]. O Livro sexto: Au bord de l'infini [Na extremidade do infinito] é o caráter nobre do gênero. Eis aqui o que diz a boca da sombra :

"Conversemos. Deus só criou o ser imponderável.
Ele o fez radioso, belo, cândido, adorável,
Mas imperfeito; sem o quê, na mesma altura,
Se a criatura fosse igual ao criador,
Essa perfeição, no infinito perdida,
Seria com Deus misturada e confundida,
E a criação, por força da claridade,
Nele teria entrado e não teria existido.
A criação santa em que sonha o profeta,
Para existir, ó profundeza! devia ser imperfeita.

.....

"Então, Deus fez o universo, o universo fez o mal.
O ser criado, aformoseado pelo raio de luz batismal,
Nos tempos dos quais só nós conservamos a memória,
Planava no esplendor sobre as asas da glória;
Tudo era canto, incenso, chama, deslumbramento;
O ser errava, asa de ouro, em um raio de luz encantador,

19 Victor-Marie Hugo (Besançon, 26 de fevereiro de 1802 — Paris, 22 de maio de 1885). Novelista, poeta, dramaturgo, ensaísta, artista, estadista e ativista pelos direitos humanos francês de grande atuação política em seu país. É autor de "Les Misérables" e de "Notre-Dame de Paris", entre diversas outras obras clássicas de fama e renome mundial. É um dos pioneiros do Espiritismo, tendo refletido seus princípios em muitas de sus obras. A Edição original de "Contemplações" se deu em 1856.

E de todos os aromas sucessivamente era o animal;
Tudo nadava, tudo voava. Ora, a primeira falta
Foi o primeiro peso, Deus sentiu uma dor.
O peso tomou uma forma, e, como o passarinheiro
Fugiu levando o pássaro que treme e que luta,
Ele cai, arrastando o anjo perdido em sua queda.
"Não refletes quando vês tua sombra?
Esta forma de ti, rastejante, horrível, sombria,
Que ligada a teus passos como um espectro vivo,
Vai logo atrás e em breve adiante,
Que se mistura com a noite, sua grande irmã funesta,
E que contra o dia, negra e dura, protesta,
De onde ela vem? De ti, da tua carne, do limo
Do qual o Espírito se reveste tornando-se demônio;
Desse corpo que, criado por tua primeira falta,
Tendo rejeitado Deus, opõe-se à luz;
De tua matéria, ai de mim! de tua iniquidade.
Esta sombra diz: "Eu sou o ser da enfermidade;
"Já caí; posso cair ainda".
O anjo deixa passar através de si a aurora;
Nenhum simulacro obscuro segue o ser anômalo;
Homem, tudo o que faz da sombra tem feito o mal.

.....

"O vento do alto sobre mim passa, e, o que ele me arranca,
Lanço-o a ti; toma, e vê. E, de início, sabe
Que o mundo em que tu vives é um mundo assustador
Diante do qual o sonhador, sob o infinito humilhando-se
Levanta os braços ao céu e recua terrível.
Teu Sol é lúgubre e a Terra é horrível.
Habitais o limiar do mundo punição
Mas não estais completamente fora de Deus;
Deus, Sol no azul celeste, na cinza da centelha,
De nada está fora, sendo o fim universal.

.....

"Façamos um passo além disso nessas coisas profundas.
Homem, tu queres, tu fazes, tu constróis e tu fundas,
E tu dizes: "Estou só, porque sou o pensador.
"O universo só tem a mim em sua espessura sombria.
"Deste lado dele, é a noite; para além dele, é o sonho.
"O ideal é um olho que a ciência vaza.
"Sou eu que sou o fim e que sou o vértice".
Vejamos, tu observas o boi que se submete?

Escutas o ruído de teu passo sobre os mármores?
Interrogas a onda? e, quando tu vês as árvores,
Falas às vezes a esses religiosos?
Como sobre a vertente de um monte prodigioso,
Vasto, misturado aos ruídos confusos, do fundo da sombra.
Tu vês subir a ti a criação sombria.
O rochedo está mais longe, o animal está mais perto.
Como o cume altaneiro e vivo, tu apareces!
Mas, diz, crês que o ser ilógico nos engana?
A escada que tu vês, crês que ela se rompa?
Crês tu, cujos sentidos do alto são esclarecidos,
Que a criação que, lenta e por graus,
Se eleva para a luz, e, em toda a sua caminhada,
Faz de mais claridade brilhar menos matéria
E mistura mais instintos ao monstro decrescente,
Crês que esta vida enorme, enchendo
Com sopros a folhagem e com clarões a cabeça,
Que vai da rocha à árvore e da árvore ao animal,
E da pedra a ti sobe insensivelmente,
Pára no abismo para o homem, declive?
Não, ela continua, invencível, admirável,
Entra no invisível e no imponderável,
Aí desaparece para ti, carne vil, enche o céu
Dum mundo deslumbrante, espelho do mundo obscuro,
De seres vizinhos do homem e de outros que se distanciam,
De Espíritos puros, de videntes cujos esplendores testemunham,
De anjos feitos de raios como o homem de instintos;
Ela mergulha através dos céus jamais extintos,
Sublime ascensão de escadas estreladas,
Dos demônios agrilhoados sobe às almas aladas,
Faz tocar a fronte sombria no radioso hálux,
Prende de novo o astro espírito ao arcanjo Sol,
Reúne, atravessando milhões de léguas,
Os grupos constelados e as legiões azuis,
Povo do alto, do baixo, das bordas e do meio,
E nas profundezas desvanece-se em Deus!

.....

"Esta escada aparece vagamente na vida
E na morte. Sempre os justos a subiram com esforço:
Jacob [Jacó] vendo-a, e Caton [Catão] sem a ver.
Seus degraus são morte, sabedoria, exílio, dever!

.....

“E essa escada vem de mais longe do que a Terra.
Sabe-se que ela começa nos mundos do mistério,
Nos mundos dos terrores e das perdições;
E que ela vem, entre as pálidas visões,
Do precipício onde estão as larvas e os crimes,
Onde a criação, aterrorizando os abismos,
Se prolonga na sombra em espectro indefinido.
Porque, mais abaixo do globo onde vive o homem banido,
Homens, mais baixo do que vós, no nadir lívido,
Nessa plenitude horrível que se crê vazio,
O mal, que pela carne, ai de mim! vos subjuga,
Lança um vapor monstruoso que vive!
Ali, sombrio e submerso, nas ondas de calamidades,
A hidra Universo torcendo seu corpo coberto de astros;
Ali, tudo flutua e se vai em um naufrágio obscuro;
Nesse abismo sem borda, sem respiradouro, sem parede,
De tudo o que viveu chorou sem cessar a cinza;
E se lhe vê tudo ao fundo, quando o olho ousa aí descer,
Além da vida, e do vento e do barulho,
Um horrível sol negro de onde irradia a noite!

.....

“Como de tanto céu azul tanto de terror se gera,
Como a luz faz a sombra e o fogo puro a cinza,
Como a cegueira pode nascer do vidente,
Como o tenebroso provém do flamejante,
Como do monstro espírito nasce o monstro matéria,
Um dia, na tumba, sinistro vestiário,
Tu o saberás: a tumba é feita para saber;
Tu verás; hoje, tu só podes entrever;
Mas visto que Deus permite que minha voz te previna,
Eu te falo. E antes de tudo, o que é a justiça?
Quem a dá? quem a faz? onde? em que momento?
Quem pois pesa a falta? e quem o castigo?

.....

“O ser criado se move na luz imensa.
Livre, ele sabe onde o bem cessa onde o mal começa;
Ele tem suas ações por juizes. Basta
Que ele seja mau ou bom; tudo está dito. O que se fez,
Crime é nosso carcereiro, ou, virtude, nos liberta.
O ser abre, na ignorância de si mesmo, o livro;
Sua consciência calma aí marca com o dedo
O que a sombra lhe reserva ou o que Deus lhe deve.

Age-se, e sucessivamente se ganha ou se perde;
Pode-se ser centelha ou então água suja;
Luz ou lama, arcanjo no voo de águia ou bandido;
A escada vasta está ali. Como já to disse,
Pelas zonas sem fim da vida universal
Sobe, e pelos degraus inumeráveis corre,
Desde a infame noite até o encantador azul.
O ser atravessando-a torna-se mau ou puro.
No alto plana a alegria; embaixo o horror se arrasta
Segundo o que a alma, terna, humilde, boa, serena,
Aspira à luz e tende para o ideal,
Ou torna-se pesada, imunda, no peso crescente do mal,
Na vida infinita se sobe e nela se caminha com vontade,
Ou nela se cai; e todo ser é sua própria balança.
Deus não nos julga. Vivendo todos ao mesmo tempo,
Nós pensamos, e cada um desce segundo seu peso.

.....

"A alma que sua escuridão procura do firmamento
Desce nos degraus diversos da punição.
Toda falta que se faz é um cárcere que se abre.
Os maus, ignorando que mistério os envolve,
Os seres de furor, de sangue, de traição,
Com suas ações constroem sua prisão.

.....

"Os mundos, na noite que nomeais o azul,
Pelas brechas que faz a morte pálida em sua parede;
Fugindo as almas se lançam uma à outra.
No vosso globo onde estão tantos cárceres infames,
Tendes malvados de todos os universos.

.....

"Aqui, vêm terminar de todos os pontos do céu
A queda dos punidos, tenebroso rasto.
Nessa profundidade, sombria, escabrosa, infeliz,
De cada globo cai uma onda vertiginosa
De almas, de espíritos doentios e de seres venenosos,
Onda que a eternidade vê sem fim estender-se.
Cada estrela de frente de ouro que brilha, deixa chegar
Sua cabeleira de sombra nesse poço assustador.
Alma imortal, veja, e trema vendo:
Eis o precipício execrável em que te afundas.
Oh! sede quem fordes, que passais nessas sombras,
Vertei vossa piedade sobre essas dores sem fim!

Oh! sede quem fordes, chorai sobre essas misérias!
Só para Deus, que tudo sabe, elas são necessárias.

.....

"Nós temos, nós videntes do céu superior,
O espetáculo inaudito de vossas regiões baixas
Ó sonhador, era preciso que nessas noites tu caísses!
Ouvimos o barulho do raio que Deus lança,
A voz daquilo que o homem chama de silêncio.
Através da matéria, horrível jazigo sem portas,
O anjo é para nós visível com suas asas mortas.

.....

"Rei galé, o homem, espírito, pensa, e matéria, come.
A alma em si mesma não se pode endireitar sentado na cama.
O homem, como o animal saturado do nada,
Esvazia todas as noites o vidro negro do sono.
O grilhão do inferno, ligado ao pé do homem,
Reconduz cada dia para a cloaca impura
A beleza, o gênio, elevados ao azul,
Mistura a peste ao sopro ideal dos peitos
E arrasta, com Sócrates], Aspásia às latrinas .

.....

"Por um lado contudo o homem é ilimitado.
Sonhador, retém isto: o homem é um equilíbrio.
O homem é uma prisão onde a alma permanece livre.
A alma, no homem, age, faz o bem, faz o mal,
E para que, em seu voo para os céus, nada prenda
Sua consciência alada e só de Deus se farta,
Deus, quando uma alma nasce no homem impelido ao bem
Quebra em sua lembrança o fio de seu passado.
E a alma, restabelecendo sua beleza primeira,
Vai da sombra fatal à livre luz;
Ora, torno a to dizer, para se transfigurar,
E para se remir, o homem deve ignorar.
Deve estar cego para todas as ostentações.
Sem o que, como a criança guiada pelas andadeiras,
O homem viveria, andando reto na visão.
Duvidar é seu poder e sua punição.
Vê a rosa, e nega; vê a aurora, e duvida.
Onde estaria o mérito em reencontrar seu caminho,
Se o homem, vendo claro, rei de sua vontade,
Tivesse a certeza, tendo a liberdade?
Não. É preciso que ele vacile na vasta natureza,

Que ele passe pela assustadora aventura da escolha,
E que compare ao vício agitando seu espelho,
Ao crime, às voluptuosidades, o olho em lágrimas do dever;
É preciso que ele duvide! Ontem crente, amanhã ímpio;
Ele corre do mal ao bem; investiga, sonda, espreita,
Vai, volta, e, tremendo, ajoelhado, em pé,
Os braços estendidos, triste, ele busca Deus por toda parte;
Ele tateia o infinito até que ele aí o sente;
Então, sua alma alada brilha fremente;
O anjo deslumbrante brilha no homem transparente.
A dúvida o faz livre, e a liberdade maior.
O cativeiro sabe; a liberdade supõe,
Vazia, aproveita o efeito, o compara à causa,
Crê querer o bem estar e quer o firmamento;
E procurando o calhau, encontra o diamante.
É assim que do céu a alma a passo lento se apropria.

.....

"Esperai! esperai! esperai! miseráveis!
Nada de luto infinito, nada de maus incuráveis,
Nada de inferno eterno!
As dores vão a Deus, como a flecha aos alvos;
As boas ações são os gonzos invisíveis
Da porta do céu.

.....

"A hora se aproxima. Esperai. Avivai a alma apagada!
Amai-vos! amai-vos, porque é este o calor santo,
É a luz do verdadeiro dia.
O sombrio universo, frio, gelado, pesado reclama
A sublimação do ser pela chama,
Do homem pelo amor!

.....

"A desaparição do antigo anátema!
A profundeza dizendo à altura: "Eu te amo!"
O retorno do banido!
Que deslumbramento no fundo dos céus sublimes!
Que aumento de claridade que a sombra dos abismos
Exclamava: "Seja bendita!"

.....

"Tudo será dito. O mal expirará, as lágrimas
Estancarão; basta de grilhões, basta de lutos, basta de temores;
O horrível abismo inclemente
Cessará de ser surdo, e balbuciará: "O que escuto!"

As dores acabaram em toda a sombra; um anjo
Gritará: “Começo!”
.....

Terminemos dando medianimicamente a palavra a um outro grande poeta, Alfred de Musset[20] que sem ter cantado a queda aqui embaixo, ele mesmo foi dela um exemplo vivo.

O poeta exala seus pesares, e se dirige a seus antigos amigos da terra:

Depois de ter cantado os sonhos de um amor
Que passa como uma sombra e que durou apenas um dia,
Depois de ter cantado essa louca senhora
Que me adormecia à noite em sua embriaguez fatal,
Depois de ter enchido a taça dos prazeres
Para estancar a sede de meus ardentes desejos,
E esvaziado de um só trago o licor e a escória,
Hoje tenho necessidade de chorar minha loucura.
Queridos amigos, eu acreditava em meu sublime orgulho,
Em assim agindo escapar ao obstáculo
Do aborrecimento, que sempre me seguiu sobre a Terra
Como um espectro hediondo me arrastando sobre a pedra
Do caminho, me esmagando sob seu peso de gigante,
Forçando-me a crer no impotente nada,
Quando duvidava de Deus. Sacrílego e blasfemo,
Que devia atrair do Mais-Alto o anátema,
E marcar sobre minha fronte o indelével sinete
Que levei por toda parte, até em minha tumba,
E que reencontrei para além do vosso mundo
Ainda vermelho e sangrento, como uma chaga imunda
Que fazia fugir para longe meus amigos de outrora,
Que vira em outro tempo acudir ao meu chamado,
E que fechavam seus olhos para não ver minha sombra
Traçando um caminho nesses desertos sem número,
E perguntando em vão por sua velha amizade
Uma lágrima em meus prantos, em meus gritos a piedade.
Chegado neste mundo estranho e fantástico,
Ouvi como um ruído lúgubre e satânico.

20 Alfred Louis Charles de Musset (Paris, 11 de Dezembro de 1810 — Paris, 2 de Maio de 1857). Poeta, novelista e dramaturgo francês do século XIX, um dos expoentes mais conhecidos do período literário conhecido como o Romantismo. Diz-se que ele foi “o mais clássico dos românticos e o mais romântico dos clássicos”.

A multidão ia, passava e repassava sempre
E sempre repetia os cantos: “Loucos amores,
“Vossos beijos me deixaram, quando deixei a Terra;
“E vossa imagem aqui é apenas uma quimera”.
Então gritos penetrantes e risos estridentes
Misturavam-se aos estribilhos seus acordes dissonantes.
E aliás fazia-se um melancólico e frio silêncio
Ainda mais assustador do que a louca cadência
Desses cantos infernais. E eu triste e perturbado
Procurava nessas regiões um lugar isolado
Para chorar à vontade e ocultar minha fraqueza
Aos olhos de todos esses loucos, que, por toda parte e sem cessar,
Ainda me perseguiam com seu desprezo zombeteiro
Foi uma vã esperança que passou em meu coração;
Foi-me necessário sofrer sofrimentos cruéis
Antes de aprender aqui as novas doutrinas
Que deviam apagar a palidez de minha dúvida,
Mostrando-me o ponto em que a dor termina,
O céu, e no seu caminho uma luz que o ilumina:
A Fé, guiando os passos de sua irmã a Prece.
Nessa horas de luto, quantas vezes, ó Byron,
Quantas vezes em silêncio, amaldiçoei teu nome!
Teu nome, que evocava, ó maravilhoso gênio,
Em meus dias de deboche e em minhas noites de orgia;
Teu nome, que em letras de ouro, sobre minha nova bandeira
Eu tinha inscrito; teu nome, que em sua negra tumba
Minha sombra murmurava de seus lábios gelados
Ao transeunte separando os ramos enlaçados
De meu chorão, para melhor ler meus versos
Sobre meu mármore ocultos por seus longos ramos verdes!
Perdoa-me então de ter perturbado tua alma
Que repousava talvez, e reacendeu a chama
Desse fogo extinto, que desde tanto tempo
A queimava, o remorso, este fogo vingador do tempo!
Mais tarde, aprendi por ti as dificuldades infinitas
Que tua sombra, misturada às nossas sombras punidas,
Teve que sofrer aqui. Eu o compreendo bem melhor
Quando, restabelecido de minha perturbação, habitando outros lugares,
Novo discípulo, sentado no banco de tua escola,
Entrando, foi preciso calcar aos pés o ídolo
Que recebeu outrora tua homenagem e teus cantos;
Foi preciso, nos votos solenes e tocantes,

Abjurar o nada e arrastar na lama
As flores de seu altar. Eu o fiz: em troca
Tu me prometeste ensinar a conhecer teu Deus,
O Deus cujo poder, em todo o tempo , em todo lugar,
Por toda parte, onde o que nasce, vive, cresce e respira
Vem povoar, sob sua mão, seu eterno império,
Este mundo universal, que foi criado por ele,
Que nunca mudou, e que marcha hoje
Como marchava ontem, sob o peso das idades,
Perturbando por suas leis não só os loucos mas também os sábios;
Este Deus que tantas vezes meu orgulho ultrajou.
Em seus versos descarados, e que só se vingou
Mostrando-me uma luz, e a pobre fraqueza,
E as tristes faltas de minha triste juventude.
E foste tu, Byron, que por ele foste escolhido
Para me fazer conhecer e me ensinar aqui
O nada de meu ser e minha louca impotência.
Que desejava medir o poder de meu Deus.
Ó mistério profundo, não te parece
Que Deus, em sua justiça, estendeu seu braço
Para nos tocar, a ambos, fazendo-nos prometer
A mim aluno culpado, a ti mestre culpado,
Rasgar em todos os sentidos nossa bandeira vergonhosa
E de lançar ao vento seu velho tecido em pedaços?
De andar sem tremer sob a santa bandeira
Que levava outrora o Homem-Deus sobre a Terra,
E de, sem cessar, pregar a todos a Caridade,
A todos a Fé, o amor, a todos a verdade?

Antes de partir para esta nova viagem,
Ah! peçamos a Deus a força e a coragem
De cumprir este mandato que nos levará aos céus.
Oremos, oremos ambos, e combateremos melhor.
E vós, boatos da terra,
Passai, vós que eu amava,
Nunca mais perturbai,
A voz da prece!

ALFRED DE MUSSET".
Paris, 1865, médium L. Vavasseur.
(Echos poétiques d'outre-tombe
[Ecos poéticos d'além-túmulo]; 1 vol. in-18.)

CAPÍTULO VI

APÊNDICE 2 - CONSIDERAÇÕES FISIOLÓGICAS[21]

O século XIX, tão fecundo em descobertas, resolveu, com sua infatigável energia, encontrar a origem da espécie humana. A geologia lhe serviu, até aqui, de ponto de apoio; e ainda que os últimos fósseis descobertos deem poucas esperanças de resolver prontamente o problema, nossos sábios têm fé em suas promessas.

Não se trata, neste século positivo, de crer na fé revelada; o que se quer, agora, são provas palpáveis. Ora, o que se espera descobrir? A ciência afaga uma quimera: ela quer encontrar a prova da unidade ou da pluralidade da origem da espécie humana.

A que resultado levará esta descoberta? Se for provado que o homem nasceu simultaneamente e em diferentes épocas, a história de Adão e de Eva deverá ser considerada como uma figura. Se, ao contrário, for demonstrado que a humanidade saiu de um só e único casal, é a criação "miraculosa" de Adão que nos será imposta. No primeiro caso, segundo uns, o homem é produto do "acaso"; no segundo caso, segundo outros, o homem é produto do "milagre".

Pois bem, não receamos dizê-lo, que nem uma nem a outra dessas duas conclusões nos satisfaz[22].

Antes de tudo, descartamos a ideia do ateísmo; porque seja qual for o modo da criação que a natureza tenha empregado, a existência de Deus não pode, por isto, ser posta em dúvida; e mesmo fora de toda revelação cosmogônica, sejam quais forem as descobertas da ciência, nelas, não teríamos menos a ideia de um Criador.

Que a humanidade provenha de um só casal ou de vários, não está aí a dificuldade; o que importa estabelecer, é a maneira pela qual se operou a aparição do homem.

Supomos que o leitor crê em Deus, e que o representa para si

---

21 Devemos lembrar ao leitor que esta obra foi publicada originalmente ao final do século XIX. Muitos dos conhecimentos científicos aqui expostos sofreram, no correr dos anos, sua natural transformação e progresso, o que, no entanto, não invalida os conceitos espiritistas emitidos pelo Autor, mas antes, vieram a afirmá-los, cada vez mais.

22 "O Livro dos Espíritos" nos ensina, na questão 53, que o homem surgiu em diferentes áreas do globo e até em épocas distintas, o que constituiria uma das causas da diversidade das etnias, aliada à sua dispersão em diferentes climas e à multiplicidade de combinações resultante da miscigenação.Ver também Emmanuel, em "A Caminho da Luz" (38a.ed. FEB, Cap. III, Os Quatro Grandes Povos, pg.32). Na ciência de hoje não se trabalha mais com o conceito de "raças" humanas, somos todos frutos de uma única raça, e prevalece a tese de essa teria surgido exclusivamente na África. Aguardemos o porvir...

bastante imaterial para que ele seja dispensado de formar um corpo sobre o qual teria soprado para aí introduzir uma alma vivente. Com todo rigor, é preciso tomar o relato da Bíblia de uma maneira alegórica, como agora nessas palavras do Gênese: "Deus formou o homem do limo da terra". Em seguida acrescentamos que Deus, por seu sopro, isto é, por seu poder, concedeu ao homem um princípio espiritual de vida, distinto da matéria, e que sobrevive ao corpo.

Isto posto, perguntamos aos geólogos e aos antropólogos se, com uma base semelhante, é possível descobrir o homem primitivo. Os primeiros embriões humanos não se podem, evidentemente, encontrar, não somente os primeiros, mas também os fósseis dos corpos que já tiveram forma humana.

Todas as pesquisas só concluirão, portanto, por determinar de uma maneira vaga o grau de antiguidade da espécie; porque ainda que se pudesse remontar a uma época bastante recuada, tudo o que se descobrirá de fósseis estará de tal modo longe dos primeiros esboços, que é trabalho quase perdido procurar tão antes. Todavia, admiramos a paciência e a perseverança de nossos sábios, e somos os primeiros a dizer que todo homem inteligente deve se interessar por esses debates.

Isto nos leva a falar do sistema de Darwin.

Sabe-se que este sábio naturalista emitiu a opinião de que todos os seres que povoam a terra, homens e animais, teriam sido formados, por via de transformação, de um só e único casal primordial; que, por exemplo, o homem descendia do macaco, o macaco do urso, o urso de... procurai!

Esse sistema, que teve uma grande repercussão, não pode se sustentar por um instante diante da lógica. É evidente que em se remontando, pelo pensamento, para além de períodos cem vezes seculares encontraríamos com efeito um só casal. Mas se um casal pôde se desenvolver num ponto do globo, por que o mesmo fato não se teria reproduzido em outros pontos?

Se o sistema de Darwin fosse verdadeiro, perguntaríamos por que o homem não produziu uma nova espécie de seres: tal deve ser, contudo, a consequência dessa teoria da transformação.

Ao contrário, pela transformação, as raças humanas tendem a desaparecer, e pelo pouco que o cruzamento tomasse na Ásia e na África a extensão que teve na Europa e na América, logo a espécie humana não se constituirá senão de uma grande família de mesma cor, senão de mesma nuança. Certamente, haverá sempre dissemelhanças locais; o clima, os hábitos, a maneira de viver, estabelecerão certamente uma linha de demarcação entre os habitantes de pólos opostos, mas, à parte isto, os homens só se distinguirão entre si aproximadamente

pela diferença que caracteriza, por exemplo, o homem de posses e o trabalhador das minas.

Se a espécie humana provém da linhagem animal e é só um elo a mais acrescido à cadeia dos seres, devemos esperar que o reino animal nos oferecerá mais cedo ou mais tarde uma homogeneidade de forma e de cor semelhante, em seu gênero, àquela que a humanidade anuncia. Ora isto é o que se pode desmentir sem temor, se se considera a maneira pela qual os animais se reproduzem, cada um se acasalando segundo sua espécie e não procurando dela sair. Os híbridos são extremamente difíceis de se obter; nesses casos muito raros, os produtos são estéreis, e, se são fecundos, na terceira ou quarta geração há a volta ao tipo primitivo; este é um fato atualmente sabido pela ciência.

Se entre as diferentes espécies há seres que oferecem uma grande semelhança com outros, tais como o cavalo e o asno, o cão e o lobo, o urso e o macaco, é uma razão para disso se concluir que todos provêm do mesmo tronco? Que relação pode haver entre a lebre e a tartaruga, o galo e o porco espinho, o cervo e o elefante, a águia e o leão, o avestruz e a girafa, a serpente e o crocodilo, etc., etc.?

Darwin invoca o tempo; para ele essa transformação se operou lentamente, e com a ajuda dos séculos.

Sabemos, com efeito, que o tempo pode trazer muitas modificações nas raças. Mas por que espécies tão disparatadas se produziram precisamente em sentido inverso da unidade para a qual a espécie humana tende cada vez mais? As que acabamos de citar, por exemplo, não são um desafio lançado à teoria da transformação darwiniana? Se o homem é o último elo da cadeia, como se dá que essas quantidades de espécies coexistem ainda?... Só deveria haver atualmente sobre a terra macacos e homens!...

Somos forçados, portanto, a eliminar o sistema de Darwin que pretende fazer do homem o descendente de uma raça simiesca qualquer. Que os partidários desta teoria guardem sua opinião, é seu direito, mas que não achem ruim que todo mundo não seja da sua opinião[23].

Se o corpo humano não foi produzido por meio da transformação, qual é a sua origem?

A Bíblia responde que Deus o tirou do limo da terra. Muito bem.

---

23 Deve-se lembrar que a publicação original da obra de Guillet ocorreu em 1884, pouco tempo depois, portanto, do lançamento de A Origem das Espécies", de Charles Darwin (1859). Guillet sofre visivelmente a influência das controvérsias então em voga sobre o tema da evolução. A Doutrina Espírita é evolucionista, mas complementa as teorias materialistas indicando o psiquismo ou o Espírito como o eixo fundamental desse processo. Para os interessados no tema sugerimos a leitura das questões 540 e 607-a de "O Livro dos Espíritos"; dos itens 56 a 60 do primeiro volume de "Os Quatro Evangelhos", de Jean Baptiste Roustaing; e de "A Grande Síntese", de Pietro Ubaldi.

Isto quer dizer que o limo da terra, fecundado pelo poder divino, formou o homem, como tinha formado precedentemente as diferentes espécies animais e vegetais.

Mas o homem só se desenvolveu em um ponto? Se ele pôde se desenvolver em um ponto, por que não teria se desenvolvido igualmente em outros? Respondemos ousadamente que nada poderia a isto opor-se; e o que corrobora poderosamente nossa afirmação, são as diferentes raças, tão distintas entre si desde a origem.

Tudo o que, na natureza, procede da matéria, tem uma fonte análoga. Assim como os primeiros minerais se formaram, em diversas épocas, em seguida ao resfriamento gradual do globo, do mesmo modo também, do limo diluído e fecundado, se formaram, segundo os tempos e os lugares, as diferentes espécies vegetais, depois as animais. É em seguida destas últimas que a espécie humana deveu se formar; e ainda que não se formem mais homens por este meio sobre a terra, nem por isto devemos aceitar menos esta teoria em todo o seu rigor. Se esse modo de formação não existe mais em nosso globo, para as grandes espécies, é que ele saiu do período de incubação; os seres trazem em si mesmos, e há muito tempo, a semente para se reproduzir, cada um segundo sua espécie. É o que a Bíblia chama, por metáfora, o repouso de Deus. (Gênesis, cap. 2, v. 2)[24].

De onde vem essa variedade profunda na unidade criadora? Qual foi o motor principal nessa grande obra das espécies?

Sem contestação, a Causa suprema de quem tudo deriva, e que, desde o princípio, pôs em movimento esse conjunto maravilhoso da natureza, estabeleceu uma base poderosa para as leis que a regem; esta base são os fluidos, cujas combinações infinitas engendram a atração ou a repulsão.

A repulsão se manifesta quando se quer fazer reproduzir contra a natureza as diferentes espécies. Dizemos espécies e não raças. O cão e o gato são espécies; o galgo e o buldogue são raças. Por que esta repulsão? É o que a ciência saberá no dia em que puder analisar completamente os fluidos.

Se os acasalamentos contra a natureza só produzem seres estéreis, isso não ocorre do mesmo modo com as raças que, misturadas, delas se engendram outras variadas e fecundas. É dessa mesma maneira que ocorre com o homem. Isto não implica que os germes devem ter aparecido em um único ponto, seja para as espécies, seja para as

24 Vide a respeito a questão 49 de "O Livro dos Espíritos": "pode dizer-se que os homens, uma vez espalhados pela Terra, absorveram em si mesmos os elementos necessários à sua própria formação, para os transmitir segundo as leis da reprodução. O mesmo se deu com as diferentes espécies de seres vivos".

raças. Não; do mesmo modo, em diversos lugares, em diferentes tempos a eclosão pôde se produzir, e nada pode provar o contrário.

É preciso, portanto, reconhecê-lo, a espécie humana, como todas as outras, começou pelo período embrionário. Os primeiros germes, na época de incubação da Terra, deviam assemelhar-se a grossas larvas criptogâmicas[25] que, pouco a pouco, se reproduziram em formas cada vez mais acentuadas; só depois de um tempo bastante longo, sem dúvida, é que o tipo humano se apresentou distinto. Mas desse tipo primitivo para atingir as formas de nossos selvagens, por mais rudimentares que fossem, quantos séculos foram necessários! O mesmo ocorreu com todas as grandes espécies animais, seja daquelas que apareceram durante os primeiros períodos geológicos e desapareceram com eles, seja das espécies atuais.

Ora, dirão os tímidos, assinalar uma semelhante origem ao homem, o rei da criação!

E por que não, faz favor? O que distingue o homem do animal não é o seu Espírito, a sua alma? Não é? O corpo do homem tem, na morte, um outro destino que não aquele do corpo do animal? Se, portanto, o invólucro humano e o invólucro animal estão submetidos às mesmas leis de destruição, devem ter tido uma formação idêntica no passado, como têm no presente.

Mas, acrescentamos ainda, como o homem pode, tendo uma origem embrionária, e aparecendo por último no cenário do mundo, chegar a ter a supremacia no globo que habita[26]?

Eis, responderemos, quais são as premissas da queda original. Aqui entramos na ordem psicológica.

25 Vide “Os Quatro Evangelhos”, Tomo I, item 58 e “Jean Baptiste Roustaing, Apóstolo do Espiritismo”, de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros, 2a. Ed. CRBBm, 2016, pgs. 414 a 419.

26 Vide a respeito Os Quatro Evangelhos, Vol.1, item 58.

CAPÍTULO VII

APÊNDICE 3 - CONSIDERAÇÕES PSICOLÓGICAS

Depois de ter falado dos animais e do homem, e mostrado que a origem de uns e de outros deve ter sido a mesma, acrescentamos que aquilo que distingue o homem é sua alma, seu espírito.

Quer isto dizer que os animais são desprovidos de alma? Exemplos frequentes e autenticamente constatados dar-nos-iam um solene desmentido se lhes recusássemos, não somente uma certa dose de inteligência, mas também uma espécie de vontade. Ora agir com vontade é próprio da reflexão; o homem possui esta faculdade em um grau eminente, é isto que lhe dá a direção do globo que habita, e que o constitui senhor absoluto de seus atos?

Até que ponto o animal se assemelha ao homem[27]?

Diz-se com razão, muitas vezes, que só faltava a certos animais a palavra para fazer deles seres racionais; e, sob determinado ponto de vista, ai de mim! quantos homens parecem indignos desse título! Mas daí a concluir-se que haja animais realmente mais inteligentes que certos homens, é pronunciar uma blasfêmia.

A natureza não pode contradizer-se: se o homem é o ser inteligente por excelência, o menos avançado da espécie deve sê-lo incomparavelmente mais do que não importa que animal. Para tomar como exemplo: o gorila, o chimpanzé, o orangotango, as três raças de símios mais desenvolvidas, estão a uma tal distância intelectual do Hotentote, do Esquimó e do Neo-Holandês, que não é possível confundi-los. O macaco descerá da árvore sobre a qual se empoleirou para ir aquecer-se em um fogo que avistará de longe, mas sua inteligência não vai até lhe fazer juntar os tições quando o fogo se apaga. Ele pensa, mas como macaco.

Certamente, esta comparação, estabelecida diante do homem embrionário, não seria para a proeminência deste último. Diante deste estado primitivo, o macaco pode parecer mais inteligente que o homem; mas é realmente? Não, porque isso é só uma superioridade de órgãos.

É verdade que a existência da alma não se provará, mais num do que no outro; por essa razão, nada a demonstra no homem civilizado.

Sob o ponto de vista material, a alma é a essência da vida; aí onde a alma não existe mais, a vida extinguiu-se.

---

27 Vide a respeito a questão 597 de "O Livro dos Espíritos". Sugerimos igualmente a leitura da obra "Os Animais têm Alma?", de Ernesto Bozzano.

Mas sob o ponto de vista da vida intelectual, o que é a alma? É o princípio do ser, distinto da matéria, e que sobrevive ao corpo. Este princípio é imaterial, isto é não tem nenhuma semelhança com aquilo que chamamos de matéria; apesar disso, é mais do que o pensamento, é, ao mesmo tempo, uma força ativa[28].

Todo mundo conhece o fenômeno das mesas girantes e falantes, e o das manifestações inteligentes produzidas sobre a matéria pelos seres incorpóreos. A ciência tentou todos os meios para examinar fisicamente a causa desses fatos misteriosos. Todas as teorias foram criadas, todos os sistemas foram desenvolvidos; trabalho inútil! ficou demonstrado que o fenômeno se produzia fora de toda lei material, e, além disso, que era inteligente.

Os materialistas ficaram nisso aí; por consequência de princípios, eles não podiam fazer de outro modo. Mas aqueles que creem em um mundo espiritual imaginaram muito naturalmente alguma coisa de uma ordem mais elevada, baseando-se neste axioma: todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente. Foi então que, no meio da incredulidade geral, os agentes misteriosos declararam que eram Espíritos. Estabeleceram-se os diálogos com esses seres invisíveis; desses diálogos saiu um novo sistema filosófico da natureza: o espiritismo.

As manifestações dos Espíritos são uma demonstração irrefutável da existência da alma. Esta existência, negada em nosso século positivo, é, portanto, afirmada solenemente pelos fatos espíritas. A ciência procurava uma prova dela: ei-la!

O espiritismo forneceu mais como garantia da existência dos Espíritos do que a astronomia não deu de tudo aquilo que ela afirma. No entanto, quantos homens duvidam da facilidade com a qual os sábios podem medir a distância que separa um astro de outro, a certeza que devem ter tido do volume respectivo de cada planeta, de sua gravidade, de suas revoluções siderais, etc. etc.? Certamente, esses cálculos parecem estranhos, mas nem por isto estão menos certos, e só um ignorante poderia negá-los.

Do mesmo modo ocorre com o espiritismo. É uma ciência experimental com a ajuda da qual se explicam muitos dos segredos ocultos, até hoje, de ordem moral e física.

Pelos médiuns que lhes servem de intermediários, os Espíritos se tornam familiares a nós; temos a prova patente da existência da alma, e dessa prova decorre a da existência de Deus, como consequência.

Partindo agora do princípio da existência de Deus, e reconhe-

28 Vide a respeito a questão 134 de “O Livro dos Espíritos”.

cendo que tudo o que o Criador fez tem sua razão de ser, ser-nos-á fácil saber que papel tem a criatura no domínio imenso das sensações.

Por toda parte onde há sensação há um princípio de vida; tanto mais a sensação é viva, tanto mais o princípio que a produz está desenvolvido. Em todos os reinos da natureza vemos este princípio agir com mais ou menos força; mas o que surpreende, antes de tudo, são as desigualdades de aptidão, de instinto e de inteligência no reino animal e sobretudo no reino humano. Ora, diante dessas desigualdades, pergunta-se, com admiração: qual foi o objetivo do Criador? Visto que Deus é soberanamente justo, há aí um problema cuja solução importa muito para o adiantamento da humanidade.

As manifestações espíritas mostram, de uma maneira irrecusável, que a alma humana sobrevive à morte do corpo que ela animava, e provam, ao mesmo tempo que, fora do mundo físico, há o mundo espiritual. Está aí uma prova de que o princípio que nos faz viver é o ser verdadeiro, e que sem ele nós não seríamos senão uma massa inerte, sem movimento.

Com efeito, após a partida da alma, o corpo pode ser mutilado impunemente; nada sentirá, porque a alma é a sede da sensação, enquanto que o corpo não é senão o instrumento. Este fenômeno se explica facilmente, e encontra sua analogia durante o sono. Neste estado de repouso, tanto mais o entorpecimento é profundo, tanto mais a alma se desprende; de modo que o corpo mostrará mais ou menos sensibilidade conforme a alma esteja mais ou menos distanciada .

Após a morte, a alma estando definitivamente separada do corpo, nada poderá perturbar a inércia deste último, o que prova, de uma maneira patente, que aquilo que o fazia agir ali não está.

Para o reino animal devemos fazer o mesmo raciocínio. Que um caçador fira mortalmente um pássaro ou um quadrúpede; que um homem seja ferido no coração, o resultado é o mesmo: a morte se segue mais ou menos rapidamente. Diante desse fenômeno: a cessação da vida, pode-se dizer em boa lógica, que só no homem há sobrevivência e que no animal tudo acabou? Nada nos autoriza; pelo contrário, raciocinando por indução, somos forçados a convir que, de uma como de outra parte, há sobrevivência.

Poderíamos aplicar este princípio ao reino vegetal. Diz-se que há entre as plantas uma diferença muito grande de sensação, e que não se pode confundir em uma mesma insensibilidade tudo o que este reino, tão variado, comporta. A sensitiva e a dionéia, por exemplo, experimentam agitações que surpreendem e quase nos fariam tomá-las por seres animados. E o que dizer também dos zoófitos, esses animais-

-plantas, formando o traço de união entre os dois reinos[29]!

Mas atenhamo-nos ao reino animal e ao reino humano, e reportemo-nos ao princípio da vida como fonte da inteligência. Sob este ponto de vista, não é difícil de se dar conta da inacreditável desigualdade que existe entre todos os seres que os compõem.

Se esta desigualdade está na base do reino animal, está também no fundamento da humanidade, e a mesma lei de unidade parece ter presidido à boa disposição do universo.

Entretanto, Deus sendo soberanamente justo, não pôde criar uns homens adiantados e outros atrasados; todos devem ter recebido, em sua criação, uma parte igual de faculdades. Ora, é precisamente o que não se vê. Por que esta distribuição arbitrária?... Falar-se-á de variedade, de contraste, de harmonia? Tudo isto está bem, enquanto só se trata do mundo físico; mas se se encaram as faculdades intelectuais que fornecem a cada indivíduo sua parte de felicidade, esta divisão desigual seria o cúmulo da injustiça, se não pudesse explicar-se.

Para sair desta dificuldade, que macula de parcialidade a Providência Divina, somos forçados a admitir que, antes dessa existência, os homens tiveram uma outra. A alma, antes de se unir a um corpo, existia no estado de Espírito e fazia parte do mundo espiritual. A desigualdade das inteligências só podendo explicar-se pela preexistência, esta torna-se a garantia da imortalidade, tudo levando a considerar, os reinos inferiores da criação, sob uma nova luz.

O homem é então um Espírito encarnado; espiritualmente falando ele é completo. O Espírito humano é sintético, isto é, possui a plenitude do ser, e é o que o distingue do animal, que não é senão um princípio anímico em vias de formação mais ou menos avançada, e que, pela morte, retorna ao "todo universal", em condições cada vez mais distintas, para voltar a animar novos corpos, e em novas fases de existência, até que chega ao período de transformação que lhe dá a consciência de si mesmo.

Esta teoria da filosofia espírita decorre como consequência da lei do progresso. Se a química parte deste princípio inatacável de que nada se perde, mas que tudo se transforma no domínio da matéria, a psicologia se apóia sobre este outro princípio, não menos sólido, de que nada se extingue no mundo da inteligência.

Mas, dirão os panteístas, quem prova que o Espírito do homem não é conduzido ao todo universal pela mesma lei que rege o mundo animal?

O que o prova, sobejamente, é que a alma humana forma uma

29 Sugerimos a propósito a leitura das questões 586 a 591 de "O Livro dos Espíritos".

individualidade poderosa cuja consciência do eu faz a força. A alegria, a tristeza, o prazer, a dor, a felicidade, a infelicidade, o bem, o mal, numa palavra todas as sensações possíveis são analisadas pelo homem; ele possui um tal sentimento de sua personalidade que, durante toda a sua vida, ele nunca se atribuirá as virtudes ou os vícios de seus semelhantes assim como não suportará que se ponha em sua conta o que ele sabe não ser produzido por sua concepção. Tudo será raciocinado, pesado, julgado, com mais ou menos precisão, é verdade, mas seja qual for sua inteligência ou seu desenvolvimento moral, suas apreciações terão sempre sua própria individualidade como ponto de partida.

O eu, eis aí o Espírito humano em qualquer nível da escala em que se lhe surpreenda[30]. Muito bem! esse eu não pode desaparecer pela morte, porque ele é o complemento, o atributo supremo do Ser. Visto que nada se extingue no mundo da inteligência, esse atributo principal, esse eu, deve subsistir intacto após a morte, desde que se o possua durante a vida.

Isto é assim no reino animal. À medida que o princípio anímico se completa pela agregação, torna-se cada vez mais distinto; é um encaminhamento para a individualização que ele ainda não possui; até aí ele vai se desenvolvendo sempre. O todo universal ao qual ele pertence não é um todo uniforme, como o admitem os panteístas, visto que ele produz seres tão diferentes uns dos outros. Com efeito, quanta distância separa o gato do cachorro, o boi do cavalo, o castor do macaco! Como seria se comparássemos o macaco ao homem! Em que sentido, de que maneira seria necessário explicar-se o todo universal do qual se destacariam incessantemente inteligências tão variadas!

Alguns panteístas, sentindo esta dificuldade, querem que se admita uma gradação de transição no todo universal; eles supõem que o homem, por exemplo, retorna a uma esfera superior de onde ele teria saído. Esta suposição, gratuita, é uma enorme inconsequência. De duas uma: ou a individualidade consegue sobreviver com o tempo, ou ela se destrói cada vez no raio de ação ao qual retorna. Se ela sobrevive o panteísmo é falso; se ela entra no nada, pergunta-se como a esfera superior da qual ela procede pôde se formar. Se esse raio de ação chegou até lá por uma marcha progressiva, por que esse progresso não acabaria por dar a cada ser o complemento supremo do eu?

Sejamos lógicos. O panteísmo supõe necessariamente um todo universal uniforme; portanto, é absurdo diante da diversidade das inteligências. Com um todo graduado, ele se condena a si mesmo; a agregação parando no homem, essa gradação de transição implica for-

30 Sobre esse tema, vale consultar os capítulos 1 e 2 do volume “Deus e Universo”, de Pietro Ubaldi.

çosamente um progresso que, cedo ou tarde, fará sobreviver a individualidade: é o que ensina o espiritismo.

O panteísmo é a doutrina mais inconciliável com a razão; ela é mais absurda que o materialismo que, pelo menos, tem sua fonte na negação do mundo invisível. Seja como for, um e outro estão condenados pelos fatos espíritas.

Reconheçamos, portanto, o universo é composto de dois elementos primordiais: o espírito e a matéria[31]. Ao espírito pertence o cetro da direção; é graças a ele que a matéria se anima e se transforma; sem ele tudo seria caos. Os reinos mineral, vegetal e animal só existem por ele; é ele que os sustenta e é por eles que ele se individualiza, depois de ter passado por inumeráveis transformações nos vastos laboratórios da natureza.

Matai um homem ou um animal, o corpo apodrece e se dissolve; cortai uma planta ou uma flor, elas secam e desaparecem; arrancai a pedra ou o minério da pedreira em que se desenvolveram, e pouco a pouco, o tempo ajudando, desmoronar-se-ão em pó. Mas a essência espiritual, libertando-se de cada vez por uma força magnética que ela possui em si mesma, renasce sempre em novas condições de desenvolvimento segundo as leis universais de agregação estabelecidas por Deus de toda a eternidade. Depois de ter sustentado o mineral, ela anima o vegetal, constitui o animal, depois torna-se Espírito, após uma última e suprema transformação.

Dizemos Espírito, e não homem: o homem é a consequência da queda do Espírito.

A esta palavra queda, o pensamento se reporta imediatamente àquela cena bíblica representando Adão e Eva no "paraíso terrestre" onde eles foram colocados, e onde eles desobedeceram ao seu Criador.

Deus os criara imortais, mas sua prevaricação tendo-lhes feito perder esse privilégio, eles foram condenados à morte, e expulsos do paraíso onde teriam podido viver eternamente sem sua desobediência.

Se a Bíblia faz seguir o relato da criação da cena da queda, é para mostrar que o homem, que Deus acabava de criar macho e fêmea, devia ser animado pelos Espíritos que poderiam decair do estado de

31 Kardec salienta logo no início de "O Livro dos Espíritos" essa visão dualista (vide questão 27), mas assinalou igualmente a unidade substancial existente por trás dela, seja na questão 33 dessa mesma obra ("tudo está em tudo"), seja em "O Livro dos Médiuns", ao apontar o fluido universal como "o princípio elementar de todas as coisas". Mais referências sobre a unidade substancial da criação podem ser encontradas no capítulo XXIII de "Emmanuel" (Psic. F.C. Xavier) – "É licito considerar-se espírito e matéria como estados diversos de uma essência imutável" e no capítulo 09 de "A Grande Síntese", na forma da Grande Equação da Substância.

felicidade em que ele os colocara.

Com efeito, se nos transportamos ao paraíso sobre a Terra, como admitir a imortalidade de Adão e de Eva, imortalidade que é o apanágio do Espírito e não do corpo, e no qual sua prevaricação, que lhe era pessoal, podia atingir seus descendentes[32]?

Interpretemos essa cena do ponto de vista espiritual, e teremos uma ideia exata do que se passa de toda eternidade no início da vida dos Espíritos.

Eles são criados imortais, livres na imensidade dos mundos fluídicos onde devem progredir em ciência e em amor submetendo-se às ordens do Soberano dos Céus. Senhores do seu destino, eles podem escolher entre "a árvore da vida" e "a árvore da ciência do bem e do mal", isto é, entre a vida celeste e a vida material. Eles são imortais se perseveram na primeira, senão são condenados à morte espiritual, a encarnação material, se falham nas provas que lhes são impostas e que devem decidir de seu valor espiritual.

A encarnação humana torna-se assim uma punição, servindo inteiramente ao progresso do Espírito decaído.

À morte do corpo, o Espírito se torna livre, segundo o uso que fez de suas faculdades em suas novas provas. Se abusou, uma expiação mais ou menos dolorosa lhe é infligida, depois da qual ele reencarna até que, compreendendo o nenhum valor dos gozos materiais, curvando submisso seu orgulho sob o poder que governa o universo, praticando a lei do amor universal, ele possa enfim reentrar em sua pátria.

Tal é, em sua simplicidade, a teoria do progresso do Espírito.

Os pensadores reencarnacionistas que não admitem a queda tomam o princípio anímico, que deve mais tarde constituir o homem, e o fazem chegar, partindo dos degraus ínfimos da animalidade, até à mais ideal perfeição, por um progresso contínuo, quer na ordem moral, quer na ordem física. O homem, desse modo, seria apenas um animal superior que alcançou seu desenvolvimento sem outra transformação que aquela que ele mesmo opera por sua inteligência, com a ajuda de inumeráveis reencarnações[33].

Esta teoria parece bastante natural à primeira vista; mas, por pouco que se reflita, seriamente, percebe-se muito rápido que ela peca radicalmente pela base.

---

32 Sobre Adão e o Paraíso Original, sugerimos a leitura do primeiro capítulo do volume "Pão Vivo", de Jorge Damas Martins et all, ed. CRBBM.

33 Essa aparente contradição se resolveu bem, em nosso século, principalmente na obra de Pietro Ubaldi, onde destacamos, a respeito, a obra "A Grande Síntese", para perfeita compreensão do processo evolutivo; e "Deus e Universo", para melhor entendimento da Queda original e suas consequências.

Se nós nos demos conta daquilo que expusemos precedentemente, vimos que o tipo humano, em seu início, deve ter nascido no seio da Terra, que, em sua origem formava, em certos centros, imensas matrizes de onde apareceram todos os germes das diferentes espécies.

A ciência não pode aceitar agora as criações "miraculosas" tais como seria, por exemplo, aquela do primeiro homem, saindo uma peça inteira das mãos do Criador. Nós o dissemos, nada se contradiz na natureza: os homens, hoje, não nascendo de outro modo que os animais, uns e outros devem ter tido a mesma origem, todos devem ter começado pelo período embrionário terrestre.

Admitido isso, duas teorias se encontram frente a frente: um só casal, na origem, contendo em germe todos os seres, homens e animais; ou então nascimentos simultâneos, e em diferentes épocas, as espécies animais, primeiro, depois a espécie humana. Segundo o primeiro caso, o homem seria o descendente de uma raça de macacos; conforme o segundo, formaria espécie distinta, desde o início, como todos os outros.

Vimos que esta última teoria é a única aceitável: 1º porque o homem não produziu uma nova espécie de seres; 2º admitindo o nascimento de um casal em um ponto do globo, nada se opõe a que outros casais tenham podido se formar em outros pontos; 3º enfim, os acasalamentos contra a natureza, tão difíceis de obter, aliás, só engendram seres estéreis.

Resta saber agora se a espécie humana se desenvolveu de um único casal humano ou de vários. Nós o dissemos, as diferentes raças se encarregam da resposta; tudo indica que um mesmo tronco e uma mesma data não podem ser fixadas para as raças negra, branca, amarela e vermelha.

Lancemos em seguida um rápido golpe de vista sobre as diversas metamorfoses do globo, e teremos um quadro exato da criação.

As diferentes camadas geológicas encerram em seu seio a ordem hierárquica dos diferentes reinos da natureza. Elas demonstram de uma maneira patente que o reino mineral apareceu primeiro, depois o reino vegetal, a seguir o reino animal, e enfim o reino humano.

A geologia demonstra, além disso, que os seis dias bíblicos são tantos períodos de uma duração incalculável, durante os quais se elaboraram as diferentes produções do globo.

A geologia ainda demonstra que numerosos cataclismos tragaram produções inteiras, as quais foram substituídas por outras, cuja aparição ocorreu do mesmo modo que aquelas que as tinham precedido.

A geologia demonstra, enfim, que o dilúvio moisaico foi só um grande cataclismo asiático parcial, produzido pela agitação subterrânea do Cáucaso e posterior, de muito, ao grande dilúvio universal com o qual se teve o erro de o confundir. É depois do grande dilúvio geológico que tiveram nascimento, sucessivamente, todas as espécies vegetais e animais atuais.

O que a geologia constatou, sobretudo, foi a aparição, em último lugar, da espécie humana.

Coloquemos agora esta dupla questão: O Espírito do homem é a síntese dos reinos inferiores? Ou então, é uma criação especial?

Se o Espírito do homem é uma criação especial, aparecendo por último na cena do mundo, deveria estar, em inteligência, abaixo dos seres que o precederam, a menos que se admita para ele uma criação especial superior, o que nos faz recair no sistema dos privilégios que a teoria da preexistência tem como objetivo combater; além disso, se fosse assim, o princípio inteligente dos animais estaria sem meios de se manifestar, o que, como vimos, é contrário à lei do progresso.

Contudo, o homem aparece muito tempo depois das outras espécies, e lhes é muito superior há muito tempo. Para resolver esse problema, é-se forçado a admitir que o Espírito humano é a síntese dos reinos inferiores. Nada poderia prevalecer contra esta assertiva, nem mesmo a superioridade dos órgãos do homem que se invocaria aqui muito sem razão, porque está demonstrado pela frenologia que não são os órgãos que dão as faculdades.

Admitido isto, perguntamos a todos os que querem o progresso contínuo, desde a animalidade até o homem, tanto no físico quanto no moral, se eles se apercebem da inconsequência de seu sistema[34]?

Que o princípio anímico, na sequência de reencarnações animais cada vez mais desenvolvidas passe ao corpo de um Hotentote ou de um Esquimó, isto parece bastante em concordância com o sistema do progresso contínuo; mas onde está a inconsequência, é esquecer que a raça desses selvagens não foi desenvolvida sem interrupção até esse momento, e que, para chegar no ponto atual foi-lhe preciso, necessariamente, ser animada por um princípio inteligente desde o período rudimentar, princípio que só pode ser um Espírito humano.

Portanto, o Espírito, em vez de marchar de progresso em progresso em corpos cada vez melhor organizados, deve ter sofrido, entrando na espécie humana, uma queda física contrária à lei do progresso contínuo, contrário à competição vital de Darwin. Se supomos, agora, o tempo incalculável que precisou a espécie humana somente

34 Lembramos novamente as questões 540/607 de "O Livro dos Espíritos"...

para passar do estado embrionário e rudimentar àquele dos nossos selvagens atuais, é fácil conceber que, para os Espíritos que aí estiveram encarnados sucessivamente, isto deve ter sido uma morte!

Triunfais, dirão nossos adversários, porque tomais, para ponto de partida o homem em seu estado embrionário; mas como não tendes provas fisiológicas de uma tal origem, estamos no direito de vos opor o sistema da transformação das espécies que, deveis convir, suprime a teoria da queda.

Para vossa satisfação, responderemos. Vosso sistema, ainda que condenado pelos fatos, poderia, talvez, sustentar-se sob o ponto de vista materialista, mas não no espiritualista. Admitis que o homem, produto de uma raça de símios, é o último escalão da animalidade; que se ele não produziu uma nova espécie de seres, é que ele absorveu em si mesmo a seiva geratriz terrestre, semelhante, nisso, ao nosso globo, que, segundo a teoria da pluralidade dos germes, não está no período de incubação.

A rigor, não vos concedemos tudo isso. Mas quereis nos dizer porque esta transformação das espécies operou-se no sentido de seu desarmamento? porque, é preciso reconhecer, as espécies superiores, macacos e homens, por exemplo, estão na impossibilidade de se defender contra adversários tão temíveis quanto os leões, as águias ou os tigres.

Respondeis que à medida que a inteligência se desenvolve, os meios materiais de defesa diminuem. Muito bem. Sois agora espiritualistas, sem o que faltaríeis à lógica, visto que admitis o desenvolvimento progressivo da inteligência.

Para estabelecer fisicamente a queda dos Espíritos, nós nos apoiamos sobre a multiplicidade dos germes primitivos das diferentes espécies, vindas cada uma a seu tempo e das quais a última é o homem; para negar esta queda, só tendes um meio, é de vos agarrar à teoria da transformação partindo de um tronco único. Pois bem, vosso sistema que, do ponto de vista espiritualista, que parece fundado sobre a reencarnação, é-lhe diametralmente oposto[35].

Perguntamos se o princípio espiritual que animou o primeiro germe fracionou-se para nele animar a primeira transformação? Respondeis não, e tendes razão, porque isto seria dizer que o princípio

35 Para os que temos hoje, em conjunto para estudo e análise, as revelações de Kardec, Roustaing e Ubaldi, fica fácil visualizar os pontos de contato dos ensinos dos Espíritos em meio às muitas e muitas especulações e hipóteses levantadas pelo prezado J.E.Guillet. O que nos sobressai, no entanto, é o puro e legítimo exercício do puro pensamento, na sua manifestação mais essencial, onde alguém, ainda agitado pelos ensinos recebidos no seu tempo, tenta elaborá-los para com eles explorar fronteiras ainda mais atraentes para a sua mente faminta de luz e saber.

primordial continha em si mesmo toda a série dos Espíritos futuros. Se, portanto, esse princípio primitivo permaneceu intacto, Deus deve ter criado sucessivamente princípios anímicos cada vez mais aperfeiçoados, para responder às transformações cada vez mais desenvolvidas da matéria. Pouco a pouco, chegaríamos assim ao homem que teria recebido de Deus uma alma mais ou menos inteligente conforme os meios. As desigualdades intelectuais não se explicariam então pela preexistência, mas seriam o fato de uma vontade criadora arbitrária. Deus seria injusto, visto que os últimos chegados sempre seriam os mais favorecidos.

Convenhais, portanto: a teoria da transformação das espécies destrói a reencarnação sobre a qual ela parece se apoiar; por consequência, ela é falsa do ponto de vista psicológico, visto que a alma só pode chegar à individualidade por esta via.

Alguns fisiologistas admitem a transformação das espécies em um outro sentido. Eles fazem remontar as diferentes espécies atuais a uma multidão de germes primitivos idênticos. Para eles, a transformação operou-se, desde o princípio, segundo os tempos e os lugares, e em circunstâncias tais que o caráter impresso em cada espécie vem dos meios nos quais elas se formaram, mas não dos troncos múltiplos que, na origem, deviam ser idênticos.

Essa variante da teoria darwiniana não chega a melhores consequências. Examinemo-la um instante.

Dizemos de início que no momento em que se admite a pluralidade dos germes primitivos, nada impede que, em sua origem mesma, não deva remontar à diversidade radical das espécies. Em seguida, como as transformações são, de muito, mais numerosas do que a totalidade dos embriões-tronco, isto é admitir, numa escala mais vasta, a teoria das criações espirituais adaptadas especialmente a cada transformação, teoria que acabamos de combater como destruidora da preexistência.

Mas, suponhamos a transformação nessas condições, o homem é sempre assim o produto de uma espécie qualquer. De onde vem a alma humana nessa hipótese? Ela animou, individualmente, em uma época anterior, os seres inferiores da criação? Como, com a transformação sucessiva, não há linha de demarcação claramente traçada entre as espécies, quem pode dizer onde começa a humanidade? Nossos selvagens, por exemplo, eles são homens ou animais? Em que espécie é preciso procurar o ponto de partida da fraternidade humana? E em caso de retrogradação moral, até onde pode recuar fisicamente o ser culpado?

Há ainda uma outra versão, inteiramente psicológica, que con-

siste em dizer que a espécie humana, ao admitir sua origem embrionária, e até que esteja bastante desenvolvida para receber as almas que alcançaram o summum da animalidade, é animada por um princípio inteligente que pertence ainda ao todo universal, assim como ocorre com as espécies animais.

Esta opinião não vale mais que a precedente, no sentido de que ela deixa na obscuridade o ponto de partida da alma individual. É sempre a mesma questão. Os selvagens, eles fazem parte da humanidade, ou ainda estão destinados ao todo universal? Em que categoria de seres é preciso procurar os limites da agregação?

Por mais que se faça e se diga, para escapar ao panteísmo e à metempsicose animal, é-se sempre forçado de dar o homem como tronco do homem, e até à origem da espécie que, como todas as outras, teve seu período embrionário.

Quanto ao espírito que o anima, ele é a síntese dos reinos inferiores; é isto que faz a superioridade do homem, ainda que vindo por último. Sempre o espírito humano tem sido o complemento do ser, o eu individual; e se descemos até embaixo na escala, devemos convir, para sermos lógicos, que, mesmo nas encarnações primitivas, devemos encontrar aí um espírito individualizado, por mais primitivo que seja o envoltório dele.

Afirmamo-lo, portanto, sem receio, que uma semelhante retrogradação, tão contrária à lei geral do progresso, não pode existir sem causa, e reconhecemos que ela só pode encontrar sua razão de ser em consequência de uma queda espiritual.

Quanto mais os atos, da parte dos Espíritos, são repreensíveis, tanto mais a encarnação é material, quanto mais os desejos são grosseiros, tanto mais primitiva é a encarnação. Deus designa a cada um seu lugar segundo seu valor, porque todos têm um papel útil, seja na espiritualidade pura, seja na materialidade grosseira.

A Terra não se encontra mais nas condições de encarnações primitivas; ela o foi a seu tempo. Mas na imensidade dos espaços, outros mundos a sucedem, como outros a precederam. Esses mundos, por sua vez, progredirão, e serão substituídos por outros, e assim durante a eternidade, porque a criação é eterna como seu Autor.

Entramos agora nas considerações que provam moralmente a queda, e veremos que o homem é, na verdade, um ser exilado, um anjo decaído, e não um animal superior.

EPÍLOGO

"Suplicai ao Senhor para compreender suas verdades, e vosso entendimento será aberto.

"Batei às portas da eternidade, e chegareis ao santuário.

"Dirigi-vos ao Dispensador de todas as graças puras e divinas; dirigi-vos a ele com pureza, com amor.

"Suplicai-lhe a luz para esclarecer vossos irmãos, e ele mesmo porá a luz em vossas mãos, e seus raios iluminarão o mundo".

OS QUATRO EVANGELHOS
e
O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Les Quatre Évangiles de J. B. Roustaing et le Livre des Esprits, réponse à M. Alexandre Vincent

Paris : à la Société scientifique du spiritisme, 1885
Gr. in-8, 31 p.

OS QUATRO EVANGELHOS E O LIVRO DOS ESPÍRITOS

"Toda inteligência, partindo de um ponto, deve coordenar as ideias gerais e, dessas ideias condensadas, tirar a maior soma de probabilidades.

"No coração de cada um de nós colocou Deus a necessidade de conhecer, de apreciar e, em consequência, traçou o caminho que conduz ao conhecimento da sua criação. Na alma de seus filhos, pôs Ele o amor, que mais não é, a princípio, do que a sede de conhecer e que, pouco a pouco, se transforma na necessidade de dar a conhecer aos que cercam, acabando afinal, por ser a ventura que se experimenta pela ventura dada a outrem. Procurando sempre chegar o homem a decuplicar suas forças e absorção, ele se engrandece para si, para seus irmãos e para Deus.

"Portanto, se vossa alma tem sede de conhecimentos novos, pesquisai. Mas, tende cuidado com as paixões de orgulho, que poderão obscurecer-vos o entendimento.

Tendes por dever não rejeitar de súbito o que a vossa inteligência vos diz que pode ser verdadeiro; do mesmo modo, não deveis admitir, sem exame, as ideias que vos são transmitidas: a dúvida é própria do ponderado. Somente pouco a pouco pode a luz chegar à ida não preparada para recebê-la. – BOSSUET".

Estas palavras, ditas mediunicamente, em 1872, num grupo lionês, onde se discutiam os princípios gerais do Espiritismo, a propósito dos Quatro Evangelhos, de J. B. Roustaing, me voltam à memória e ainda são todos de atualidade hoje, quando está pendente a questão da queda original.

Para os que, dos livros espíritas, hão aprofundado estudo, esta questão se acha resolvida de há muito. Sabem esses, sem sombra de dúvida, que este ponto da Doutrina foi elucidado desde o aparecimento de "O Livro dos Espíritos" que, para todos os espíritas sérios, é a obra fundamental da nova revelação.

Mas, espíritas há, parece, aos quais não merece fé a obra principal de Allan Kardec.

Será desse número o Sr Alexandre Vincent?

Apreciando, na Revista Espírita , o livro que escrevi sobre a Queda Original, e fazendo-o, aliás, com uma benevolência que lhe agradeço, deixou ele de falar da obra de acordo com a qual tirei as minhas conclusões. Certamente, se eu houvera de apresentar aos meus irmãos em

crença apenas as minhas ideias pessoais, jamais teria saído da obscuridade, o que tão cara me é. Eu, porém, me propusera tornar patente o que muitos espíritas ignoram, isto é, que todos os livros fundamentais são concordes, quanto ao fundo, com "O Livro dos Espíritos", relativamente a esse ponto tão importante da revelação cristã-espírita.

O método que empreguei foi, pois, o que o próprio Allan Kardec recomenda e que consiste, como ele o disse no prefácio do seu "Evangelho Segundo o Espiritismo", em estabelecer os fatos dentro da rigorosa concordância. Desta maneira, o leitor entra com segurança no ensino dos Espíritos, ensino que procurei corroborar mediante a ciência da dedução.

No meu livro, portanto, não são as minhas ideias próprias o que se deve considerar, mas as dos Espíritos, postas em concordância.

Assim, embora o Sr Vicent me haja dado a honra de só se ter ocupado comigo pessoalmente na sua crítica, não lhe responderei senão por meio das obras reveladas e, em particular, por meio de "O Livro dos Espíritos", sobre o qual guardou ele silêncio.

*

Pergunta o Sr Vincent:

"Parecerá muito racional admitir-se que um Espírito, que vem diretamente de Deus, isto é, da fonte de toda a perfeição, um Espírito de natureza angélica e cuja infância espiritual, ao demais, transcorreu cercada de bons conselhos, seja capaz de precipitar-se nas regiões de trevas, ou possa, sequer, imaginar que existem tais regiões? Ele tem o seu livre-arbítrio, é certo; mas, o livre-arbítrio não nos dá a possibilidade de adivinhar a existência do que se nos conservou sempre oculto. Se colocais o Espírito, continua, tão perto de Deus, estamos no direito de exigir desse Espírito uma perfeição tão grande, que a ideia do mal não lhe possa vir à mente. Como lhe acudiria semelhante ideia, se ele jamais esteve em contato com Espíritos inferiores e maus? Depois, porque haveria Espíritos que em nenhuma falência incorram e se conservam anjos, ao passo que outros se tornam demônios? A perda dos Espíritos, diz Roustaing, que só a esse propósito o Sr Vincent cita, é o orgulho, que tem como derivados a presunção e a inveja. Difícil é de crer-se que sentimentos tais possam nascer em Espíritos que emanam de Deus, e do mesmo modo e pela mesma razão nos que nunca faliram".

Toda essa argumentação nada prova. Em primeiro lugar, não há deduzir que, por ser inocente, um Espírito esteja "próximo de Deus". Unicamente os puros Espíritos se acercam do foco divino, quando têm

atingido a perfeição sideral. Antes, porém, de lá chegarem, tiveram eles de passar pela infância espiritual, que é a primeira fase de seu desenvolvimento. Falo aqui do Espírito formado, tal como "O Livro dos Espíritos" e os Evangelhos de J. B. Roustaing no-lo apresentam, tendo acabado de evolver nos reinos inferiores e havendo recebido de Deus a consciência do ser, nesse momento em que, ignorante, mas inocente, entra na vida espiritual sob a direção de seus devotados guias. Os Espíritos, diz Roustaing, não ficam entregues a si mesmos senão depois que o livre-arbítrio há chegado ao seu pleno desenvolvimento. Só então é que em virtude desse livre-arbítrio, podem eles tornar-se anjos ou demônios, conforme perseverem ou se transviem.

Há, pois, uma distinção essencial a fazer-se entre o Espírito infante e o Espírito adulto. Enquanto se achar colocado diretamente sob a influência de seus guias, o Espírito se conservará inocente; mas, desde o momento em que a liberdade lhe é concedida de modo completo, ele pode falir, porque então toma conhecimento das regiões sombrias ou luminosas que lhe cumpre percorrer para desenvolvimento da sua inteligência. É qual uma criança cuidadosamente educada no seio da família. Conserva-se ao abrigo das insídias do mundo, até que a sua maioridade a força, por assim dizer, a entrar nesse mundo, cujas ciladas lhe ensinaram a evitar.

O Sr Vicent, porém, não pode admitir, e ele é o único, parece, que uns Espíritos resistam e outros sucumbam.

Abramos "O Livro dos Espíritos":

P. Desde o início da sua formação goza o Espírito das suas faculdades em toda a plenitude?

R. Não, pois que, para o Espírito, como para o homem, também há infância. Em sua origem, a vida do espírito é apenas instintiva. Ele mal tem consciência de si mesmo e de seus atos. A inteligência só pouco a pouco se desenvolve (189).

P. Qual o estado da alma na sua primeira encarnação?

R. O da infância na vida corporal. A inteligência então apenas desabrocha: a alma se ensaia para a vida. (190).

P. Onde passa o Espírito a primeira fase do seu desenvolvimento, a da sua infância?

R. Numa série de existências que precedem o período a que chamais de humanidade (607).

P. Uma vez no período de humanidade, conserva o Espírito traços do que era precedentemente; quer dizer: do estado em que se achava no período a que se poderia chamar pré-humano?

R. Conforme a distancia que medeia entre os dois períodos e

o progresso realizado. Durante algumas gerações pode ele conservar vestígios mais ou menos pronunciados do estado primitivo, porquanto nada se opera na natureza por brusca transição. Há sempre anéis que ligam as extremidades da cadeia do seres e dos acontecimentos. Aqueles vestígios, porém, se apagam com o desenvolvimento do livre-arbítrio. Os primeiros progressos só muito lentamente se efetuam, porque ainda não tem a secundá-los à vontade. Vão em progressão mais rápida, à medida que o Espírito adquire mais perfeita consciência de si mesmo (609).

P. Dos espíritos, uns teriam sido criados bons e outros maus?

R. Deus criou simples e ignorantes todos os Espíritos, isto é, destituídos de saber. A cada um deu uma missão, com o fim de esclarecê-los e de os fazer progressivamente chegar à perfeição, pelo conhecimento da verdade, para aproximá-los de si. Nesta perfeição, é que eles encontram a pura e eterna felicidade. Passando pelas provas que Deus lhes impõe é que os Espíritos adquirem aquele conhecimento. Uns aceitam submissos essas provas e chegam mais depressa à meta que lhes foi assinada. Outros só suportam murmurando e, pela falta em que desse modo incorrem, permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade (115).

P. Os Espíritos são criados iguais, quanto às faculdades intelectuais?

R. São criados iguais, porém, como não sabem donde vêm, preciso é que o livre-arbítrio siga o seu curso. Eles progridem mais ou menos rapidamente em inteligência, como em moralidade (127, 608).

P. Como pode o Espírito que, em sua origem, é simples, ignorante e carecido de experiência, escolher uma existência com conhecimento de causa e ser responsável por essa escolha?

R. Deus lhe supre a inexperiência, traçando-lhe o caminho que deve seguir, como fazeis com a criancinha. Deixa-o, porém, pouco a pouco, à medida que seu livre-arbítrio se desenvolve, senhor de proceder à escolha e só então é que muitas vezes, ele se transvia, TOMANDO O MAU CAMINHO, por desatender aos conselhos dos bons Espíritos. A isso é que se pode chamar a queda do homem (262).

P. Porque é que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros do mal?

R. Não têm eles o livre-arbítrio? Deus não os criou maus; criou-os simples e ignorantes, isto é, tendo tanta aptidão para o bem, quanta para o mal. Os que são maus, maus se tornaram por vontade própria (121).

P. Como podem os Espíritos em sua origem, quando ainda não tem consciência de si mesmos, gozar a liberdade de escolher entre

o bem e o mal? Há neles algum principio, qualquer tendência que os encaminhe para uma senda de preferência a outra?

R. O livre-arbítrio se desenvolve à medida que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Já não haveria liberdade, desde que a escolha fosse determinada por uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, esta fora dele, nas influências a que cede, em virtude da sua livre vontade. É o que se contém na grande figura emblemática da queda do homem e do PECADO ORIGINAL: uns cederam à tentação, outros resistiram (122).

P. Donde vêm as influencias que sobre ele se exercem?

R. Dos Espíritos imperfeitos, que procuram apoderar-se dele, dominá-lo, e que, rejubilam com o fazê-lo sucumbir. Foi isso o que se intentou simbolizar na figura de Satanás (122, 281).

P. Tal influencia só se exerce sobre o Espírito em sua origem?

R. Acompanha-o na sua vida de Espírito, até que haja conseguido tal império sobre si mesmo, que desistem de obsidiá-lo (122).

P. Pois que há Espíritos que desde o principio seguem o caminho do bem absoluto e outros o do mal absoluto, deve haver sem dúvida gradações entre esses dois extremos. Não?

R. Sim, certamente, e os que se acham nos graus intermédios constituem a maioria (124).

P. Chegado ao grau supremo da perfeição, os Espíritos que andaram pelo caminho do mal têm, aos olhos de Deus, menos mérito do que os outros?

R. Deus olha de igual maneira para os que se transviaram e para e a todos ama com o mesmo coração. Aqueles são chamados MAUS porque SUCUBIRAM. Antes não eram mais que simples Espíritos (126).

P. Porque está o mal na natureza das coisas? Não podia Deus ter criado a humanidade em melhores condições?

R. Já te dissemos: os Espíritos foram criados simples e ignorantes, Deus deixa que o Espírito escolha o caminho. Tanto pior para ele, se toma o caminho mau: mais longa será a sua peregrinação (634).

O Sir Vicente deve agora achar-se esclarecido. É o livro espírita por excelência que acaba de falar: a resposta não admite réplica. Quanta razão tinha Allan Kardec para dizer, como disse na "Revue" de Junho de 1866, que "Os Quatros Evangelhos", de J. B. Roustaing, por NENHUM PONTO, estavam em contradição com a doutrina ensinada em "O Livro dos Espíritos" e "O Livro dos Médiuns".

Acrescenta, no entanto, o meu distinto contraditor:

"Como teríamos podido falir, sobretudo antes de tomarmos um

corpo, antes de nos unirmos a matéria, principio e causa do mal?"

Mas que lhe disse que a vida de espírito consiste em não ter corpo? Que é o que ensina a esse respeito "O Livro dos Espíritos"? Vejamos:

P. Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?

R. Deus lhe impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm eles que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: NISSO É QUE ESTÁ A EXPIAÇÃO. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para excitá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento de harmonia com a matéria essencial desse mundo, afim de ai cumprir, daquele ponto de vista, as ordens s de Deus. E assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta (132).

P. Tem necessidade da encarnação os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem?

R. Todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer felizes a uns, sem fadigas e trabalhos conseguintemente, sem mérito (133, 561).

Assim, pois, todos os Espíritos encarnam. Mas, como acabamos, de ver, nas diferentes espécies de encarnações, como há diferentes espécies de mundos. As primeiras encarnações do Espírito, aquelas em que se lhe desenvolve o livre-arbítrio, se efetuam, diz "O Livro dos Espíritos" – numa série de existências que precedem o período a que chamais de humanidade (607) .

Há então encarnações espirituais, puramente fluídicas, em mundos fluídicos, onde o Espírito reveste um aparelho em harmonia com a matéria essencial desses mundos (132).

As primeiras encarnações, conseguintemente, não se verificaram em mundos inferiores, materiais, como se pudera supor, visto que estes não são habitados corporalmente pelos Espíritos, senão em virtude de uma falência, PORQUANTO NISSO É QUE ESTÁ A EXPIAÇÃO (132).

Se assim não fosse, como se haveria de compreender esta outra passagem, em que se lê (n. 607, 3ª resposta) que pode estar um Espírito, desde do seu inicio humano, apto a viver na Terra, enquanto que a mesma passagem acaba de dizer que a humanidade começa, em geral, em mundos ainda mais inferiores ? Esta contradição aparente cessa, do momento em que se admita que a encarnação, quando se dá em mundos materiais, decorre de uma falência.

Foi assim que o compreendeu um eminente escritor espírita, Apolo de Boltinn, em seu livro: Os dogmas da Igreja de Cristo segundo o Espiritismo. Nessa obra notável, publicada antes dos "Evangelhos" de Roustaing, se lê, com efeito, o seguinte, acerca do Paraíso perdido:

"O paraíso é a imagem do mundo ou do planeta em que os Espíritos iniciam suas existências corpóreas. O Espiritismo nos demonstra que os Espíritos são criados simples, sem conhecimentos e carentes de saber. No momento da sua criação, tem o Espírito, talqualmente o homem, a sua infância. As primeiras existenciais corpóreas são exclusivamente instintivas; ele mal tem o sentimento do conhecimento de si mesmo, que se desenvolve nele pouco a pouco, assim como a razão e o livre-arbítrio. Pode-se comparar o estado da alma, no momento da sua primeira encarnação, ao da infância na vida corporal. Apenas a razão se lhe acha desenvolvida. Ela, por assim dizer, ensaia a vida. É muito natural que seres inocentes, ainda baldos de conhecimentos, de saber, de experiências, tenham necessitado, indispensavelmente, dos cuidados do nosso onipotente Pai comum, que, para lhes tornar possível a vida, teve que os colocar nalgum planeta, ou em um mundo onde toda a natureza e todas as criaturas correspondessem à inocência deles, onde fosse temperado o clima e até a produzir todos os frutos, afim de que os primeiros homens pudessem receber tudo o de que não poderiam prescindir para sua subsistência, sem serem obrigados a qualquer trabalho penoso. Semelhante mundo, comparado ao nosso mundo terreno, é, efetivamente, um verdadeiro paraíso; mas, um paraíso terrestre e não celeste, porquanto neles apenas há inocência, ao passo que no paraíso celeste existe a perfeição.

"Não dizemos, positivamente, que Adão e Eva sejam mitos. É possível que, realmente, eles tenham vivido na Terra e, até, que hajam pertencido ao número dos seus primeiros habitantes, razão por que Moisés se serviu dos seus nomes numa narrativa figurada. Afirmamos, porém, que Moisés, sob o nome de Adão, colocou todos os Espíritos que começaram a primeira das suas numerosas existências corporais, realizando-a no sexo masculino e, sob o nome da Eva, todos os Espíritos que começaram no sexo feminino a sua primeira existência corpórea. A bem dizer, os Espíritos não têm sexo, porque os sexos dependem da organização: é uma propriedade da matéria. Mas, para chegar à perfeição, o Espírito tem que passar por todas as existências corpóreas.

"Assim, quando o primeiro Adão e a primeira Eva encarnaram no mundo a que Moisés chama o paraíso, empreendiam ambos a sua primeira existência corpórea. Quando, à medida que adquiriam expe-

riência e saber, a consciência do eu se desenvolvia neles, também a razão e o livre-arbítrio começaram a manifestar-se e, então, as ideias, os desejos que lhes foram nascendo e, à proporção que se desenvolviam, juntavam-se-lhe necessariamente a imaginação e as ilusões; a fraqueza de suas naturezas os arrastou e em suas almas um sentimento de orgulho ou de ciúme se manifestou, aos quais eles se entregaram, ou, melhor e mais verdadeiramente, eles se supuseram deuses. Mas, seja como for, infringiram o mandamento de Deus e se viram submetidos. A consequência inevitável dessa infração: a morte, isto é, morreram corporalmente no mesmo dia em que praticaram a desobediência, pois que se haviam tornado culposos e, culpados, não podiam permanecer em um mundo destinado a inocentes.

"Tal a explicação da queda e da expulsão do paraíso.

"Entretanto, pelo pecado que cometeram. Deus não os condenou a tormentos eternos, nem os privou dos meios de alcançarem a perfeição e, ao mesmo tempo, a felicidade eterna. Para resgatarem a falta cometida e para que ulteriormente se aperfeiçoassem, permitiu-lhes que experimentassem uma nova existência corpórea, fazendo-os encarnar em outro mundo, mas, no caso, muito inferior ao que fora o paraíso. Neste, era ameno o clima, eles não precisavam cobrir os seus corpos; naquele, ao contrario, o rigor do clima os obrigava a protegê-los com peles de animais contra as intempéries e contra o frio. No paraíso, a terra era fértil e produzia em abundância frutos de todos os gêneros, sem nenhuma espécie de cultura, e lhes fornecia tudo o de que necessitavam para alimentar-se. No mundo seguinte, a terra era árida, o homem tinha que trabalhar, que a cultivar com o suor de sua fronte, para conseguir a alimentação necessária. Lá, os animais eram mansos e obedeciam ao homem; aqui, eram carniceiros e o homem tinha que se proteger de seus ataques. Lá, de constante saúde gozava o homem; aqui, estava exposto a fadiga ao esgotamento, a enfermidades.

"Eis ai o mundo onde encarnou o segundo Adão, após a queda do primeiro Adão. Como o seu Espírito era o mesmo que animava o primeiro Adão, muito natural se há de reconhecer então que o segundo Adão haja nascido, nesse mundo, já onerado com o pecado do primeiro. Deste modo, o Espírito, passando por uma infinidade de existências corpóreas, nasce, de cada vez, para uma nova existência, carregado, senão do pecado do primeiro Adão, pecado de que ele pode ter-se expungido, pelo menos dos do segundo, do terceiro, do vigésimo Adão. Ai está a impureza de que o Espírito ainda não teve tempo de expurgar-se e a que se dá o nome de pecado inato, ou pecado original.

"Afinal, chega o Espírito ao ultimo Adão, o de que fala o apóstolo Paulo, isto é, a condição de Espírito vivificante. Esta condição, porém,

não é acessível ao Espírito, senão quando ele se haja fortificado em todas as virtudes, depois de se ter corrigido de todos os defeitos. Então, para seu ulterior aperfeiçoamento não se lhe faz preciso encarar num corpo grosseiro; continua a aperfeiçoar-se no estado de Espírito".

Não me é preciso realçar a beleza e o valor de tal comentário: ele por si mesmo se exalça. Aí temos o a que o estudo aprofundado de "O Livro dos Espíritos" conduziu o nosso eminente e saudoso Apolo de Boltinn, muitos anos antes do aparecimento dos "Evangelhos" de J. B. Roustaing.

Allan Kardec, em sua "Gênese"[36] dá, da queda e do paraíso perdido, uma explicação semelhante:

"O que constitui um beco sem saída para a teologia, diz ele, o Espiritismo o explica sem dificuldade e de maneira racional, pela anterioridade da alma e pela pluralidade das existências, lei sem a qual tudo são mistérios e anomalias na vida do homem.

"Com efeito, admitamos que Adão e Eva já tenham vivido e tudo se justifica: Deus não lhes fala como a crianças, mas a seres em estado de o compreenderem e que o compreendem, prova evidente de que já eles tem aquisições, anteriormente efetuadas. Admitamos, aos demais, que tenham vivido em um mundo mais adiantado e menos material do que o nosso onde o trabalho do Espírito suprisse o trabalho do corpo; que rebelando-se contra a lei de Deus, figurada pela desobediência, tenham sido banidos dali e exilados, por castigo, na Terra, onde o homem, em virtude da natureza do globo, se acha obrigado a um trabalho corporal, e reconhecemos que assistia a Deus razão para lhes dizer: No mundo onde, daqui por diante, ides viver, "cultivareis a terra e dela tirareis a alimentação com o suor da vossa fronte"; e, a mulher: "Tu parirás com dor", porque tal é a condição deste mundo.

"O paraíso terrenal, cujos vestígios tem sido inutilmente procurados neste planeta, era, pois a imagem do mundo ditoso onde vivera Adão, ou, melhor, a raça de Espíritos por ele personificada. A expulsão do paraíso assinala o momento em que esses Espíritos vieram encarnar entre os habitantes deste mundo e a mudança de situação daí decorrente. O anjo armado de uma espada flamejante, a defender a entrada do paraíso, simboliza a impossibilidade em que se encontram os Espíritos de mundos inferiores de penetrar nos mundos superiores, antes de o merecerem pela respectiva purificação".

36 "A Gênese", Cap. XII – Gênese Mosaica, item 23.

Agora, que devemos concluir? Devemos concluir que o Espírito, se não incorre em falência, continua sua ascensão por mundos harmônicos com a sua natureza, revestindo-se, pelo seu perispírito, da matéria essencial desses mundos, o que lhe permite percorrer o infinito, pertencendo, pela natureza da sua encarnação, ao globo onde ela se opera. Tal, em seu conjunto, a vida normal do Espírito, até que se torne Espírito puro.

"No estado de infância, diz Roustaing, os Espíritos são confiados a preceptores que, por meio de ensinamentos e exemplos, trabalham pelo desenvolvimento moral e intelectual de seus discípulos. (I,57)

Os grandes Espíritos, que lhes presidem a educação quando eles se encontram no estado de simplicidade de ignorância, de inocência, os encaminham para as esferas fluídicas, onde lhes cumpre estar durante o seu desenvolvimento moral e intelectual, até ao momento em que entram a fazer uso completo de suas faculdades e se tornam aptos a escolher o caminho por onde enveredem. (I,57)

"O Espírito percorre as fases da infância. Os guias protetores lhe ensinam o que é o livre-arbítrio que Deus lhe outorga; explicam-lhe o uso que pode fazer desse dom e o exortam a se manter em guarda contra os tropeços que pode encontrar. A primeira lição que recebe é a do reconhecimento e do amor que deve ao Ente Supremo. Depois, é levado, gradualmente, ao estudo dos fluidos que o cercam, das esferas que descortina. (I,57)

"É então que se revelam as tendências do Espírito. É então que os Espíritos trilham laboriosamente a estrada do progresso espiritual; é então que, dóceis aos seus guias, trabalham com ardor pelo seu desenvolvimento, crescendo em sabedoria, em pureza, em ciência e chegam, sem haverem falido, ao ponto em que a luz central se lhes mostra sem véu; ou, contrariamente, confiando nas suas próprias forças, desdenham dos avisos que lhes são dados, os desprezam e caem. (I,57)

"Os que, dóceis a seus guias, seguem, simples e gradualmente, a marcha que lhes é indicada para progredirem, esses realizam essa marcha gradativa em esferas fluídicas, cada vez mais elevadas, onde tudo está em relação com as inteligências que as habitam. Permanecendo dóceis a seus guias, eles se elevam assim, através das eternidades, depois de terem passado por todas as fases de existências e de provas necessárias a lá chegarem, até à perfeição. Nula então se há tornado a influência da matéria. Dizemos: da matéria, porquanto, para o Espírito, os fluidos do perispírito e os que ele assimila são matéria. (I,56)

"Para atingirem essa perfeição, os Espíritos, puros no estado de

infância e de instrução e conservando-se sempre puros na senda do progresso, também têm que, governados pelos Espíritos incumbidos de os desenvolver e guiar, percorrer, na medida e nas condições da elevação alcançada, todas as esferas, as terras primitivas, os mundos inferiores e superiores de todos os graus, sempre, porém, no estado de espírito, porquanto seus estudos eles os fazem no espaço, no grande livro do universo. (I,56)

"Grande, incessante e custoso é o trabalho sob esse envoltório que constitui o perispírito que, para o Espírito, é matéria e que, notai-o bem, ao mesmo tempo que lhe serve de instrumento e meio de progresso, também pode a todo instante ser-lhe instrumento e meio de queda; do mesmo modo que, para aquele que faliu, é instrumento de recaídas ou meio de progredir nas encarnações humanas. (I,59)

*

Voltemos ao "Livro dos Espíritos".

P. De onde tira o Espírito seu invólucro semi-material?

R. Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa (94).

P. A substância do perispírito é a mesma em todos os mundos?

R. Não; é mais ou menos etérea. Passando de um mundo a outro, o Espírito se reveste da matéria própria desse outro, operando-se, porém, essa mudança com a rapidez do relâmpago (187).

P. É invariável o numero das encarnações para todos os Espíritos?

R. Não; aquele que caminha depressa a muitas provas se forra. Todavia, as encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, porquanto o progresso é quase infinito (169).

P. A cada nova existência corporal, a alma passa de um mundo para outro, ou pode ter muitas no mesmo globo?

R. Pode reviver muitas vezes no mesmo globo, se não se adiantou bastante para passar a um mundo superior (173).

P. Os seres que habitam os diferentes mundos tem corpos semelhantes aos nossos?

R. É fora de dúvida que tem corpos, porque o Espírito precisa estar revestido de matéria, para atuar sobre a matéria. Esse envoltório, porém, é mais ou menos material, conforme o grau de pureza a que chegaram os Espíritos. É isso o que assinala a diferença entre os mundos que temos de percorrer (181, 732).

P. É nos possível conhecer exatamente o estado físico e moral dos diferentes mundos?

R. Nós, Espíritos, só podemos responder de acordo com o grau

de adiantamento em que vos achais. Quer dizer que não devemos revelar estas coisas a todos, porque nem todos estão em estado de compreendê-las e semelhante revelação os perturbaria (182) .

P. Nos mundos de mais depurada organização, tem os seres vivos necessidades de alimentar-se?

R. Tem, mais seus alimentos estão em relação com a natureza deles. Tais alimentos não seriam bastante substanciosos para os vossos estômagos grosseiros. Por isso mesmo, também eles não poderiam digerir os vossos (710).

P. O estado físico e moral dos seres vivos é perpetuamente o mesmo em cada mundo?

R. Não, os mundos também estão sujeitos a lei do progresso. Todos começaram como o vosso, por um estado inferior e a própria Terra sofrerá idêntica transformação. Tornar-se-á um PARAISO TERRESTRE, quando os homens se tornarem bons (185).

P. Indo de um mundo para outro, passa o Espírito por nova infância?

R. EM TODA PARTE A INFÂNCIA É UMA TRANSIÇÃO NECESSÁRIA; mas, não é, em toda parte, tão estúpida como no vosso mundo (183).

P. A alma reencarna logo depois de se haver separado do corpo?

R. Algumas vezes reencarna imediatamente; porém, de ordinário, só o faz depois de intervalos mais ou menos longos. Nos mundos superiores, a reencarnação é quase sempre imediata. Sendo aí menos grosseira a matéria corporal, o Espírito, quando encarnado nesses mundos, goza quase que de todas as faculdades do Espírito. sendo o seu estado normal o dos sonâmbulos lúcidos entre vós (223).

P. Que é a alma no intervalo das encarnações?

R. Espírito errante, que aspira a novo destino, que espera (224).

P. A erraticidade é, por si só, sinal de inferioridade dos Espíritos?

R. Não, porquanto há errantes, Espíritos de todos os graus (225).

P. Como se comunicam entre si os Espíritos?

R. Eles se veem e se compreendem. A palavra é material: é o reflexo do Espírito. O fluido universal estabelece entre eles constante comunicação. É o veículo da transmissão de seus pensamentos, como, para vós, o ar o é do som. É uma espécie de telégrafo universal que liga todos os mundos e permite que os Espíritos se correspondam de um mundo a outro (282).

P. O Espírito se recorda de todas as existências que precederam a que acaba de ter?

R. Todo o seu passado se lhe desdobra à vista, quais a um viajor os trechos do caminho que percorreu. Mas, não se recorda de modo absoluto, de todos os seus atos. Lembra-se destes conformemente a

influência que tiveram na criação do seu estado atual. Quanto as primeiras existências, as que se podem considerar como a infância do Espírito, essas se perdem no vago e desaparecem na noite do esquecimento (308).

P. O Espírito do homem tem, após a morte, consciência de suas existências anteriores ao período de humanidade?

R. Não, pois não é desse período que começa a sua vida de Espírito. Difícil é mesmo que se lembre das suas primeiras existências humanas, como difícil é que o homem se lembre dos primeiros tempos de sua infância e, ainda menos, do tempo que passou no seio materno. Essa a razão porque os Espíritos dizem que não sabem como começaram (608).

P. Poder-se-á dizer que são errantes todos os Espíritos que não estão encarnados?

R. Sim, com relação aos que tem de reencarnar. Não são errantes, porém, os Espíritos puros, os que chegaram a perfeição. Esses se encontram no seu estado definitivo (226).

P. O que fica sendo o Espírito depois da sua ultima encarnação?

R. Espírito bem-aventurado; puro Espírito (170).

P. Até que chegue ao estado de pureza perfeita tem o Espírito que passar constantemente por provas?

R. Sim, mas que não são como entendeis, pois que só considerais provas as tribulações materiais. Ora, havendo-se elevado a um certo grau, o Espírito, embora não seja ainda perfeito, já não tem que sofrer provas. Continua porém, sujeito a deveres nada penosos, cuja satisfação lhe auxilia o aperfeiçoamento, mesmo que consistam apenas em auxiliar os outros a se aperfeiçoarem (268).

P. Haverá mundo onde o Espírito, deixando de revestir corpos materiais, só tenha por envoltório o perispírito?

R. Há e mesmo esse envoltório se torna tão etéreo que para vós, é como se não existisse. Esse o estado dos puros Espíritos (186).

P. Os puros Espíritos habitam mundos especiais, ou se acham no espaço universal, sem estarem mais ligados a um mundo do que a outro?

R. Habitam certos mundos, mas não ficam adstritos a esses mundos, como os homens à Terra: podem, MELHOR DO QUE OS OUTROS, estar em toda parte (188, 562).

Mas, a linha de demarcação real entre os mundos inferiores e os mundos superiores?

Essa linha de demarcação se acha NA MANEIRA POR QUE SE OPERA A ENCARNAÇÃO.

A encarnação é de duas espécies: material ou fluídica. É material, quando se opera mediante o concurso dos sexos: é a encarnação propriamente dita, É fluídica, quando se dá por atração espiritual: toma então o nome de INCORPORAÇÃO.

Chegados a esse grau de transformação, os mundos se tornam aptos à encarnação fluídica dos Espíritos novos, em seguida ao período de infância espiritual, que se passa em mundos especiais. É nessa linha de demarcação que, nesses paraísos terrestres , se acha situada a árvore misteriosa e simbólica da Ciência do bem, e do mal, porquanto a fluídidade, que se opera gradualmente, quando da transformação, não se efetua, a princípio, sendo em certos pontos do globo, constituindo isso as duas vias oferecidas a escolha do Espírito, no momento em que ele é entregue a si mesmo. É nesse ponto de interseção da vida universal que começa a evolução do Espírito, evolução em que ele prossegue, segundo o bem ou segundo o mal, em virtude do seu livre-arbítrio.

*

"O Livro dos Espíritos" generaliza sob o nome genérico de encarnação, todas as vidas sucessivas. Sob essa denominação, porém, só se devem incluir as existências materiais, visto que, do contrario, a reencarnação, que ele apresenta como expiação (167, 116, 171), não se poderia aplicar, neste sentido, aos mundos superiores .

"As palavras pouco nos importam, diz o mesmo livro. Competevos a vós formular a vossa linguagem, de maneira a vos entenderdes. As vossas controvérsias provêm, quase sempre, de vos não entenderdes acerca dos termos que empregais, por ser incompleta a vossa linguagem para exprimir o que não vos ferem os sentidos. Chamai as coisas como quiserdes contanto que vos entendais (28, 153).

Diz Roustaing:

"Nos mundos superiores, fluídicos e suficientemente elevados a vontade constitui a base da lei de reprodução. A vontade é que a provoca, operando, sob a ação magnética a reunião dos fluídos adequados, no seio da família onde a aludida vontade se manifesta. (I,14)

"Em tal mundo, o Espírito surge por encarnação fluídica, ou, melhor: por incorporação. Ao chegar ao planeta, encontra ele os fluídos necessários a essa incorporação e, por si mesmo, a executa, com o auxílio daqueles fluídos, na família destinada a tutelá-lo. À vontade ou o desejo dos pais o chama e essa mesma vontade, conjugada a sua ação, os quais, associando-se-lhe ao perispírito e sendo por estes assimilados, compõem, conforme ao planeta, um corpo relativamente

semelhante ao vosso (I,14).

"Os laços que ligam os pais aos filhos são mais fortes do que entre vós e não são suscetíveis, como no vosso mundo, de se desfazerem ou afrouxarem, por isso que pais e filhos compreendem toda a extensão deles. (I,14)

"Nesses mundos elevados, não há macho e fêmea, no sentido que dais a estas expressões. Os instintos experimentam lá certas variações, mas nada têm de comum com os vossos sentidos materiais. (I,14)

"Essa diferença provém da que existe em a natureza e na propriedade dos fluídos, assim como no emprego que se lhes dá no estado de encarnação ou de incorporação . (I,14)

Desde que estejam sofrendo encarnação ou incorporação, os Espíritos não podem desligar-se do corpo que tomaram, senão pela morte que, só ela, os faz voltar ao estado de erraticidade, com o perispírito que traziam. apresentando este o grau de purificação que lhe haja resultado da última encarnação ou incorporação sofrida. Pelo que respeita ao corpo dos Espíritos superiores, a morte não passa de uma desagregação da matéria que envolve o Espírito. Considerada a sutileza dos sentidos de tais Espíritos, essa desagregação se aproxima muito da decomposição. Para eles, as matérias que compõem o corpo, ainda que não mais sujeitas à putrefação, visivelmente se dissolvem. Cada um dos princípios constitutivos do corpo fluídico se separa completamente e volta ao meio donde saíra e que de novo o atrai . (I,66)

"Sob a influência atrativa dos fluídos em geral, os do perispírito variam incessantemente acompanhando a marcha progressiva do Espírito cujo envoltório formam, até que o mesmo Espírito tenha atingido a perfeição e isso se dá quer se trate de um que permaneceu sempre puro, quer de um que haja falido. De acordo com a natureza de suas tendências e com o grau de seu progresso, o Espírito assimila constantemente os fluídos que mais em relação estejam com a sua inteligência e com as suas necessidades espirituais. (I,56)

"Quanto mais inferior é o Espírito, tanto mais opacos e pesados são os fluídos perispiríticos. Da maior ou menor elevação do Espírito depende a maior ou menor quantidade de fluídos puros na composição do seu perispírito. (I,56)

"Assim os corpos fluídicos constituídos pelos perispíritos revelam maior ou menor fluídidade, são mais ou menos densos, conforme a elevação do Espírito encerrado nessa matéria, porquanto, para o Espírito, é matéria. (I,56)

"Nesses mundos elevados, o amor, palavra que profanais, existe com grande desenvolvimento, mas sempre em condições de pureza. (I,14)

"A natureza desses corpos fluídicos, nos planetas elevados, não vós será mais compreensível do que a do perispírito, enquanto não estiverdes em estado de conhecer a natureza dos fluídos que os compõem, enquanto a vossa inteligência não se houver desenvolvido bastante para sondar as profundezas do éter que vós cerca. (I,60)

"Se quiserdes, para imaginardes o que possam ser os corpos fluídicos nos planetas elevados, em comparação com a matéria que, sob as vossas vistas, muda de natureza, se bem sejam falhas todas as comparações entre coisas do vosso mundo e as dos mundos elevados, compararemos o corpo humano, na Terra, a água que vedes compacta, e o corpo igualmente humano, de alguns outros planetas, ao vapor. Como no primeiro caso, neste também o que temos diante dos olhos é água, mas num estado que lhe permite elevar-se ao ar, confundir-se com a nuvem, em lugar de conservar-se pesada sobre um suporte qualquer. (I,60)

"Nas encarnações que se sucedem as vossas, o corpo perde pouco a pouco a densidade e se torna cada vez mais aeriforme. Deixa de ter os pés chumbados ao solo e se mantém em equilíbrio, qualquer que seja a sua posição. Cerca as regiões que esses diversos planetas ocupam uma atmosfera adequada às necessidades da natureza; o ar dessas regiões tem um peso superior as dos corpos dos mortais que as habitam. (I,60)

"As necessidades e exigências da vida e da nutrição materiais, a que estão sujeitos os corpos humanos, desaparecem quando o Espírito, purificado, tendo atingido certo grau de elevação moral e intelectual, passa, livre de todo contacto com a carne, a encarnar ou, melhor, a incorporar fluidicamente nos mundos superiores. Então as necessidades e os meios de vida e de nutrição se tornam acordes com o meio em que o Espírito se encontra, revestido de um corpo de natureza perispirítica. Este corpo, bem como o perispírito, cuja natureza ele participa, haure os elementos de vida e de nutrição nos fluídos ambientes que lhe são próprios e necessários, assimilando-os. Tais fluídos bastam à sustentação dos princípios constitutivos, do dito corpo. Essa assimilação dos fluídos ambientes, para o efeito da nutrição e da conservação da vida, se efetua em virtude das leis a que esses fluídos se acham submetidos, leis que ainda não podeis conhecer, nem compreender. (I,64)

"O Espírito quer na erraticidade, quer revestindo um corpo de natureza perispirítica, não tem necessidade, nem possibilidade, como vós, de beber e de comer. Também ele, então, absorve, como meio de nutrição, para entreter o funcionamento da vida, os fluídos ambientes necessários a sustentação dos princípios constitutivos do perispírito, se se trata de um Espírito errante, e se se trata de um Espírito incorporado

fluidicamente, à sustentação dos princípios constitutivos do perispírito e do corpo fluídico, de natureza semelhante à desse perispírito que o assimilou, composto unicamente de fluídos e livre do apodrecimento, o que não se dá com os vossos corpos materiais. (I,64)

"Somente o puro Espírito, não mais sujeito a nenhuma encarnação em nenhum planeta, seja este qual for, por já haver alcançado a perfeição sideral, dispõe de todos os fluídos, como possuidor que é de uma ciência completa: goza de inteira liberdade e independência e tem a consciência exata da sua origem, qualquer que seja o perispírito ou corpo fluídico de que se revista e assimile às regiões que percorra. Esse corpo fluídico, assimilado ao planeta ele o toma, deixa e retorna, mantendo-lhe os princípios constitutivos sempre prontos a se separarem ou reunirem, a sua vontade, nas condições e segundo as necessidades da missão superior que desempenhe. (I,14)

"Apropriando as leis naturais e imutáveis que regem a formação dos corpos fluídicos nos mundos superiores, aos fluídos ambientes que servem para a formação dos seres no vosso planeta, foi que Jesus formou o seu corpo aparentemente humano e o tornou apto a uma longa tangibilidade. Puro Espírito, não sujeito a encarnação ou incorporação alguma em nenhum planeta, Jesus formara voluntariamente aquele perispírito tangível, com o qual tinha o poder de se libertar. As matérias que o compunham, sutilíssimas de si mesmas para olhos humanos, podiam desaparecer, desagregando-se, e reagregar-se à vontade do Mestre. (I,31)

"O conhecimento que Ele tinha, e que só os Espíritos puros possuem completos, da natureza dos fluídos empregados na formação desses perispíritos tangíveis, das propriedades ativas de tais fluídos para essa formação, sob a ação das leis naturais e imutáveis de atração magnética, dos efeitos desta atração, esse conhecimento vasto e a sua potencia espiritual, cuja extensão as vossas inteligências limitadas são incapazes de compreender, é que lhe facultavam fazer que da vista dos homens desaparecesse aquele perispírito tangível, de se separar dele, dissociando-lhe os princípios constitutivos, mas conservando-os, pelo poder da sua vontade, constantemente prontos a se reunirem de novo, assim como a se separarem, senhor de se libertar dele, de o deixar e retomar, de abandonar definitivamente, ao termo da sua missão terrena, no momento da sua chamada ascensão. (I,66)

"Ainda não vos é possível compreender a natureza desses fluídos; mas, a inteligência foi dada ao homem para que ele a exercite. O horizonte se distende a seus olhos para o incitar. Os estudos de um servirão a outro e mais tarde servirão mesmo ao primeiro. Armado por amor à ciência, do desejo de progredir, sustentado pelos bons Espíri-

tos – porquanto Deus quer que vos ajudemos, mas que trabalheis – o homem chegará um dia ao fastígio dos conhecimentos relativos à sua matéria. Então, essa matéria que o envolve se modificará por sua vez, a fim de se prestar às novas necessidades humanas e ele, de estudo em estudo, de progresso em progresso, atingirá as venturosas mansões onde se encontrará na posse de toda a ciência referente ao vosso planeta e ao turbilhão que o vosso sol ilumina". (I,60)

Este resumo de "Os Quatros Evangelhos", de J. B. Roustaing, concernente à evolução e ascensão do Espírito, está de inteiro acordo, como se acaba de ver, com "O Livro dos Espíritos" e apresenta isto de particular e de verdadeiramente notável: concorda também com as tradições religiosas universais, ou com as modernas previsões científicas. Esplêndidas revelações ai se deparam e os Espíritos que as fizeram podem passar, com justa razão, por Espíritos superiores, dado que até hoje a humanidade jamais ouviu idêntica linguagem.

Não são, pois, "alguns Espíritos que têm essa maneira de ver", como diz o Sr. Vincent: é a maioria deles. As inspiradas obras de P. Vintras, L. Michel, Allan Kardec, J. B. Roustaing, Apolo de Boltinn, A. Bellemare e o livro das Vidas Misteriosas, se bem que com variantes inevitáveis, formam imponente conjunto a mostrar-nos, até a evidência, que a encarnação humana nos mundos inferiores é um decaimento.

*

Quanto à aparição perispirítica do Cristo na Terra, é uma consequência do grau de evolução por ele alcançado. Todos os Espíritos puros, quer tenham falido, quer não, uma vez chegados a essa categoria suprema, jamais revestem a encarnação material.

Tendo alcançado, diz "O Livro dos Espíritos" (113), a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, eles (os Espíritos) não mais tem que sofrer provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos a reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus, de quem são diretamente os ministros (652).

É esta uma verdade que se impõe. Mas, já não estamos no tempo em que se decretava a fé. Sendo discutível qualquer verdade, a ortodoxia, com referencia a esta questão, somente pelo estudo e pelo livre exame se poderá estabelecer.

Diz Roustaing :

"As verdades espiriticamente reveladas, serão ALVO das contradições, como sucede com todas as verdades que surgem entre os homens. Mas, das contradições, como sempre acontece no seio da humanidade, é que virá, com o progresso dos tempos e das inteligências, pela ação contínua do vosso desenvolvimento físico, moral e intelec-

tual, o triunfo para aquelas verdades. Auxiliando-vos nessa empresa, tereis a ação, ora oculta, ora patente, dos Espíritos purificados que, sob a direção do Mestre, trabalham pelo vosso progresso, mediante inspirações e comunicações mediúnicas, e tereis também os Espíritos que virão encarnar com a missão de defender essas verdades e de vos levar a reconhecê-las como tais. Eles vos levarão a reconhecê-las, pela liberdade de consciência, liberdade do Senhor, que vem a ser: liberdade de consciência, liberdade de razão, liberdade de exame. Efetivamente, a liberdade do Senhor implica, para vós, o uso livre da razão, a apreciação dos fatos e das coisas, aplicação da ciência, a marcha progressiva em todos os assuntos, mais tudo isso com inteira simplicidade de coração, com humildade de espírito, de desinteresse e desejo de progredir, tendo por guias únicos o amor de Deus acima de tudo e o amor ao próximo mais do que a si mesmo, na ordem material, moral e intelectual". (III, 229)

Graças à sabedoria destes conselhos é que o Espiritismo será sempre a religião do livre exame e que cada um poderá encaminhar-se pela senda que convenha à natureza de suas tendências. Mas, um escolho se apresenta e foi para o assinalar, muito mais do que para fazer obra de controvérsia, que me decidi a publicar o livro: Queda Original.

Diz o Sr. Vincent:

"Não temos que procurar saber como é que o mal existe, sobretudo se não queremos ou não ousamos tocar na onipotência de Deus. Não temos senão que comprovar a realidade destas duas forças, o bem e o mal, e, pois que, com efeito, temos o nosso livre-arbítrio, proceder de modo a nos aproximarmos de uma delas e a evitarmos a outra. Poder reconhecer-lhes a existência já é alguma coisa, porque prova que nos é possível estabelecer uma comparação.

Essa comparação poderíamos fazê-la no momento em que, segundo o sistema que estou examinando, saiamos, no estado de Espírito puro, das mãos dos guias incumbidos por Deus de dirigir a nossa educação primária? Não o creio. Para que pudéssemos achar uma diferença entre o bem e o mal, fora preciso descêssemos até às regiões onde o mal existe. Como, porém, poderíamos ter a ideia de descer, até lá, se somente o bem nos ensinaram?"

Respondi a este último parágrafo com "O Livro dos Espíritos" que, melhor do que qualquer outro, se acha qualificado para fazê-lo. Apenas, pois, com o primeiro parágrafo me ocuparei. João Reynaud, na sua bela obra: Terra e Céu, figura o diálogo seguinte:

"O TEÓLOGO. – Não vós preocupeis com as coisas que de vós não dependem e contentai-vos com aquelas sobre as quais Deus vos concede absoluto domínio. – Um homem caiu num poço; aos seus gritos, acorre o seu vizinho: - Como foi, diz-lhe este, que caíste? – Não procures saber, diz o paciente, como foi que caí; cuida, antes de saber como poderás ajudar-me a sair daqui.

"O FILOSOFO – Se o vosso paciente mesmo ignora de que maneira caiu, está em erro o vosso paciente: não se trata apenas, para ele, de tirar-se da momentânea dificuldade e sim de achar o meio de não tornar a cair. A isso é que a experiência do passado lhe serviria perfeitamente. Há, porém, ainda mais, pois que, em realidade, o vizinho poderia responder-lhe, com todo o fundamento: É justamente estudando como foi que caíste que poderás aprender como sair".

O bem e o mal, a que o Sr. Vincent chama duas forças, nos solicitam igualmente e, com efeito, o nosso livre-arbítrio nos permite, reconhecendo-lhes a existência, estabelecer uma comparação. Mas, será isto bastante? Para nos aproximarmos de uma e evitar a outra, preciso é saibamos a qual daquelas duas forças devemos resistir. Ora, para isso, precisamos saber donde vêm elas. E, tal seja a nossa apreciação, ou as confundiremos, ou, antes, tomaremos uma pela outra e, então, conforme o caso, o bem poderá tornar-se o mal e o mal tornar-se o bem.

Temos a nossa consciência, direis. Exatamente. Mas, para que esse facho maravilhoso nos sirva com eficácia, cumpre que esclarecesse a origem mesma das duas forças. Se o mal, que está em nós, de nós não vem, vãs são as nossas lutas e a força oposta, isto é, o bem, não passa de uma tirania. A voz das nossas paixões e o brado da nossa consciência travam em nossa lama um combate perpétuo, em que vencedor e vencido erguerão alternativamente a cabeça .

O Espiritismo surgiu no momento preciso em que o mundo, sacudido de um pólo a outro, se agita no vago e na indecisão. Morre o velho dogma, deixando após si o vácuo. Disso se aproveita o materialismo para por toda parte desfraldar o seu estandarte negro. Cabe ao Espiritismo vivificar o novo mundo.

Supondes, porém, que bastam as suas manifestações puramente ostensivas? Em vão direis: "As nossas especulações, tendo por base a sobrevivência da alma e a possibilidade dela se comunicar com os encarnados, se enriquecem com todas as hipóteses que os Espíritos nossos guias nos permitem estabelecer". Não lograreis com isso consolidar a moral que desmorona.

Não, tem outra missão o Espiritismo. Confundir o materialismo é bom; melhor, no entanto, é vivificar a fé. Compete-nos estabelecer "a

harmonia das crenças", porquanto, de há muito, digam o que disseram, entrou Deus a "fazer-nos conhecer o objetivo de suas criações". Todos os povos têm suas revelações progressivas, de acordo com os tempos e os lugares. O Espiritismo chega na hora exata e "O Livro dos Espíritos" será, não o duvideis, o farol do futuro. Tal o motivo por que esta revelação, "que hoje se nos apresenta", não é, "de há muito, conhecida dos homens". Aos Espíritos estava reservado promulgá-la .

*

Mas, do fato de haver Deus incumbido os Espíritos de nos instruírem, seguir-se-á devamos dar ouvidos a todas as comunicações de além-terra, que tenham por fim "o conhecimento de Deus, dos mundos e do homem que, segundo o Sr. Vincent, é a tríplice meta a ser atingida"? Ninguém o dirá.

"Sabe-se, diz Allan Kardec[37], que os Espíritos, em virtude da diferença entre as suas capacidades, longe se acham de estar, individualmente considerados, na posse de toda a verdade; que nem a todos é dado penetrar certos mistérios; que o saber de cada um deles é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares mais não sabem do que os homens nem menos do que certos homens; que entre eles, como entre estes há presunçosos e pseudo-sabios, que julgam saber o que ignoram; sistemáticos que tomam por verdades as suas ideias; enfim, que só os Espíritos da categoria mais elevada, os que já estão completamente desmaterializados se encontram despidos das ideias e preconceitos terrenos; mas,também é sabido que os enganadores não escrupulizam em tomar nomes que lhes não pertencem, para impingirem suas utopias, etc., etc".

Depois de haver assinalado o perigo, Allan Kardec indica o remédio[38]:

"Sem embargo da parte que toca a atividade humana na elaboração da doutrina, a iniciativa dessa elaboração pertence aos Espíritos, porém não resulta da opinião pessoal de qualquer deles. Não é e não pode ser senão a resultante do ensino coletivo e concorde que eles ministrem. Somente sob essa condição pode ela dizer-se a doutrina dos Espíritos; de outro modo, seria apenas a doutrina de um Espírito e só teria o valor de uma opinião pessoal.

"Se "O Livro dos Espíritos" teve de pronto consolidado o seu crédito foi exclusivamente por ser ele a expressão de um pensamento

37 "A Gênese", Introdução.
38 Idem, ibidem.

coletivo geral. Os princípios fundamentais, cujas bases ele assentou foram sendo sucessivamente completados e desenvolvidos pelos ensinos progressivos dos Espíritos, sem que nenhum a experiência o haja desmentido. Todos, sem exceção, permaneceram de pé, mais vivazes do que nunca, o passo que nenhuma prevaleceu de quantas ideias contraditórias tentaram opor-lhes, porque, em todos os pontos, era ensinado o contrário".

"O Livro dos Espíritos" é, pois segundo Allan Kardec, o critério da verdade e eu sou absolutamente da sua opinião. Mas, por isso mesmo é que admiro os "Evangelhos" de Roustaing: é que eles me ajudaram a apreender o sentido desse Livro precioso e são a ÚNICA obra em COMPLETO acordo com ele.

Entretanto, os detratores do Espiritismo não se descuidaram de armar-se, contra "O Livro dos Espíritos", de alguns princípios aparentemente contraditórios contidos nele. Pretenderam que ali se ensina, ora que os Espíritos podem decair, ora que não podem retrogradar.

Os que assim falam não refletiram em que ali é dito que os Espíritos, à medida que avançam compreendem o que os distanciava da perfeição (118). Ora, se eles se conservam estacionários, sem se aperceberem da voz de suas consciências, é claro que não avançam e desse modo é que podem prolongar os sofrimentos da expiação (987). Em todos os casos e qualquer que seja a posição que ocupe nos mundos inferiores, para onde pode ser mandado por punição (174, 178, 273), ao Espírito não é possível retrogradar para o estado primitivo (778), pois que o rio não remonta às suas cabeceiras (612). Ele não pode, diz Allan Kardec, tornar-se nem mais estúpido, nem mais ignorante .

Eis ai em que consiste a não retrogradação do ser. Erradamente, pois, confundiram duas ordens de ideias: o decaimento moral e a retrogradação física, dos quais o primeiro se dá por ocasião da primitiva queda, tornando necessária a encarnação nos mundos inferiores, ao passo que a segunda é impossível ao Espírito efetuá-la, por contraria à lei de ascensão.

Aliás, este ponto delicado da doutrina é administrativamente elucidado em "Os Quatros Evangelhos", onde aos demais, nenhum ponto se encontra em que não haja PERFEITA IDENTIDADE de princípios com "O Livro dos Espíritos". Desafio quem quer que seja a provar o contrário .

*

Será necessário, ainda agora, refutar as objeções que, desde certo tempo, tentam alguns opor ao que chamam "o sistema de Roustaing"?

Penso que não. Nada mais se faz mister do que recomendar aos seus contraditores "O Livro dos Espíritos". Entretanto, assinalarei, para concluir, um artigo que apareceu na Revista Espírita de novembro de 1884 com a assinatura de Cephaz. Se o tomo de preferência a qualquer outro, é porque ele me faculta ensejo de afirmar, ainda uma vez, a verdade, nas mais delicados pontos e, depois, porque os autores dos outros artigos quase todos não declarados nunca terem lido o "Roustaing" integralmente, do que de certo não lhes podem resultar louvores.

É de lógica elementar, diz Allan Kardec, em: "Que é Espiritismo"[39], que o critico tem que conhecer, não superficialmente, mas a fundo, aquilo de que fale, sem que o que a sua opinião carecerá de valor.

Falando do sofrimento nos animais, embora eles não tenham consciência da causa que os produz, nem dos efeitos que determinarão, pergunta Cephaz porque é que Deus, todo justiça, impõe à sua criatura, que não pediu para nascer, um sofrimento que ela não mereceu, pois que, carecendo de consciência e de livre-arbítrio, não há podido ainda falir.

Se lhe responde que o sofrimento é um dos fatores do progresso, ele não o pode admitir, porque, diz, Deus não é cruel para agir desse modo e possui sabedoria e poder bastantes para encontrar outro meio, que não o sofrimento, mesmo físico a fim de realizar o progresso de suas criaturas. Donde se concluí que, se os animais sofrem, é que o merecem.

A essa objeção se pode responder, como já eu o disse alhures, que o objetivo do "sofrimento" nos animais é fazer deles Espíritos, dado que a vida espiritual é o termo de todo sofrimento.

"A emanação divina, diz uma das ortodoxas comunicações contidas no livro As Vidas Misteriosas forma, semelhante em tudo, os germens ou mônadas de Espíritos. Nenhum deles difere dos outros, sem o que haveria privilegio, preferência, donde: injustiça. Uma vez envolvidos na matéria inerte, esses germens ai permanecem em estado latente: a pedra vice, cresce; o ser vivo, que por ela passou, se apropria, sem o querer nem saber, dos fluídos mediante os quais terá de manifestar, mais tarde, sua própria vida e de aumentá-la com todas as combinações que a natureza lhe oferece por seus moldes infinitos.

"A planta, o animal lhe dão seus fluídos mais flexíveis e mais ricos. Numa, aprende ele a sensação; no outro, a locomoção; chegam-

39 Cap. "O Crítico".

-lhe os instintos precursores das faculdades morais; a ternura, a afeição, a previdência, o trabalho entram a formar no ser instintivo um embrião de superioridade; quanto mais avança, quanto mais caminha por essa senda, tanto mais ele se cerca de elementos novos, que lhe constituirão uma bagagem intelectual e moral.

"Em chegando o momento da eclosão da sua faculdade soberana, a consciência, estará terminada a incubação. O Espírito, durante a sua permanência de muitos séculos nos moldes inferiores, assimilou deles fluídos: somente a esse preço há podido constituir-se um ser individual, sensitivo, instintivo, inteligente e moral.

"Quando o Espírito chega a tomar lugar entre os seres conscientes, ele se acha nu, quer dizer: é ignorante. Nenhuma ideia faz nem do bem, nem do mal, do justo, nem do injusto: é uma página em branco. Destina-se, no entanto, à perfeição, à visão, ao conhecimento de Deus. É necessário, pois, instruí-lo. Os guias, com relação a esses novos Espíritos, desempenham o papel de pais, de tutores, de professores.

"Se o vosso filho, meus amigos, vosso aluno, vosso pupilo segue fielmente às vossas lições, escuta as vossas advertências, é fora de dúvida que atravessará sem fraquejar as fases difíceis da educação; do contrário, incorre em culpa, torna-se ingrato, cai de falta em falta. Nesse caso, afastais de vós ao desobediente e o confiais a mãos severas que terão ao mesmo tempo de lhe corrigir as faltas. Será preciso reergue-lhe o espírito por meio do sofrimento que decorre do mal praticado e por meio da experiência que daí resultará.

"Pois bem, o Espírito confiado aos guias espirituais também pode atendê-los ou não. Se se revolta, repreendem-no, infligem-lhe leves penas, que lhe não entravam o destino espiritual. Se ele, porém, reincide, se agrava a sua falta, torna indispensável o castigo, o exílio, a expiação por meio de maior ou menor numero de existências na matéria".

Esta comunicação, uma das melhores das Vidas Misteriosas, concorda em todos os pontos com Roustaing, e, por conseguinte, com "O Livro dos Espíritos". Ela não admite o sofrimento, senão como meio de reerguimento do Espírito consciente que faliu, o que deixa supor que o animal é inconsciente do trabalho que nele se opera. Seu sofrimento, ao demais é ilusório: o animal é a criança amimada da natureza. Somente sofre quando o homem, seu tirano, lhe impõe privações pelas quais responderá e que mostram quanto sua alma ainda se conserva muitas vezes fechada ao amor e à caridade.

Em Luiz de Tourreil, se pode ler uma admirável exposição acerca do sofrimento no animal, sofrimento que ele não nega, longe disso,

mas que apresenta de um ponto de vista aonde se verifica que Deus proporcionou todas as coisas segundo a lei geral de solidariedade e de amor.

"Resta, diz ele, a questão da dor que sofrem os seres condicionados a tornar-se presas dos carnívoros. Ora, nem todos os seres são dotados do mesmo grau de sensibilidade. A sensação se vai degradando neles à medida que menos elevados se encontram na escala dos seres. Demais, desde que o ser fraco deixa de ter possibilidade de escapar ao ser forte, uma espécie de paralisia o toma, que o torna insensível e o isenta da dor. Muitas vezes, também, o ser que é absorvido, quando o é, se encontra magnetizado. Em suma, de um mal extremamente mínimo, resulta um bem infinitamente grande".

Razão pois, tem os "Evangelhos" de Roustaing, quando dizem que no animal apenas há sensação de sofrimento. Quanto ao "Livro dos Espíritos" disso nem sequer fala. Diz ainda Cephaz:

"O elemento espiritual, em suas peregrinações pelos reinos mineral, vegetal e animal, encontra baixas afinidades, instintos materiais de que Deus, ou os Espíritos seus ministros terão que o despojar no momento em que ele passe ao estado de individualidade espiritual consciente e livre. Porque, acrescenta, deixá-lo tomar tendências nocivas ao seu progresso, das quais nem sempre será fácil libertá-lo e que mais tarde poderão tornar-se para o Espírito motivo de queda?"

Que é que prova que será difícil aos Espíritos e a Deus livrar dessas baixas afinidades o ser em ascensão? Como se acaba de ver, o Espírito novo é uma pagina em branco. Não levais então em conta a ascensão do ser e sabeis porventura em que mundo acaba essa evolução anímica? Não diz o "Livro dos Espíritos" (601, 604) que os animais estão sujeitos, como o homem, a uma lei progressiva e que nos mundos superiores eles são servidores inteligentes do homem? Que terá sido feito, nesses mundos, daquelas baixas afinidades e daquelas tendências nocivas (611)? Pois bem, mesmo então, antes de serem elevados à categoria de Espíritos, eles são conduzidos, diz Roustaing a regiões especiais onde a influência da matéria tem que se anular durante o período de estagnação (I,57). Dar-se-á recusais a onipotência ao químico divino?

A queda do Espírito não tem, portanto, sua causa nele, ela lhe é exterior, está nas influências a que ele cede, em virtude da sua vontade livre (Livro dos Espíritos, 122). A queda se dá por ato da pró-

pria vontade dos Espíritos, sem que eles sejam arrastados a cair pela sua natureza; a simpatia que experimentam por Espíritos inferiores e que os domina resulta da disposição própria de cada um. (Roustaing, I,56).

Cephaz diz também:

"Doutro lado, se os fluidos se atraem segundo suas semelhanças, como pode o Espírito, que, na sua origem é formado da quintessência dos fluidos, unir-se à matéria constituída, ao contrario, dos fluidos mais grosseiros? E a própria matéria, como se teria formado? Sob influência de que causas o fluido universal se transformou, em parte, nessa substância grosseira accessível aos nossos sentidos?"

Roustaing responde:

"A vida universal está assim, por toda a natureza, em germens eternos, graças a essa quintessência dos fluidos, que somente a vontade de Deus anima, conformemente às necessidades da harmonia universal.

"Ao serem formados os mundos primitivos, na sua composição entram todos os princípios, de ordem espiritual, material e fluídica, constitutivos dos diversos reinos, que os séculos terão de elaborar.

"O principio inteligente se desenvolve ao mesmo tempo que a matéria e com ela progride, passando da inércia à vida. Deus preside ao começo de todas as coisas, acompanha paternalmente as fases de cada progresso e atrai a si tudo o que haja atingido a perfeição" (I,56).

"O Livro dos Espíritos":

"Há dois elementos gerais no universo; a matéria e o espírito e, acima de tudo, Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, Espírito e matéria constituem o principio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas, ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o Espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseiras para que o Espírito possa exercer ação sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, seja lícito classificá-lo com o elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o Espírito não o fosse. Ele esta colocado entre o Espírito e a matéria; é fluido como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do Espírito, de produzir a infinita variedade das coisas, de que apenas conheceis uma parte mínima. Esse fluido universal, ou

primitivo, ou elementar, sendo o agente de que o Espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpetuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a gravidade lhe dá. A ponderabilidade é um atributo essencial da matéria, como a entendeis; não, porém, da matéria considerada como fluido universal. A matéria etérea e sutil, que constitui esse fluido, vós é imponderável. Nem por isso, entretanto, deixa de ser o principio da vossa matéria pesada. (27 e 29).

Havendo respondido às primeiras objeções de Cephaz, acrescentarei apenas uma palavra, com referencia ao sistema, que ele põe em paralelismo com os "Evangelhos Explicados" e com "O Livro dos Espíritos". Perguntar-lhe-ei se imagina que Deus possa contradizer-se numa revelação tão importante quanto a que se produziu em pleno século XIX, e se mandaria agora dizer o contrário do que ensinaram os Espíritos superiores, incumbidos de redigir os livros fundamentais do Espiritismo! Qualquer que seja a sua resposta, ela lhe dá a medida do valor do seu sistema .

*

Vejamos para concluir, o que ele objeta no tocante a augusta personalidade do Cristo.

"Pois que Deus, diz ele, terminando, não poderia impor o menor sofrimento a suas criaturas, sem que o tenham merecido, deve-se concluir que Jesus (que pelo menos sofreu moralmente, segundo Roustaing) é, como todos nós, um Espírito falido, com a diferença de que pagava a sua dívida havia muito tempo e se tornou digno, por suas expiações, das quais a sua existência terrena foi uma das últimas e menos penosas, de nos trazer os ensinamentos de nosso Pai celestial, constituindo-se seu médium".

Parece-me haver aqui confusão de termos. Em primeiro lugar, Jesus sofreu por expiação ou por devotamento? Ai reside à questão.

Se abro o Evangelho, para logo verifico que a primeira hipótese deve ser posta de parte. Nada, nos atos, nem nas predicas de Cristo, nos autoriza a fazer tal suposição e de outra prova não necessito, além destas sós palavras que ele dirigiu aos Judeus: Quem de vós me convencerá de pecado? (Jo. 8:46)

Ora, se Jesus houvera sido alguma vez culpado, supondes que, reportando-se ao seu passado, ele que tão bem lia no coração dos outros, teria ousado insultar assim a fraqueza humana?

Não, o Cristo jamais faliu: "Se guardardes os meus mandamentos, dizia a seus discípulos, permanecereis no meu amor; do mesmo

modo que eu, por ter guardado os mandamentos de meu Pai, permaneço no seu amor" (Jo. 15:10).

Todavia, nem por nunca haver falido sofreu menos o Cristo, porquanto era preciso que sofresse e entrasse assim na sua glória. (Lc.24:26). É do Gólgota, com efeito, que data o advento dessa realeza celeste que Deus lhe reservara desde antes que o mundo fosse (Jo. 17:5). E desde então a humanidade inteira é chamada a caminhar para Ele, pois que disse: "Quando eu estiver lá no Alto atrairei tudo a mim" (Jo. 12:32).

O sacrifício do Cristo foi, depois, um sacrifício de amor. Ora, quem diz amor diz sofrimento, O amor tem isto de sublime, são voluntários os sofrimentos que ele impõe. Coisa alguma é custosa a um coração que ama: as penas, os sacrifícios, as privações, as humilhações, numa palavra, tudo o que constitui o mais absoluto devotamento deriva do amor de que ele transborda.

E vede como o Cristo realizou no mais alto grau essa sublimidade! Ele, o Espírito protetor da terra, o médium de Deus, encarregado de nos trazer a palavra de vida, nasce num estábulo e escolhe uma profissão humilde, a fim de consolar os que sofrem e de lhes exalçar aos próprios olhos esse estado de rebaixamento que os faz pequenos neste mundo. Mais tarde, expõe-se de perseguições para defender perante os poderosos da época os pobres oprimidos. As mulheres, as crianças são objeto de suas preferências. Cura, consola. A todos promete a REINO DOS CÉUS, cujas chaves têm consigo, pois que ele é o caminho, a verdade, a vida (Jo. 14:6).

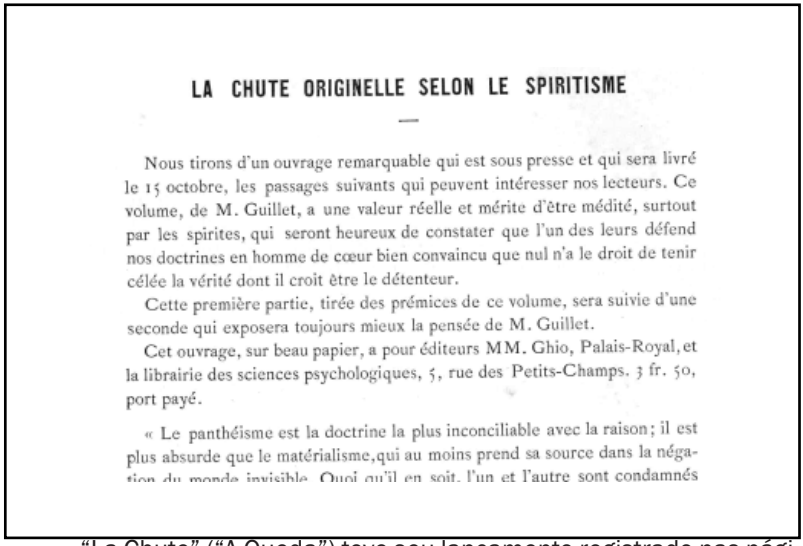
Afinal morre, por haver desmascarado a hipocrisia sacerdotal e as suas ultimas palavras são de perdão: Perdoa-lhe, meu Pai, que eles não sabem o que fazem (Lc. 23:34).

Eis ai o Cristo. Seu amor nos confunde e seus sofrimentos morais nos humilham. Que havemos dado em retribuição dessa paixão delirante? Onde a fraternidade que ele veio fundar? Numa palavra: que fizemos do Evangelho? Ah! Volvamos aos seus ensinamentos sublimes. Escutemos a voz dos Espíritos a quem Deus incumbiu de os tornar inteligíveis. Estendamos-nos reciprocamente mão fraterna e saibamos reconhecer o presente inestimável que o Céu fez à Terra, dando-nos o sentido exato das palavras do Cristo, nesses admiráveis "Evangelhos Explicados" de J. B. Roustaing, que, bem compreendidos serão para nós a senda que nos conduzirá aos mundos superiores, desvencilhando-se das pretensões sacerdotais do nosso baixo mundo.

Busquemos, portanto, a luz, pois que escrito está: Muito será pedido aquele que muito haja recebido. (Lc. 12:48).

15 de Março de 1885.
J.-E. GUILLET.

REGISTROS HISTÓRICOS



LA CHUTE ORIGINELLE SELON LE SPIRITISME

—

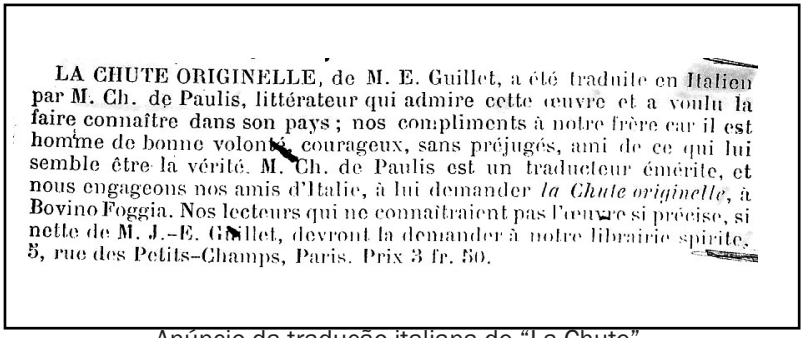
Nous tirons d'un ouvrage remarquable qui est sous presse et qui sera livré le 15 octobre, les passages suivants qui peuvent intéresser nos lecteurs. Ce volume, de M. Guillet, a une valeur réelle et mérite d'être médité, surtout par les spirites, qui seront heureux de constater que l'un des leurs défend nos doctrines en homme de cœur bien convaincu que nul n'a le droit de tenir célée la vérité dont il croit être le détenteur.

Cette première partie, tirée des prémices de ce volume, sera suivie d'une seconde qui exposera toujours mieux la pensée de M. Guillet.

Cet ouvrage, sur beau papier, a pour éditeurs MM. Ghio, Palais-Royal, et la librairie des sciences psychologiques, 5, rue des Petits-Champs. 3 fr. 50, port payé.

« Le panthéisme est la doctrine la plus inconciliable avec la raison; il est plus absurde que le matérialisme, qui au moins prend sa source dans la négation du monde invisible. Quoi qu'il en soit, l'un et l'autre sont condamnés

"La Chute" ("A Queda") teve seu lançamento registrado nas páginas da Revista Espírita em sua edição de Outubro de 1884 (Pág.620); "La Chute & Les Quatre Evangiles de J.-B. Roustaing et le livre des Esprits" tem seu anúncio de vendas na livraria da Revista Espírita em 1º. de setembro de 1886 (Pág.576).



LA CHUTE ORIGINELLE, de M. E. Guillet, a été traduite en Italien par M. Ch. de Paulis, littérateur qui admire cette œuvre et a voulu la faire connaître dans son pays; nos compliments à notre frère car il est homme de bonne volonté, courageux, sans préjugés, ami de ce qui lui semble être la vérité. M. Ch. de Paulis est un traducteur émérite, et nous engageons nos amis d'Italie, à lui demander *la Chute originelle*, à Bovino Foggia. Nos lecteurs qui ne connaîtraient pas l'œuvre si précise, si nette de M. J.-E. Guillet, devront la demander à notre librairie spirite, 5, rue des Petits-Champs, Paris. Prix 3 fr. 50.

Anúncio da tradução italiana de "La Chute",
feita por Charles de Palis,
divulgada na edição da Revista Espírita
de 15 de julho de 1886, pág. 479.

A Lyon est décédé M. J. E. Guillet, bien connu du monde spirite. Excellent époux, bon père, il laisse les siens dans la plus grande douleur. Toute notre sympathie à sa veuve, à sa famille et nos compliments de condoléances.

Tisseur en soie, travailleur acharné, intelligence hors ligne qui cherchait sa destinée, le soir, après ses pénibles journées de labeur, il étudiait la philosophie et cherchait aussi à devenir professeur de musique. Le spiritisme fut pour lui toute une révélation, claire, consolante et lumineuse, qui a soutenu son énergie et décuplé ses aspirations vers un objectif bien défini et supérieur.

Cet humble a professé la musique pendant trente-cinq ans, au Lycée de Saint-Lambert, à Lyon, et au Lycée Ampère, ayant la confiance de tous et l'estime de directeurs éclairés. Ainsi il subvint toujours aux besoins de sa nombreuse famille et de sa chère et dévouée campagne. Ce fut un ami fidèle et sûr.

Partisan déterminé de l'œuvre de J.-B. Roustaing, avocat, il a édité deux volumes pour défendre les théories de ce grand artiste ; ces œuvres se trouvent à notre librairie, elles méritent certes d'être lues.

P.-G. L.

Obtuário de Jacques E. Guillet, publicado na ed. de dezembro de 1900 da Revista Espírita, págs. 753 e 754. Autor Pierre Gaetan Leymarie:

L'AMOUR

ET LE MARIAGE

SELON LE SPIRITISME

SYNTHÈSE PSYCHOLOGIQUE

DONNANT LE SENS ÉSOTÉRIQUE DE LA GENÈSE

PAR

J.-E. GUILLET

BIBLIOTHÈQUE [illegible]
DÉPÔT LÉGAL
Rhône
n° 34
1888

La *Genèse*, sortie de l'allégorie étroite et mesquine, confondra l'incrédulité et la vaincra. ALLAN KARDEC.

Dieu a fait l'homme et la femme au point de vue de l'Esprit et non du corps. J.-B. ROUSTAING.

PARIS

LIBRAIRIE DES SCIENCES PSYCHOLOGIQUES

5, RUE DES PETITS-CHAMPS

—

1888

LA

CHUTE ORIGINELLE

SELON LE SPIRITISME

SYNTHÈSE SPIRITUALISTE

PAR

J.-E. GUILLET

Celui qui, en dehors des mathématiques pures, prétend le mot impossible manque de prudence.

ARAGO

PARIS

LIBRAIRIE
DES SCIENCES PSYCHOLOGIQUES
ÉDITEUR
5, rue des Petits-Champs, 5.

LIBRAIRIE
AUGUSTE GHIO
ÉDITEUR
Palais-Royal, Galerie d'Orléans.

CONHEÇA TAMBÉM OS DEMAIS VOLUMES DA COLEÇÃO “EXAMINAI TUDO”

1. “JEAN BAPTISTE ROUSTAING, APÓSTOLO DO ESPIRITISMO”, de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros (1a. ed. 2005, 2a. ed. 2016);

2. “CONVERSAS FAMILIARES SOBRE ESPIRITISMO”, DE ÉMILIE COLLIGNON, organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;

3. “A EDUCADAÇÃO MATERNAL - O CORPO E O ESPÍRITO”, DE ÉMILIE COLLIGNON, organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;

4. “A EDUCADORA EMILIE COLLIGNON, GRANDE MÉDIUM DA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA”, organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;

5) “EM VERDADE VOS DIGO” - ESTUDO COMPARADO DE “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, DE KARDEC, COM “OS QUATRO EVANGELHOS”, DE ROUSTAING, organização de Julio Damasceno;

6) “EXAMINAI TUDO”- ESTUDO COMPARADO DE “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, DE KARDEC, COM “OS QUATRO EVANGELHOS”, DE ROUSTAING, organização de Julio Damasceno;

7) “O DOM DE DEUS” - ESTUDO COMPARADO DE “O LIVRO DOS MÉDIUNS”, DE KARDEC, COM “OS QUATRO EVANGELHOS”, DE ROUSTAING, organização de Julio Damasceno;

8) “AS VIRTUDES DO CÉU”, organização de Marco Aurélio Assis;

9) “JEAN BAPTISTE ROUSTAING, APOTRE DU SPIRITISME” - VERSÃO EM FRANCÊS DA BIOGRAFIA DE ROUSTAING; organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;

10) DE JESUS PARA AS CRIANÇAS, DE BITTENCOURT SAMPAIO, organização de Jorge Damas Martins.

DOWNLOAD GRATUITO NO SITE WWW.CRBBM.ORG
PEDIDO GRATUITO DE VOLUMES PELO E-MAIL
crbbm50@gmail.com